VIRIATO Corrêa
NOVELLAS DOIDAS

NOVELLAS DOIDAS

DO MESMO AUTOR:

MINARETES — Contos — (Typ. Teixeira. Maranhão) esgotado.
ERA UMA VEZ — Contos infantis — collaboração com João do Rio (2.ª edição — Francisco Alves).
CONTOS DO SERTÃO — (3.º milheiro — H. Garnier).
NOSSA GENTE — Comedia (2.ª edição — Braz Lauria).
HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA — Chronicas e contos historicos (3.º milheiro — Monteiro Lobato & Ca. — S. Paulo edição da «Revista do Brasil»).
TERRA DE SANTA CRUZ — (3.º milheiro — A. J. de Castilho — Rio).
CONTOS DA HISTORIA DO BRASIL — (5.º milheiro — A. J. de Castilho — Rio).

NO PRELO:

ARCA DE NOÉ—Contos infantis (edição da Livraria Castilho).
BICHOS QUE FALAM — Contos infantis (edição da Livraria Castilho).
VARINHA DE CONDÃO — Contos de fadas (edição da Livraria Castilho).
HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA— (2.a edição augmentada, da Livraria Castilho).

VIRIATO CORRÊA

Novellas Doidas

2.º MILHEIRO

1921
LIVRARIA CASTILHO
A. J. DE CASTILHO — EDITOR
RUA DE S. JOSÉ, 114 — RIO DE JANEIRO

869.9
C817n

AOS EXCELLENTES AMIGOS

JOSÉ MARIANNO

ODUVALDO VIANNA

ESTELLITA LINS.

90074026

O DRAMA DE D. ALICE

O DRAMA DE D. ALICE

MONOCULO a luzir no olho esquerdo, impeccavel na casaca de talhe moderno, o desembargador Alves Moreira surgiu alegre:

— Os senhores aqui! quando as moças os reclamam nas salas para as dansas! É uma traição innominavel!

— Conversamos literatura.

— Nessa idade não conheço literatura mais interessante que as mulheres.

E, com aquelle ar de distincção e excentricidade, que o fazia um dos velhos mais queridos do mundanismo, sentou-se ao nosso lado.

Era no terraço do almirante Barros Quintão, em Santa Teresa, numa noite de festa. Fazia annos a filha mais nova do almirante. A casa estava cheia de ruidos, de uma algazarra ala-

cre de moças e rapazes. Lá dentro dansava-se intimamente ao som do piano. Era uma noite fresca, constellada, em que o painel da cidade e da bahia, em baixo, tinha um esplendor de apotheose.

— Conversavam sobre versos?

— Sobre theatro.

— Ah!

Alvaro Valente, em pleno noivado de popularidade, contava-nos a terceira peça que ia lançar em scena. Era um caso vulgar de rua, a que elle, ao que nos narrava, dera um tom de originalidade e de vigor: um marido traido que, depois de crivar de facadas a esposa infiel, arrastara-a á rua para expor-lhe a miseria aos olhos do publico.

— Estou fazendo disso uma coisa forte, intensa, violentissima — um *grand-guignol* doloroso. Não lhe parece excelente?

O desembargador, picando a ponta do charuto, falou:

— Quer que lhe seja franco? Não acho.

— Mas é um *grand-guignol...* disse o escriptor desconcertado.

— Permitta-me a franqueza, insistiu o magistrado. Crimes dessa ordem existem em mais de mil peças, numa infinidadde de *grand-guignol.* Em theatro a originalidade é tudo. Não

sei da originalidade que vae dar a esse caso, mas, pelos traços geraes, duvido muito que a possa conseguir. No theatro, mesmo as coisas velhas precisam ter um traço de novidade chocante e principalmente imprevista. O segredo do palco é justamente isso — o imprevisto. Nesses crimes violentos tudo e tudo é banal, até o ruido que é a maior banalidade da vida. Que interesse póde ter para o publico um marido que mata explosivamente a esposa? O publico vê isso todos os dias, e aquillo que todos os dias nos passa deante dos olhos, perde as virtudes de emoção.

E accendendo o charuto:

— No entanto um grande, um immenso interesse despertará a morte que fôr cercada de circunstancias impalpaveis, intangiveis, obscuras, misteriosas.

E chegando mais a cadeira de vime para junto de nós:

— Conhecem o caso de dona Alice Barreiros?

— Sim.

Tinhamol-o bem vivo na memoria. O caso estalara na cidade havia trez annos, com um escandalo emocionante. Numa noite de baile, dona Alice, louca, deante dos convidados e do marido, escancarara as portas do guarda-vestidos,

onde guardava o cadaver do amante, já em decomposição.

— Conhecem-no mal, como toda a gente o conhece, disse o desembargador. O que ha de interessante não é o epilogo ruidoso do drama. São as circunstancias que envolveram a sua perpetração. E essas circunstancias, ellas principalmente, é que devem constituir uma peça de theatro. Tenho cincoenta e seis annos de vida intensa, bem vividos, bem gosados. Já devo estar cansado de emoções. Mas o caso de dona Alice me commoveu. Posso mesmo dizer que até hoje não houve facto nenhum que mais me impressionasse, deixando-me um interesse tão violento. E quanto mais o desvendo, mas me convenço que o palco da vida é muito mais vibrante que o palco dos theatros. Quanto mais o conheço mais me convenço que não ha imaginação humana, por mais rica e mais extranha, capaz de ultrapassar a realidade dos factos. Pensem na coisa mais exotica do mundo, imaginem o caso mais exquisito que, amanhã, verão desenrolar-se na vida outro facto ainda mais esquisito e mais exotico. A imaginação da natureza é mais culminante que a nossa. A mais surpreendente das fantasias humanas não supera certas fantasias da realidade. Eu, si tivesse jeito para a literatura theatral, construia um

drama impressionante com o episodio de dona Alice.

*
* *

— Conhece-o nas suas minucias? perguntei
— Nas mais reconditas.

O desembargador Alves Moreira pousou o havana sobre o cinzeiro:

— O casamento do Nazareth Barreiros e de dona Alice teve todos os symptomas de um casamento por amor. Eu era intimo das duas familias e acompanhei tudo. Conheceram-se bem novinhos ainda, e o namoro seguiu a ordem natural de todos os namoros: arrufos de quando em quando, ciumadas insignificantes, enfim todas essas miudezas indispensaveis á boa consolidação de duas almas que se desejam. Ambos novos, ambos ricos, não havia entre os dois nenhum outro interesse senão o dos impulsos do coração.

Dona Alice foi uma das meninas mais interessantes da Tijuca. Alta, loira, olhos suavemente azues, teve o pescoço e o collo mais opulentamente bem talhados que já tenho visto no Rio de Janeiro. A mãe fôra uma bella mu-

lher. Tinha ella a belleza da mãe e mais um quê de formosura original, que era da placidez das formas, da harmonia do conjunto e aquella suavidade do azul dos olhos que dava á gente (desculpem-me o lugar commum) a impressão de um lago em sossego. Ninguem poderia imaginar que, na serenidade daquella belleza placida, pudessem um dia viver os germens convulsivos de uma tragedia.

Como já lhes disse, fui intimo das duas familias. Nos primeiros cinco annos, dona Alice foi, que se costuma chamar como o modelo das esposas. Era a ternura pelo marido, a preoccupação constante dos seus deveres de dona de casa. Uma vez encontrei-a arrumando os moveis da sala, porque os creados lhe haviam pregado uma partida.

Comecei depois a notar-lhe uns deslises de austeridade, umas tantas coisas levianas a que os senhores hoje chamam *flirt,* mas que, no meu tempo de rapaz, se chamava o começo do fim. Sempre fui contra os casamentos entre gente muito nova. Nos primeiros tempos da mocidade os impulsos de amor são faceis, os incendios do coração têm a semelhança dos fogos de palha. Por qualquer motivo a alma flammeja. Vê a gente uma mulher qualquer, a retina da juventude impressiona-se, os desejos cre-

pitam e o espirito imagina que é aquelle o tipo que de facto se deseja. Um engano. Os tempos passam e a gente verifica dolorosamente que o tipo ambicionado era outro. E ahi está a desgraça, ahi está o desmoronamento das illusões que sempre traz o desmoronamento do lar. Os moços não se devem casar muito cedo. O casamento é uma frutificação e os frutos só têm sabor quando maduros.

Imaginei que aquella mudança de dona Alice fosse o começo da quéda de seus sonhos. Imaginei que ella não tivesse encontrado no Nazareth Barreiros o tipo idealizado para o seu companheiro na vida.

Tempos depois cheguei mesmo a arranjar outra explicação para aquella nova face do caracter da pobre senhora. O Barreiros andava no periodo mais feliz dos seus triumphos profissionaes. Era o medico da moda. E bem possivel era que, distraido pelo ruido em derredor de seu nome, de alguma maneira se esquecesse da esposa.

Um anno depois, outra pessôa tambem notava a mudança de dona Alice — o proprio marido.

Percebi-lhe immediatamente a mutação: accendeu-se-lhe o amor pela mulher, um desses amores inquietos, surdos, sombrios, que trans-

formam em buraco escuro as almas mais claras e mais abertas.

Foi, justamente, por essa epoca, que o Silva Gentil começou a frequentar a casa. Era realmente um rapagão de estontear as mulheres, forte, sadio, uma dessas bellezas impressionantes de gladiador romano. Era rico e, creio mesmo, tambem ocioso. Nunca lhe conheci uma occupação, a não ser o cuidado pelos desportos, a frequencia assidua aos clubes de natação, regatas e *foot-ball*.

Notei o namoro desde o primeiro dia. Nunca, porém, me pareceu que o Nazareth Barreiros tivesse tido a mais leve desconfiança. Ao contrario, via-o sempre com accentuada simpathia pelo rapaz, uma dessas simpathias misturadas de compaixão.

De uma vez, mostrando-me o Silva Gentil, no *foyer* do Municipal, disse-me com um tom penalizado:

— O desembargador está vendo aquelle rapaz apparentemente forte, apparentemente a vender saude? Pois soffre de uma lesão cardíaca que o levará bem moço.

O anniversario de dona Alice era em janeiro, na quadra mais intoleravel do calor. Depois do casamento nunca deixou de haver jantar e baile no palacete em Copacabana. Naquelle anno, po-

rém, coincidiu que o Barreiros fôsse convidado para fazer uma conferencia medica em S. Paulo, justamente no dia do anniversario da esposa, conferencia a que não podia falhar por já se ter compromettido.

Tinha que embarcar de vespera. E, para não deixar a data natalicia da mulher sem uma festa, resolveu commemoral-a com um dia de antecedencia, com um chá intimo, sob as aglaias do jardim do palacete. Foi uma festa linda, alli a beira-mar, com o oceano azul em frente, as ondas espumando e fervendo na praia. Muita moça, muita, e uma algazarra de risos que as mulheres cariocas sabem ter como mulher nenhuma no mundo. Só o calor, o tremendo calor de janeiro, suffocava um pouquinho as alegrias.

O namoro de dona Alice com o Silva Gentil, aos meus olhos de velho experiente, estava mais que desvendado. Lembro-me de uma scena, naquella mesma tarde do chá, que me ficou absolutamente nitida até hoje. O jardim esvasiara-se. As moças tinham subido para a sala de visitas, improvizando umas dansas, ao som do piano. O Barreiros convidou-me a descer ao jardim, para mostrar-me umas novas plantas de estufa que adquirira. E vinhamos descendo a escada de marmore do palacete, quando percebi dona

Alice, numa mesinha, sob uma arvore, conversando com o namorado. Estavam de costas, não nos viam. Dona Alice passava, ás escondidas, ao Silva Gentil, uma chave.

Tremi, tremi percebendo tudo e, alterando a voz de uma certa maneira que me pareceu depois desajeitada, distraí o olhar do Barreiros para o mar, onde passava um grande transatlantico empennachado de fumo.

A festa acabou cedo porque o Nazareth Barreiros tinha que tomar o nocturno para S. Paulo.

E, depositando no cinzeiro a branca cinza do charuto, o desembargador Alves Moreira disse-nos com um leve sorriso:

— Tivesse eu qualidades de theatrologo, aqui terminava o primeiro acto da tragedia ou drama, como queiram chamar.

O creado serviu-nos sorvete.

*

* *

— Dona Alice, continuou o desembargador, tinha uma creada madurona, que a servia ha muitos annos. Era a Maria, creatura discreta, que ainda está viva, e que actualmente chamei para o meu serviço.

Devia ser muito mais de meia noite, quando o Silva Gentil, guiado pela Maria, entrava no palacete de Copacabana. O Barreiros devia estar muito longe, nas altitudes da serra do Mar, no trem de ferro que o levava á capital paulista.

Previno aos senhores que, o que se vae seguir não são hypotheses, mas minucias colhidas de indagação em indagação entre as proprias figuras do drama.

Cinco minutos depois da entrada do Silva Gentil na alcova de dona Alice batem á porta do quarto. Ella assusta-se, chama pela Maria, mas quem responde do lado de fóra, é o Barreiros, o marido.

Creio que não tenho necessidade de pintar a situação desesperada da pobre senhora. Ha certas scenas na vida que estão desenhadas na sua propria essencia. Os senhores imaginam tão bem quanto eu a situação da mulher do meu amigo.

Os dois ou tres minutos que se passam são horriveis, liquidantes. Dona Alice anda pelo quarto loucamente. A unica salvação que alli existe é o guarda-vestidos. Ella obriga o amante a esconder-se apressadamente no movel, e abre a porta da alcova.

O Barreiros entra com a maior naturali-

dade da vida. Tinha perdido o trem por dois minutos.

Demorara-se na rua até áquella hora, não viera immediatamente para casa, porque tivera que ir ao telegrapho avisar aos medicos paulistas da necessidade de transferir a conferencia.

E, com aquella jovialidade que foi sempre delle, despe-se, mette-se no pijama e resolve-se a trabalhar. Havia na sua conferencia uns pontos fracos, descuidados, feitos ás pressas. Já que lhe sobrava tempo agora, ia corrigil-os.

E, arrastando elle proprio a linda escrivaninha de dona Alice que estava no quarto de *toilette,* trouxe-a para alcova e alli se instalou para escrever.

É necessario que os senhores notem que não havia nisso nada de anormal. O Barreiros era um tanto desorganizado. Nem sempre era o seu gabinete de estudo o lugar preferido para os seus trabalhos. Tanto escrevia no gabinete, como na sala de jantar, como na propria alcova. Aquillo de vir escrever no quarto de dormir era-lhe commum, por preguiça de descer ao gabinete de estudo.

E, por uma coincidencia que eu não pude até hoje desvendar com precisão, a escrevaninha ficou collocada bem defronte, mesmo bem de-

fronte, do guarda-vestidos em que o Silva Gentil se escondia.

Na ansia daquella tremenda situação, dona Alice faz tudo que é possivel para desviar o marido do proposito de trabalhar, alli, dentro do quarto. Pede, insiste, teima, pretexta incommodos, mas elle está tão alheio a tudo e ella tão nervosa e compromettida, que a pobre senhora tem receio de trair-se.

O certo é que elle fica.

Ao começar o trabalho, nota o Barreiros que a porta do guarda-vestidos está entre-aberta. Ralha docemente com a mulher. Já lhe tem dito tantas vezes que um movel d'aquelles, rarissimo, de estilo e gosto, necessita de cuidados excepcionaes. A porta do guarda-vestidos é pesada, e, assim entre-aberta, póde empenar o movel.

E, levantando-se, tranca-a, atirando a chave sobre a escrevaninha.

Tudo isso é feito com a maior naturalidade. Não era a primeira vez que uma scena egualzinha áquella, se havia dado entre os dois, a respeito daquelle guarda-roupa. O Barreiros tinha a mania dos moveis antigos. E ai! de quem não tivesse com estes o cuidado exigido!

E, recomeçando a trabalhar, chama a Maria. A creada attende-o. Que lhe vá preparar um bule de chá.

— Um bule bem grande, um chá muito forte, que preciso trabalhar a noite inteira.

E, baixando a cabeça sobre o papel, continua a escrever tranquillamente.

— Tivesse eu virtudes de comediographo, disse o velho desembargador depois de uma pausa, aqui faria cair o panno do segundo acto.

*

* *

E depois de accender o charuto que se apagara:

— A noite inteira Barreiros escreveu.

Para que os meus amigos não digam que estou romantizando, deixo de alludir ou de esboçar o estado d'alma de dona Alice, o seu horrivel estado d'alma com o amante trancado no guarda-vestidos e o marido inconscientemente, alli, de guarda.

Se ella dormiu ou não, não sei. Creio que não. Isso porém não interessa á acção do drama.

Ao amanhecer (aqui devemos levantar o panno do terceiro acto) o Nazareth Barreiros estava doente. O excesso de trabalho, numa noite

abrasadora como aquella, causara-lhe pontadas na cabeça e um quebramento do corpo.

Tomou umas capsulas, inutilmente. Não saiu da alcova toda a manhã, amollentado.

Talvez que um banho morno lhe fizesse bem. Chama a Maria e manda preparar o banho e, só quando a creada lhe vem prevenir que o banho já está preparado, afasta-se elle do quarto.

Dona Alice passou a noite inteira sem saber a sorte do amante, trancado alli dentro do guarda-roupas. Era natural que, ao sair o Barreiros do quarto, o primeiro impulso da pobre senhora fosse correr ao movel. Foi justamente o que ella fez.

Mas, ao escancarar a porta do guarda-vestidos, um grito rebenta-lhe na garganta. O Silva Gentil estava morto.

Nem podia ser de outra maneira, elle que soffria do coração, trancado a noite inteira entre as quatro paredes de um movel relativamente pequeno.

Não sei o que se passou pela cabeça da mulher do meu amigo. Ha certas situações na vida que pedem resoluções extremas. Aquella era uma dellas. Mas a solução dos casos extremos raramente acode no momento em que precisamos della.

Não acudiu á dona Alice. O que lhe acudiu

foi o desnorteamento, o pavor. Ella, com o amante morto, dentro de sua propria alcova! E gritou pela Maria.

As mulheres têm argucias diabolicas, mas unicamente nos momentos tranquillos. O espirito femenino não foi feito para os grandes golpes.

As duas, bem unidas agora naquella horrenda desgraça, não encontraram uma solução rasoavel. Não sei mesmo se era possivel encontrar. Que fazer em tal emergencia? Atirar o cadaver á rua? Escondel-o? Como? Onde?

Durante dez minutos a alcova foi uma borrasca de nervos.

E as duas discutiam ainda, quando o Barreiros entrou no quarto, de volta do banho.

Com um tom de voz faceto, como que para amenisar o peso da narrativa, o desembargador continuou:

— Não sei se algum dos senhores conheceu a dona Ricardina, irmã do conselheiro Lavrador. Era uma velhota, mettida a faceira, que pintada os labios com carmim, doida por festas e que tinha a mania de namorar todos os rapazes elegantes da cidade. Dona Ricardina era recebida em todas as salas, tinha a preoccupação de frequentar os mais *chics* salões do Rio. Era uma figura ridicula, muita fita, muita renda,

muito pó d'arroz na pelle envelhecida, muito carmim nos beiços que a idade descorava. Não sei porque dona Ricardina não fôra ao chá do dia anterior no palacete. Naquella manhã apparecera com um ramo de flores para dona Alice.

Soube então da festa antecedida, da viagem projectada a S. Paulo, do trem perdido.

Era irremediavelmente festeira o diabo da velhota.

— Não ha mais rasão para se não festejar o anniversario de Alice hoje, o dia exacto, lembrou. O motivo era a viagem a S. Paulo; esse desappareceu...

— Bem lembrado! exclamou o Barreiros.

— Póde-se fazer uma *soirée,* insistiu a velhota.

Dona Alice interveio:

— Não, não! Já se festejou hontem.

— Festeja-se novamente hoje, repetiu dona Ricardina.

— Barreiros está doente! teimou dona Alice.

— Já estou bom. O banho restabeleceu-me.

— Não quero festa, não quero.

E fez tudo para dissuadir o marido.

Quando estava doente, o Nazareth Barreiros era uma creatura teimosissima. Alli mesmo na alcova, pelo telephone, tomou todas as medidas para o baile: a orchestra, a confeitaria, as

flores, os convidados. Quando lhe entrei nessa mesma manhã em casa, por ter sabido do trem perdido, ligava elle o telephone para a casa do Silva Gentil, afim de convidal-o para a festa da noite.

De novo o desembargador accendeu o charuto que se apagara e, como que gosando a emoção que nos brilhava nos olhos, disse com a displicencia de um velho mundano:

— Ahi tem os senhores o final do terceiro acto. Soubesse eu escrever, terminava-o precisamente no momento em que Nazareth Barreiros, alegremente, desprendidamente, começara a falar para a casa do amante da mulher, o qual alli estava ao lado delle, morto, trancado no guarda-vestidos.

*

* *

E, voltando-se para o Alvaro Valente:

— Acha interessante o drama?

— Interessantissimo. Mas...

— Vae-me observar-me que o não finalizei. É um facto. O drama de dona Alice teve realmente quatro actos bem distinctos. Suspendamos o panno.

O palacete de Copacabana encheu-se naquella noite como nunca o vi encher-se em data alguma. O Barreiros passara o resto do dia no telephone convidando toda a gente. Não havia quem tivesse naquella epoca uma evidencia tão brilhante no Rio. A meia noite ninguem podia mexer-se nos salões.

Uma festa arranjada assim de improviso devia resentir-se da pressa, não é verdade? Mas isso não se verificou.

Quando, ás dez horas da noite, entrei nos salões, surpreendi-me com o luxo e o tom de rigor da grande *soirée*.

Havia uma profusão de flores surpreendente. Eram cravos, só cravos vermelhos por toda a parte, aos mólhos, nos jarros, nas columnas, nas mezas, em tudo.

Eram os cravos vermelhos a paixão de dona Alice. O marido requintara sempre em adivinhar-lhe os gostos.

Ao chegar ao palacete já se dansava. Havia longas filas de automoveis na rua. Os salões ferviam. Mas não sei que impressão extranha me causou aquillo. Apezar da agitação das salas, apezar das flores, apezar do luxo, apezar das dansas, tudo me pareceu triste, e não exagerarei se disser que havia um tom de luto em tudo aquillo.

Costumamos emprestar ás coisas o nosso estado d'alma. Eu recebera á tarde a noticia da morte de um velho amigo, e era possivel que a tristeza, que eu via, nada mais fôsse que a minha propria tristeza.

Encontrei dona Alice no primeiro salão. Trazia um vestido de seda molle, escuro, decotado, que a envolvia deliciosamente. Nunca me fez ella uma impressão tão violenta como naquelle instante. Estava exageradamente pintada. Mas apezar do carmim, do pó, do *baton,* de tudo, dava-me a feição de um cadaver. Tudo me causava extranheza: os seus passos eram outros; o brilho de seus olhos, um brilho extranho; a belleza de seu rosto, uma outra belleza. E, ao lado disso, uma inquietação, um ar de somnambula, um quê qualquer que a tornava inteiramente outra. E mais se accentuou em mim essa impressão, quando lhe ouvi a voz, uma voz sumida, tremula, medrosa, com qualquer coisa que eu não sei bem explicar, mas que me infiltrava um frio nos ossos.

Fui eu quem trouxe ao palacete a noticia do desapparecimento do Silva Gentil. A familia, não o vendo entrar em casa pela manhã, (elle que nunca dormia fora de casa) mandara procural-o pelos clubes esportivos, pelos cafés, por toda a parte. E, como desesperasse, in-

dagara em casa dos conhecidos. Teria acontecido alguma desgraça ao rapaz?

— Nada disso, disse-me o Barreiros, numa roda, no terraço, em que commentavamos o desapparecimento. Vocês se esquecem que o Silva Gentil é moço e que, como moço, tem que pagar tributo á idade. Está por ahi em alguma rapaziada.

Houve um momento em que a festa se tornou mais fria e mais triste. Dansava-se quando no salão entrou a mãe de Silva Gentil. Vinha saber se alguem lhe dava noticias do filho. A pobre velha fazia pena na immensa dor de mãe atribulada. Durante cinco minutos alli chorou desabaladamente. Tinha já corrido a cidade, andado por toda a parte inutilmente, indagando, e ninguem lhe dava o paradeiro do rapaz. Saiu depois em prantos, a peregrinar pelas ruas, abatida, corcovada, carregando a sua dor.

D'ahi por diante, dona Alice me pareceu mais inquieta. Era explicavel. O seu coração, com a noticia do desapparecimento do amante, devia estar cheio de máos presagios...

Não a perdi mais de vista. Á meia noite nem mais o riso ella podia forçar.

Notei-lhe uns movimentos ainda mais extranhos.

Andava agora pelas salas com o nariz

no ar, como se estivesse a sentir algum cheiro desagradavel.

Num certo momento agarrou-me nervosamente o braço, levou-me a uma janella, perguntando-me com a voz surda e os olhos em febre:

— Não está o senhor sentindo um máo cheiro aqui dentro?

— Não.

Com franqueza, eu nada sentia, a não ser o perfume intenso dos cravos.

— Não é possivel, não é possivel. Eu sinto um máo cheiro, e forte.

E saiu agitadamente, caminho da alcova.

Uma hora depois pareceu-me que dona Alice havia perdido o juizo. O seu estado de nervos era de quasi loucura. Andava de conviva para conviva a perguntar se não sentiam o tal cheiro forte que só ella percebia.

A uma hora da manhã, atravessava eu o salão quando ella veio de novo ao meu encontro.

— Diga-me, diga-me, insistiu. O senhor não sente um cheiro?...

Não me custava ser-lhe agradavel:

— Sim, sim, um cheiro máo, enjoativo.

E tive que recuar. É que ella, nesse momento, tremeu toda da cabeça aos pés. Um grito saiu-lhe inesperadamente da garganta. Era a explo-

são subita da loucura. Correu a todas as salas, gritou por todos os convivas, um por um, doidamente.

— Venham! venham! O cheiro é aqui! é aqui!

E, deante de todos nós, escancarou de par em par a porta do guarda-vestidos. Um cadaver tombou no chão. Recuámos. Era o cadaver do Silva Gentil.

Estatelados, fitámol-a. E ella, a chorar e a rir, gritou convulsivamente:

— É elle, sim, é elle!

E, de punho cerrados, avançando para o marido:

— Miseravel! Bandido! Infame!

Atirando o charuto por cima do peitoril do terraço, o desembargador Alves Moreira concluiu:

— Aqui termina a peça.

Ficamos um instante silenciosos. Lá dentro as moças dansavam ao piano.

— Por que não a escreve, desembargador? perguntei algum tempo depois.

— Já disse que não tenho nenhum pendor para theatrologo.

— Só por isso?

Calou-se e, depois, tamborilando com os dedos em cima da mesa:

— E tambem por outras razões. É que eu ainda não pude esclarecer bem o drama de dona Alice. Não pude ainda saber com exactidão que papel o meu amigo Nazareth Barreiros representou nisso tudo. Desconfiaria da mulher? Tel-a-ia visto dar a chave da casa ao amante? Teria de proposito perdido o trem? Seria de caso pensado que fechou a porta do guarda-roupas? Seria de caso pensado que escreveu a noite inteira? que no dia seguinte ficou na alcova amollentado? Não teria sido um plano o baile da noite? Enfim, não teria sido aquillo tudo uma vingança horrenda, longamente pensada, friamente executada?

— E que lhe parece? indaguei ansioso.

— Estou tentado a acreditar que o foi, respondeu.

E com um sorriso e um tom de voz que só se encontram nos artistas:

— Mesmo porque, para a intensidade do drama, é necessario que o seja.

O OUTRO

O OUTRO

SE vocemecê não conheceu a Binoca póde dizer, sem pena, que nunca botou os olhos em mulher nenhuma, disse-me o Pedro Guandú, de cócoras, junto á tripeça do fogão, preparando o café.

Era de noite, sob as estrellas, á beira do tijupá sertanejo em que nos aboletámos para dormir.

A conversa havia descambado para mulheres. O Pedro Guandú vinha narrando as aventuras do seu tempo de rapaz e, como eu lhe falasse nas minhas, parou de soprar as labaredas da tripeça, para contar daquella outra saia.

— Foi, com licença da palavra, a mulatinha mais damnada que Deus já poz neste fundão de terra. Um despotismo de bonita, era mes-

mo um alarve de belleza, o capêta da mulherzinha.

Garanto que, lá pelas cidades, vocemecê nunca viu mulher como a Binoca. Assimzinha, deste tamanho — uma miserinha de gente, mas toda carnudinha, viva, como se fôsse feita para um brinquedo. Não sei mesmo como Nosso Senhor pôde botar numa coisa tão pequena tanta belleza junta, tanta faceirice e tanta tentação. Não era mulher, não senhor, só podia ser o demonio vestido de saia.

Olhe que eu tenho andado muito e já tenho visto muita santa rica nas igrejas, mas lhe juro que nunca vi seda nenhuma dos mantos das santas mais macia que a pelle da mulatinha.

O que eu não sei é me explicar, mas o moreno da pelle da Binoca era differente do das outras mulatas: era assim uma côr como de manga rosa bem madura, e no diacho do couro da bichinha havia um brilho tão não sei como, que a gente ficava suppondo que ella tinha luz dentro da carne.

Os olhos, uns brutos assim! Parecia que todo o corpo só tinha sido feito para carregar os olhos. E o que eu não pude ainda comprehender é como elles, tão grandes, se podiam mover com tanta ligeireza, ora p'ra aqui, ora

p'ra ali, ora p'ra acolá, depressa, inquietos, quentes, de deixar a gente banzando. Foram os olhos mais bonitos que já pisaram neste mundão de serra que não acaba mais. E os diabos eram tão humidos e tão cheios de luz que eu hoje acredito no milagre de haver fogo acceso dentro d'agua.

Era ali nos olhos que estava o veneno da mulher: se um christão reparasse bem, notava no fundo da tentação daquelle brilho, uma coïsa qualquer, assim parecida com febre e que não era da terra, mas do inferno.

Parou um instante e continuou:

— Foi numa noite, no samba do Ricardo Cururú, ali nas Aguas Pretas, que eu vi pela primeira vez a Binoca. Estrellas como mosquitos lá no céo. No momento em que ella entrou, olhei para cima e as estrellas se tinham sumido todas de uma vez. A luz dos olhos della era mais forte, e as estrellas, coitadinhas! não brilham quando nasce o sol.

Nem gosto de me lembrar daquella noite! Eu desafiava á viola o Manecão da Baixada quando ella chegou. E, quando ella foi pisando a chinellinha na porta, eu ia abrindo a boca para entupir o Manecão com um verso. Quem disse? Fiquei de boca aberta, o queixo caido, os dedos

suspensos da viola, a viola doidamente apertada ao peito.

Vocemecê vae dizer que é potóca minha, mas indague do Rufino Calangro que estava presente: fiquei com os dedos fóra das cordas, mas a viola continuou a tocar. Era o baticum do meu coração que estremecia as cordas. E ella foi entrando latada a dentro, risonha, alegre, toda saracoteada, com aquelle andarzinho de jassanã vadia, estalando a chinellinha no chão que, ao bater da chinellinha, adquiria um som como o dos sinos. Não foi perguntando quem estava de guarda. Havia violas tocando e ella, sem salvar quem estava presente, sem ao menos ir lá dentro beijar o santo, saltou para o meio da latada, a castanholar os dedos, «cortando» o baião.

Que mulher aquella! Se Nosso Senhor visse aquelle diabinho dansando, Nosso Senhor, a esta hora, era peccador como nós.

Fiquei com a alma descangotada. Desde essa noite não pude mais tirar do nariz o cheiro daquella mulher, aquelle cheiro de flor que eu sentia de longe como se tivesse faro de abelhas.

Fiquei um homem perdido. Nesse tempo eu era aggregado do coronel João Bezerra, das Guaribas, o maior fazendeiro que havia por estas

redondezas de sertão. Eu tinha até vergonha do dinheiro que ganhava porque, desde aquella maldita noite em que vi a Binoca, não houve empregado mais molle, mais triste e mais distraido do que eu. O coronel era um homem brabo. Quando ralhava com uma pessôa era de relaxado e sem vergonha p'ra baixo. Mas serio, bom e amigo até ali — e, não sei porque, gostava de mim como se gosta de um filho. Não fôsse isso, estava eu sem emprego.

E, como a cafeteira começasse a ferver, o Pedro Guandú despejou-lhe duas colheres de café moïdo e continuou:

— Aquella mulher foi o precipicio de muita gente neste sertão. Muito homem de respeito nesta terra perdeu o juizo e a vergonha.

O capêta da bichinha tinha trazido a sorte de arrastar as creaturas para a perdição. Uma vez o padre Victorio, vigario da Barra do Corda, ia levantando o Santissimo, na missa, quando a Binoca foi entrando igreja a dentro, com aquelle andarzinho repinicado que moía e descadeirava o coração da gente. Ainda hoje, quando se fala nisso aqui nestas brenhas, todo o mundo treme: o padre ficou abestalhado, tonto e, por esta luz que nos alumia, a hostia caiu-lhe das mãos. E o padre Victorio foi o vigario

mais serio e mais santo de que já se teve noticia por aqui.

O Bernardo Gameleira, rapaz de bem, já com a sua vida bem começada, com o seu gadinho augmentando, lá está na cadêia do Grajahú, cumprindo sentença, por ter esfaqueado o Mundico Tiririca, quando este beijava a Binoca, na farinhada do Chico Coité.

Eu mesmo já me ia botando a perder: estive quasi não quasi a despejar a carga do clavinote no Benedicto Pinga-Fogo, só de inveja e damnação, porque a Binoca lhe deu um ramo de rezedás na loja do Zeferino da Benta.

O Pedro Guandú tirou a cafeteira do fogo. Quebrou a rapadura nas chicaras e esperou que o pó do café assentasse no fundo da cafeteira.

E, voltando-se a sentar-se, proseguiu num leve tom de amargura:

— Uma sina triste Deus deu á Binoca — ella não tinha affeição por ninguem. Pouco se lhe dava estar hoje nas mãos de um, amanhã nas mãos de outro. Parecia mesmo que o seu gosto era mudar de galho como os passarinhos. O que ella queria era a pandega, o forró, a rapaziada e isso com uma gulodice tão fóra de termo, como se pensasse que o mundo ia acabar.

O sobrinho do major Macario, moço rico,

direito, deu-lhe tudo — casa, roupa fina, até vestido de seda, daquella que range e brilha, mas um dia lá deu com a mulata nos braços do Quincas Tucano, um caboclinho muito ordinario que andou por aqui cantando modinhas.

Eu, por minha vez, offereci-lhe o que tinha. De uma feita, em que estava com a cabeça completamente perdida, quiz que ella fôsse commigo até ao padre para casarmos. Riu-se de mim.

Commigo vá lá — eu não valia nada — ella podia ter razão, mas que diabo! eu lhe entregava um coração doidinho de amor para toda a vida.

Foi mais ou menos por essa época que succedeu o caso mais falado deste sertão. Eu assisti tudo e posso contar como ninguem.

Um dia o coronel Bezerra, aquelle de quem eu era aggregado, me chamou no fundo do paiol de milho e mandou que eu fôsse levar á Binoca um corte de cambraia fina.

Caí das nuvens. O coronel era um homem serio, de respeito, já velho, amigo da familia, contra o qual, nem mesmo no tempo de moço, se tinha que dizer nesse particular de mulher.

Elle me confessou tudo, coitado! Estava completamente apaixonado pela mulatinha. Vinha-se contendo em consideração á sua posição,

em consideração á minha patrôa *siá* dona Violante, mas a tentação da Binoca tinha-lhe escangalhado a alma.

Fiquei com pena, palavra. Fiquei com pena delle, um homem tão bom no fundo e que, mais dia menos dia, acabava na boca do mundo, mettido em algum escandalo com aquella malvada.

E fiquei com pena de *siá* dona Violante, uma santa de bondade, que não merecia aquella ingratidão, já quasi no fim da vida.

E o coronel, tremendo como uma creança, me pediu um milhão de vezes que eu calasse bem a boca, que não dissesse nada a ninguem, pois elle não queria dar á minha patrôa o desgosto daquella fraqueza, nem ao povo do logar o ridiculo daquella paixão.

Empregado é empregado — fui levar o corte de vestido. Fui-me roendo, já se vê, porque eu tambem gostava da mulata, mas empregado é empregado — fui.

Durante dois mezes o coronel visitou a casa da Binoca. Como elle tinha tambem a fazenda dos Mattões, inventou umas reformas e ia lá (nos Mattões) duas ou tres vezes por semana. Levava-me como guia e eu ficava num capão de matto perto da casinha da rapariga, enquanto elle lá passava a noite. Tudo isso com muita reserva. *Siá* dona Violante não desconfiava nada.

Aqui na roça tudo se sabe e até parece que a gente adivinha o que se passa na casa alheia, mas ninguem tinha a menor sombra de desconfiança. Só quem sabia era eu, elle e a Binoca. Ella (eu até me admirei) andava direitinha, comportada, decente que eu até pensei que chegasse a sua vez de crear juizo.

Por esse tempo o filho do coronel, *seu* doutor Mundoca, que estudava em Pernambuco, formou-se e veiu visitar os velhos.

Quando o moço estava para chegar, o coronel me chamou de novo no fundo do paiol de milho: — «Olha lá, Guandú (foi elle quem me botou esse appellido) se dantes era preciso segredo, agora muito mais. Será para mim uma vergonha se o meu filho souber que eu, nesta edade, ando enfeitiçado». — «Descanse, patrão!» E calado já estava, calado fiquei.

Seu doutor Mundoca chegou e foi tal festão lá nas Guaribas que até hoje, quem não morreu, se lembra ainda com saudade.

Moço simpathico o doutor Mundoca! Simples, alegre, como elle só! Soberbia não tinha, nenhuma: quando saía a passeio ia parando para falar com toda a gente e bebendo café na casa de qualquer pobre.

Com a chegada do doutor o coronel ficou mais reservado ainda, mas assim mesmo, quan-

do podia dar uma escapula, zás! batia commigo para os Mattões, no rumo da casa da Binoca.

O que me espantava era ninguem desconfiar, nem mesmo o doutor que era um moço vivo como não sei que diga.

Mas aquillo não podia acabar bem. O coronel, embeiçado como andava, vivia convencido de que a mulatinha não o enganava. Eu bem sabia que elle andava errado. Pois se ella trouxe a sina de ser de todo o mundo!...

Uma noite, vá me escutando, partimos dos Mattões, para ir amanhecer nas Guaribas.

O coronel queria passar um pedaço da madrugada com a Binoca. No meio do caminho a noite escureceu como uma damnada e o trovão roncou. Fomos indo, fomos indo devagarìnho.

Quando chegou perto da casa da mulata o coronel desapeiou e eu fiquei no capão de matto, como era de costume.

Nunca vi o velho tão esquisito como naquella noite. Quando lhe fui segurar o estrìbo para desmontar, senti que elle tremia — pensei que fôsse o frio da chuva que vinha zoando.

O que se passou lá dentro da casa só eu sei dizer, que elle me contou tudo na hora da morte, no dia seguinte.

A coisa se deu desta maneira. Elle encon-

trou a porta da Binoca aberta, apenas encostada. Imaginou que fôsse algum descuido della e seguiu para dentro na pontinha dos pés, no rumo do quarto, para pregar-lhe um sustinho. Apalpando aqui, apalpando ali, foi caminhando, até que esbarrou no punho da rêde. E, devagarinho, poz-se a apalpar os punhos quando a sua mão tocou numa cabeça de homem a dormir juntinho da cabeça da Binoca.

Numa hora dessa o diabo é maior do que Deus. O coronel ficou com o juizo mais cego do que a noite. Puxou da faca que trazia á cintura e foi golpeando, como um desvairado, na escuridão, calado, rangendo os dentes. Passou-se tudo num minuto.

Quando o coronel deu por si, estava atracado pelo homem que elle esfaqueava, e era esfaqueado tambem. Nem uma candeia de azeite, nem um relampago para que os dois se vissem. E, no pretume do quarto, coseram-se horrivelmente de facadas, golpes de lá, golpes de cá, até que rolaram no chão, banhados de sangue, estrebuchando.

Quando ouvi os gritos da Binoca e que corri de luz accesa, estavam dois homens em petição de miseria, cosidinhos de punhaladas. Um era o coronel, ainda vivo, ainda falando, mas já para morrer e o outro já sem fala, morrendo.

— E o outro quem era? perguntei ansiosamente.

O Pedro Guandú respondeu com uma serenidade dolorosa que me arripiou os cabellos!

— O doutor Mundoca, filho do coronel.

A MORENA

A MORENA

O Galdino deu tres repinicados na prima e nos bordões, tamborilou os dedos na tampa da viola e gritou para o Chico Bahiano que, sob a galhada do cajueiro, tinha os braços aos hombros da Janoca:

— Num ajuntamento como este é que eu queria lhe topar, meu branco! Se vocemecê é mesmo cantador pegue na viola e se arraste aqui p'rô lado.

Era no dia da Conceição, ali no alto do morro, em frente á igrejinha, debaixo do cajueiral.

A manhã Deus a tinha feito deliciosamente azul para aquelle domingo de festa. Havia uma alegria esvoaçante em tudo: no arvorêdo que parecia mais remexido que nas outras manhãs,

nas bandeirolas da igreja que só naquelle dia esvoaçavam, nas fitas e nas rendas das matutas, palpitantes ao vento.

Desde o amanhecer que o sino, aquelle tagarela sinozinho de arraial, vibrava desesperadamente pelos ares, annunciando a missa. Mas, como para a missa fôsse muito cedo ainda, o povo se espalhava á sombra do arvoredo, a ouvir as violas dos troveiros.

O Galdino insistiu, galhofeiramente, no desafio.

— Olá, meu branco, vocemecê não quer me escutar? Será possivel que a Janoca lhe tenha posto mouco?!

O Chico Bahiano olhou-o por cima dos hombros carrancudamente e baixou os olhos, a collocar na aba do chapelão de coiro o ramo de de alecrins que a Janoca lhe dera. Mas, ao volver o olhar para o povo, viu que toda a gente o fitava estranhamente, com uma interrogação nas pupillas.

Entre o Galdino e o Chico Bahiano havia um fundo de rancor que nunca explodira, mas que todos presentiam.

E tudo nasceu por causa da Janoca. Quando lhe morreu o marido, ella ficou sózinha no mundo, com os seus dezenove annos em plena flôr, um par de olhos que eram tições, e a mais can-

dente, a mais cheirosa pelle morena do sertão. Foi uma fervura na cabeça dos rapazes por aquella verde região de campos e morros. O Galdino, que nesse tempo ia tendo a fama de primeiro cantador dos arredores, não tirou mais a viola do peito, compondo trovas de amor á morena.

A viola tem o segredo de amollecer o coração das matutas. A Janoca que, durante os doze mezes de luto, se mostrou esquiva a toda gente, um dia, no dia em que estreou a primeira saia de côr, ao ouvir o Galdino cantar-lhe uma «louvação» no samba do Mané Sacrista, amarrou-lhe uma fita no pescoço da viola. Foi o bastante para que ninguem mais arrastasse as azas á viuvinha, foi o bastante para que a Janoca, desde essa noite, ficasse chamada a Janoca do Galdino.

Mas a grande verdade é que os taes amores, já tão falados, não passavam daquelle laço de fita.

Havia na Janoca a vaga repulsa em se deixar cair, havia no violeiro a covardia de conquistar a posse.

E, estavam nisso, quando appareceu por ali, inesperadamente, a figura do Chico Bahiano. Vinha, não se sabia bem de onde, lá dos cafundós de outros sertões, com uma enorme ma-

nada de bois para vender na feira, e uma grande porção de homens para pastorear os bois.

A chegada do boiadeiro foi um acontecimento no arraial. Correram lendas sobre a sua riqueza fabulosa: tinha um sem conto de fazendas e não havia mais cifras para o numero de suas vaccas.

E, de facto, o Chico Bahiano tinha qualquer coisa de deslumbramento para aquella gente simples.

Vestia sempre de brim branco, trazia um lenço de seda escarlate ao pescoço que lhe dava um quê de distincção, prendia as calças com um largo cinto de coiro trabalhado, onde havia uma fivella que brilhava como oiro, e andava com os dedos cheios de anneis que faiscavam a ponto de cegar os olhos. Todo elle era realmente de impressionar: as garruchas que carregava á cinta eram umas garruchas estranhas que só elle sabia manejar, o relogio — um bruto — e a corrente um «dispotismo» e, todas as vezes que mettia a mão nos bolsos, sacava lá de dentro um «mação» de cedulas de pôr a gente succumbida.

Mas, o que mais estonteava o arraial, eram os arreios do cavallo, todos elles de prata, todos, brida, cabeção, fivellas da cinta, estribos, tudo.

E o que deslumbrava ainda mais era o

proprio cavallo, um castanho queimado, fogoso, árdido, relinchante, pelo qual dizia o dono ter enjeitado contos de réis e que, na verdade, não tinha, por ali, outro egual na marcha e no esquipado.

O Chico Bahiano era um sujeito alto, espadaúdo, cabellos lisos e pelle de branco, tostada pelo sol. Tinha-se á primeira vista a impressão de que nelle estava um fidalgo perdido na rudeza dos campos, mas, aos poucos, a sua figura denunciava-se plebéa e vulgar como a de qualquer daquelles homens.

Tudo nelle era empafia e arrogancia que o dinheiro traz. Elle proprio se esquecia da sua linha de importancia. Se era preciso correr atrás de um garrote, corria, como se nunca tivesse tido outra vida a não ser a de vaqueiro; descia a curar as bicheiras de seus bois; bebia cachaça como qualquer pé rapado; dansava nos sambas em mistura com o pessoal mais baixo e sustentava á viola, o «desafio», com qualquer mequetrefe que o provocasse.

E esse mixto de homem graúdo e homem do povo foi o segredo do seu triumpho no arraial.

O seu primeiro olhar, ao pôr os pés naquellas terras, foi para a Janoca.

Estava ella na lua de mel do seu namoro

com o Galdino, virou-lhe pois as costas. Mas o Mané Sacrista, que sempre tivera quéda para «leva e traz», poz-se ao serviço do boiadeiro para seduzir a morena. E fez-se o cerco: o Mané passava os dias em casa da Janoca convencendo-a que agarrasse firmemente o ricaço, doirando-lhe as riquezas e a prodigalidade e diminuindo o Galdino, um pobre cantador de viola, sem eira nem beira, que não podia nunca fazer a felicidade de uma mulher que se prezasse. A viuvinha, com a sua ponta de paixão pelo violeiro, tirava o corpo fóra.

Mas um dia...

Um dia estava a Janoca á porta do vigario, quando o boiadeiro, montado no castanho queimado, riscou no terreiro. O animal, tolhido pela mão de rédea do dono, parou subitamente, num movimento arrogante, soltando um relincho triumphal de «cavallo brioso».

A Janoca teve, como o vigario, uma exclamação de enthusiasmo:

— Cavallo bom, de verdade!

O Chico Bahiano saltou calmamente da sella e, trazendo o cavallo pela rédea, veiu até á rapariga, dizendo:

— Está aqui.

— P'ra que é isso? perguntou ella, sem comprehender.

— O cavallo é seu.

Ella ficou repentinamente de mãos frias e com o coração num «baticum» desesperado.

— Meu?

Elle meneou a cabeça affirmativamente.

— Com arreio e tudo? interrogou a moça numa duvida nervosa, os olhos a faiscar, a voz gaguejante.

— Com arreio e tudo!

A Janoca teve uma emoção desvairada. Aquelle cavallo e aquelles arreios eram o seu sonho de matuta, como eram o sonho de toda a gente das redondezas. E tinha-os agora nas mãos, seus, podendo usal-os, podendo ostental-os nas festas como uma rainha ostenta o seu throno! Humedeceram-se-lhe os olhos, as mãos esfriaram mais, toda ella ficou derrotada em frente do boiadeiro.

Nessa mesma tarde soube-se de tudo no arraial. A Janoca deixou de ser «a do Galdino» para ser a Janoca do Boiadeiro.

Mas o que mais causou espanto no arraial foi a tranquillidade do violeiro. O Galdino, que nunca engulira uma desfeita, não se moveu nem contra a rapariga nem contra o usurpador. Se lhe falavam na coisa sorria com uma jovialidade estonteante: — Um dia é da caça e outro do caçador.

Todo o mundo esperava mais tempo menos tempo uma estralada qualquer.

E agora, quando o cantador atirou o desafio á cara do boiadeiro, houve em toda a gente um sacudir de curiosidade. Que iria sair dali?

— Não vê que eu me baixo a cantar comtigo, caboclo! disse o Chico Bahiano superiormente.

Uma decepção. Todos se entreolharam; a Janoca empallideceu.

O Galdino, que continuava a repinicar a viola assanhadamente, soltou uma quadra no rosto do rival:

> — Eu quiz louvar a Janoca
> Mas não achei companheiro:
> Nem mesmo o amor dá corage
> Ao medo de um boiadeiro.

Uma gargalhada estalou pela sombra dos cajueiros.

— Está com medo, meu branco! está com medo! gritaram os mais ousados.

O Mané Sacrista aproximou-se do Chico Bahiano:

— Não, meu patrão, não póde ser. Desculpe a má palavra, mas vocemecê tem que acceitar o desafio. Fica feio. Vocemecê é cantador, diz que

é, e é mesmo. Já tem cantado com todo o mundo, cantado e vencido, e por que não quer cantar com o Galdino, o primeiro violeiro aqui do logar?! É feio! E além disso é p'rá louvar a Janoca, moça de que vocemecê gosta.

O boiadeiro virou-lhe as costas com um muchocho e um mover de hombros. A Janoca, que o fuzilava com o olhar, chegou-se tremula e branca:

— Que é isso, Bahiano? Pois então tu que és cantador de fama te negas a fazer uma «louvação» a mim?!

E, apanhando uma viola encostada a um cajueiro, estendeu-lh'a magnificamente:

— Toma! Vae derrubar o Galdino!

O povo formou-se em roda. Chico Bahiano concertou o barbicacho do chapéo, sentou-se fronteiro ao Galdino, experimentou a afinação das cordas e esperou que o rival começasse.

O Galdino puxou pelo pigarro, temperou a viola e soltou, com uma voz apaixonada e ardente, olhos cravados na Janoca:

— Os teus oios são de fogo,
Queimam mais do que um tição;
Parece um velho roçado
O meu pobre coração.

E gemendo pelos bordões cantou de novo:

— O meu pobre coração
É todo ramo e fulô,
Tudo rebenta cheirando
Onde Janoca passou.

Estalaram palmas na multidão. O vigario que chegava para a missa parou, acotovelado entre o povo, para ouvir aquelles dois turunas. O Galdino fechou os olhos, fazendo as cordas trinarem, como á espera de uma resposta. O Chico Bahiano não se fez rogado; apertou a viola ao peito e versejou:

— Quando a Janoca passou
No gapó do igarapé
Até nas foias ficou
O seu cheiro de muié.

O Galdino não deixou sequer que elle se demorasse na toada da rima e fizesse uma nova endeixa. Rapido, como para mostrar que era cantador de agilidade, arrancou-lhe o «verso da garganta», improvizando:

— O seu cheiro de muié
Ninguem póde descrevê,
Entra no peito da gente,
Entra sem a gente vê

Dessa vez foi o Chico Bahiano quem lhe tomou o «verso da boca», vingando-se numa quadra feliz:

— Entra sem a gente vê,
Lá de dentro não sae mais,
Por mais véio que se fique
Inda o cheiro se traz.

Houve em toda aquella gente um só grito de applauso. O vigario, que estava ao lado de Mané Sacrista, disse com um enthusiasmo genuinamente sertanejo:

— É cantador de verdade!

O Galdino sorria com as acclamações ao rival.

— Espera que eu te vou atrapalhar, bichão! disse.

E, fitando languidamente a Janoca, a boca bem junto das fitas da viola, cantou:

—Uma vez em seu terreiro
Pondo a camisa a seccar
Succedeu um caso virge
Um caso de admirar...

E encarando inesperadamente o boiadeiro:

— Conta o caso, bichão! Conta o que succedeu!

Era um truque subtil de cantador amestrado.

O outro perdeu a côr. Abriu os labios para dizer qualquer coisa em resposta, mas, de subito, parou, como se nada lhe tivesse acudido á rima. Houve um choque na multidão.

— Que é isso, meu branco! Não deixe o verso cair no chão! chacoteou o Galdino.

O Chico Bahiano fez uma nova tentativa, mas nenhum verso lhe saiu da garganta. Toda a gente cravou de uma só vez, involuntariamente, o olhar na Janoca.

Ella estava branca como a parêde da igrejinha, ansiosa, offegante, com os dois tições dos olhos no boiadeiro, a despedaçar desesperadamente nos dentes o lencinho de rendas.

— Apanhe o verso, meu branco, apanhe! Não deixe o bichinho morto ahi no chão! tornou a gritar o Galdino, sempre a dedilhar a toada da cantiga.

A ansiedade crescia. O boiadeiro não se dava por vencido.

Tres vezes tentou o começo de tres versos e nada lhe acudiu para dizer. A physionomia do Galdino resplandecia:

— Estás derrubado, bicho velho! Assim é que eu gosto de machucar. Já que não pódes levantar o verso do chão, eu levanto.

E improvisou com a voz mais limpida e mais pura do que nunca:

— De dez leguas em redor
Veiu gente de besteira
Correndo em riba do cheiro
Da camisa da roceira.

Foi um delirio. A Janoca correu como uma doida a atirar-se nos braços do Galdino.

*

* *

Á tarde, depois da procissão, lá no fim do cajueiral, o Chico Bahiano pedia dolorosamente ao Mané Sacrista que fallasse á Janoca.

O alcoviteiro coçava desanimadamente a cabeça. Impossivel! Pois elle tinha deixado o verso cair no chão, louvando a morena! Não havia mais promessa capaz de arrançar a morena do Galdino.

Um rapazinho chegou-se trazendo pelo cabresto o castanho todo arreiado.

— Seu Chico Bahiano, está aqui que a Janoca do Galdino lhe mandou. Mandou lhe di-

zer que esse cavallo está muito fogoso, muito árdido e ella não póde mais montar.

O boiadeiro olhou para o sacristão. Este ergueu-se, coçando mais desesperadamente a cabeça:

— Eu não lhe dizia? Vocemecê foi deixar o verso cair no chão, louvando a moça. Não ha matuta que perdôe.

A NOIVA

A NOIVA

— VOCÊ está magrissimo. Esteve doente?

— Varios mezes.

— No Acre?

— Quando de lá voltei. Depois do meu caso nunca mais tive saude.

— Teve você um caso?

— E horrivel. Uma mulher...

— Ah!

E, no lusco-fusco daquella tarde de inverno, Carlos Augusto arrastou-me para os fundos de um café, todo embuçado na capa respingada de chuva.

— Não sei se você se lembra de que, quando daqui parti para o Acre, era noivo?

— Da Esther Teixeira.

— Justamente. Os paes eram ricos e eu

pobre. Não queria casar-me sem possuir alguma coisa. Appareceu-me aquella situação no Acre. Parti com a ansia louca de enriquecer.

— E enriqueceu?

— Ganhei o sufficiente para não morrer de fome. Durante tres annos lá estive satisfeito, trabalhando, sem a mais pequenina alteração de saude. No fim de tres annos as saudades, as cartas da noiva, o desejo de casar-me, fizeram-me voltar. Embarquei em Manáos num vapor do Lloyd. Vinha nessa trepidação deliciosa do noivo que ha muito não vê aquella que vae ser a sua eterna companheira da vida. Foi no Pará que a tal mulher embarcou.

— Que mulher?

— A do meu caso. Embarcou sózinha. Era uma creatura leve, fina, com um quê qualquer de vaporoso nas rendas e nas sedas esvoaçantes que lhe cobriam o corpo. O olhar tinha uma chispa que me impressionou logo ao primeiro momento. Não sei bem o que era, mas havia qualquer coisa de tragico e de sinistro naquelles olhos negros. Mas o que me impressionou profundamente, violentamente, foi a parecença, a incrivel parecença que nella encontrei com minha noiva.

— Com dona Esther?

— Sim. Era de estontear. Quando ella ria,

principalmente quando ria, a semelhança era completa. Aquelle mesmo dobre, ou melhor, aquelle mesmo gorgeio das gargalhadinhas de Esther, surpreendi-o nas suas gargalhadas. Aquelle ligeiro e lindo estrabismo de minha noiva lá estava perturbadoramente reproduzido na tal mulher.

— Seriam irmãs?

— Deixe-me contar.

Sem querer, senti-me arrastado para aquella creatura.

Pouco após a partida do navio, tive a surpresa de verificar que a porta do seu camarote ficava fronteira á porta do meu, separada apenas por um corredor estreito. Sem querer, encontrava-a muitas vezes.

No dia seguinte eramos dois bons amigos, conversavamos longamente no tombadilho e as nossas cadeiras de viagem estavam juntas. Era o namoro aberto, aos olhos de todos.

Contou-me então a sua vida. O amante abandonára-a no Pará e, depois, sentindo saudades, mandára-a buscar.

Vinha ao Rio encontrar-se com elle.

Não alonguemos esta historia: ao avistarmos o Recife tinhamos tudo combinado. Passariamos a noite em terra, longe da monotonia de bordo, na ansia de dois corações que se desejavam.

Chegámos á tarde no Recife. O navio só sairia no dia seguinte, ás onze da manhã. Era o tempo bastante para gozarmos um pouco de liberdade em terra.

Interessante, interessantissima a tal mulher! Era uma dessas creaturinhas que fazem esquecer as horas, que enfloram e douram um trecho de existencia. Alegre, viva, tinha o dom de tudo reviver e de tudo alegrar.

Já ia escurecendo, quando entrámos num hotel para passar a noite. O nosso jantar foi no quarto, um pouco á bohemia, um pouco á estudante, numa intimidade festiva de risos e de beijos.

— E de vinhos...

— Não. Nenhum de nós bebia. Foi no fim do jantar, quando ella trincava uma maçã, que lhe senti a primeira perturbação. Empallideceu de subito, levou a mão ao peito, comprimindo-o, quiz respirar e não pôde, abriu a boca e ia desmaiando.

— Que era?

— Explicou-me minutos depois, quando a crise passou. Em mocinha tentára suicidar-se pelo desprezo de um namorado. A bala offendera-lhe um orgão qualquer lá dentro e, de tempos em tempos, vinha-lhe aquella dôr, aquella falta de ar, aquelle começo de desmaio.

— Não é nada, passa, disse-me abrindo a bolça e tirando um vidro de ether.

Puz-lhe a mão ao peito. O coração batia-lhe como se lhe quizesse saltar de dentro das carnes.

Dez minutos depois tudo havia passado. Ella voltava a ser a mesma mulher ridente, a mesma alegria estourante de garôta.

Deviam ser duas horas da madrugada quando adormecemos.

Durmo sempre pouco, quando tenho a preoccupação de acordar cedo, no dia seguinte.

Eram oito horas da manhã quando acordei. Havia sonhado que perdera o navio e, mal abri os olhos, corri ao relogio para verificar as horas.

Era tempo de nos prepararmos. Dahi a tres horas o navio estaria de partida.

— Acorda, dorminhoca! puz-me a dizer no meio do quarto, alegremente.

E disse a primeira vez, a segunda, a decima. Ella não acordou. Cheguei-me perto, sacudindo-a:

— Acorda, que são horas!

O seu corpo estava hirto, inteiriçado, de uma rigidez completa. Pensei que aquillo não passasse de brincadeira.

Tornei a sacudil-a, a agital-a, fazendo-lhe

cocegas. Nem um movimento, nem um signal de vida.

Corri assustadamente á janella e escancarei-a. Uma golfada de sol entrou, illuminando o quarto. Não sei como não tombei no chão. O quadro era horrivel: em cima da cama aquelle corpo branco, duro, na rigidez impassivel dos cadaveres e um filão de sangue a lhe descer da boca.

Salpiquei-lhe, ás doidas, agua no rosto, palpei-lhe o pulso, friccionei-lhe o peito, auscultei-lhe o coração. Estava morta.

— Morta?

— Irremediavel, desgraçadamente morta. Veja você a minha situação. Calcule-a. A viagem perdida, a policia, as complicações de um processo, a cadeia, tudo, tudo me passou, rapido, pela cabeça. Quiz gritar, mas qualquer coisa me estrangulava a garganta. Foram minutos indescriptiveis, eu a passear pelo quarto, tonto, doido, sem uma resolução, tremulo, batendo o queixo, os olhos cravados naquelle cadaver que uma réstea de sol illuminava. Afinal, veio-me um influxo de coragem.

— Chamou a policia?

— Toquei a campainha para chamar o creado. Mas, mal a campainha tinha acabado de retinir, o medo, o pavor invadiram-me de novo

a cabeça. Por que não havia eu de fugir daquillo? Quando eu entrára no hotel déra um nome trocado; ninguem ali me conhecia, nem sabia de onde eu tinha vindo. Por que não fugir? Por que não escapulir pelas escadas e metter-me a bordo?! Ninguem a bordo sabia daquella noite passada no hotel; ninguem no hotel sabia que eu tinha vindo de bordo.

E puz-me a vestir ás pressas. O creado bateu discretamente á porta. Que ia eu dizer-lhe? Uma idéa acudiu-me de subito:

— Traga o café.

Cinco minutos depois elle voltava com a bandeja e o bule.

Recebi-o fóra da porta, colloquei a bandeja sobre a mesa de cabeceira e, como não houvesse ninguem na escada, desci-a forçando uma calma que eu não tinha. Mal ganhei a rua, tomei o primeiro automovel que passou e mandei tocar para o porto.

Mas o automovel ainda não havia vencido um kilometro, quando dentro de mim se accendeu uma revolta. Aquillo que eu estava fazendo era infame. Como ia abandonar, assim, num quarto de hotel, o cadaver de uma mulher que eu amára uma noite?!

O sangue subiu-me á cabeça, foi num instante que a resolução me surgiu.

— Volta ao hotel! gritei ao motorista.

Quando lá cheguei, corri immediatamente ao quarto. Empurro a porta, abro-a e tenho de encostar-me á parede para não cair.

— Que era?

— O quarto estava vasio. A mulher que eu deixára morta, em cima da cama, já ali não estava. Um calor de febre subiu-me á cabeça. Procurei loucamente o cadaver por todo o quarto. Tremulo, açodado, faço retinir todas as campainhas. O creado corre ao meu chamado.

— Onde está a mulher que eu aqui deixei?

— Não sei, respondeu-me elle.

— Você não a tirou daqui?

— Eu?!

— Não a viu sair?

— Não.

Imagine o meu estatelamento. Era de pôr uma creatura doida.

O creado ficou a olhar-me por muito tempo, apalermado. Percebi-lhe depois nos labios um riso de troça. O tratante imaginava-me um amante infeliz, a quem a mulher tivesse fugido.

Calei-me. O caso era tão estranho que eu não sabia o que dizer. Paguei a conta do hotel e sai.

Eram já dez horas. Faltava uma hora apenas para a partida do vapor.

Corri para bordo. Não estava mais em mim. Os pulsos batiam-me accelerados, um calor de febre queimava-me o sangue.

Ao pisar a bordo, uma nova emoção, um novo choque, um novo estatelamento. A tal mulher, aquella que eu havia visto morta na cama do quarto do hotel, tinha sido encontrada morta no seu beliche.

Carlos Augusto calou-se.

Fitei-o demoradamente como se fita a um louco.

Estaria aquelle rapaz na plenitude do seu juizo? Não seria aquillo uma historia de doido?

Elle molhou os labios que o frio daquella tarde de inverno enregelava, e continuou:

— Quando lhe entrei no camarote que a policia examinava, e que a vi rigida, morta, na mesma posição que eu tinha visto no quarto do hotel, com o mesmo fio de sangue a lhe escorrer da boca, senti que ia desvairar. Tive forças para recolher-me ao meu beliche. Nada mais sei. A febre dominou-me durante toda a viagem.

Ao saltar no Rio eu era um cadaver.

E aqui um choque maior me aguardava.

E calou-se de novo, como si não tivesse forças para contar.

— Diga, fale, conclua! pedi-lhe nervosamente.

— A minha noiva, a Esther, tinha sido encontrada morta no seu quarto.

Recuei. Tudo aquillo me punha a cabeça a arder. Cravei-lhe de novo os olhos. Elle, com o olhar em fogo, um ligeiro tremor nos dedos, concluiu.

— Contei depois os dias, comparei-os. A minha noiva morrera na mesma manhã que a mulher de bordo morrera em Pernambuco.

E com um ar sinistro que me metteu medo:

— Ellas pareciam-se tanto...

Lá fóra a chuva diminuia. Carlos Augusto embuçou-se mais na capa, tirou o relogio, viu as horas, ergueu-se e disse-me estendendo a mão:

— São cinco horas. Vou ao medico tomar a minha injecção de quinino.

DEVER DE MATAR

DEVER DE MATAR

O illustre dr. Mattos de Lacerda, ao entrar áquella hora da noite no clube, de casaca e luvas, trazia no rosto o sulco visivel de uma contrariedade.

Fomos-lhe ao encontro, á porta do salão:

— Esteve no casamento do Pancho Gomez?

— Muita gente?

— Linda festa?

Elle, no meio da sala, entregou o sobretudo ao criado.

— Tragedia horrivel!

Encarámol-o, surpresos.

— O Pancho Gomez morreu.

— Quando?

— Agora, á noite.

— Como?

— Assassinado.

— Por quem?

— Por d. Camilla.

— A mãe da noiva?

— Exactamente.

Desenrolou-se-me, de subito, na cabeça, o mysterio da tragedia. O caso do Pancho Gomez era o escandalo mais ruidoso das rodas mundanas. Tinha sido elle por longos tempos amante de dona Camilla e, de uma hora para outra, sem que ninguem esperasse, appareceu noivo da filha unica da sua antiga amante. A razão do crime era clara aos meus olhos. D. Camilla estava ainda na florescencia viçosa de um outomno sadio. Sentira certamente a ferroada do ciume no peito e na carne; sacudiram-se-lhe todas as fibras de mulher abandonada, e matou o homem que a desprezava.

— Ciumes do amante por causa da filha, não é assim?

O dr. Mattos de Lacerda voltou para mim o brilho do seu monoculo:

— Não. Necessidade, ou melhor, dever de matar.

Sentámo-nos todos. Mattos de Lacerda á borda da fôfa poltrona de couro verde.

— Não me repugna contar as minucias do caso. Muitas dellas envolvem a minha discre-

ção de medico. Mas, amanhã, a reportagem dos jornaes, sempre febril e sempre abelhuda, fatalmente porá em publico as miudezas mais reconditas do facto.

Quando d. Camilla se casou com o Silva Graça era a mais formosa e mais rica moça de Botafogo. Era tambem a mais infeliz. A mocidade do Silva Graça fôra a mais dissoluta e perdularia que tenho visto. Gastou a saude em «farras» e mulheres; gastou-a tanto que, ao casar-se, estava inteiramente inutilizado.

Não sei se vocês se recordam quando aqui surgiu o Pancho Gomez. Era um rapagão bem parecido, audacioso, insinuante, com um jeito particular de fazer camaradagem, um desses typos perigosos, que tudo conseguem e abrem facilmente de par em par todas as portas da vida.

Dizia-se ora argentino, ora mexicano, ora espanhol, mas de facto era um desses aventureiros universaes, impavido, sem escrupulos, na ansia feroz de enriquecer. Sempre bem vestido, sempre de maneiras finas, entrou na sociedade inesperadamente, conquistando-a como um triumphador.

Eu era o medico da casa e, quando abri os olhos, não me podia mais enganar: dona Camilla era a amante do aventureiro.

Tempos depois segui para a Europa, onde me demorei. Ao voltar, estava dona Camilla mãe da Annita, essa linda creatura que hoje se ia casar com o Pancho Gomez.

Eu não me podia illudir quanto á paternidade da creança. Sabia bem o desperdicio de vigor da mocidade libertina do Silva Graça.

Passam-se os annos. O Pancho Gomez investe pela vida a dentro, de audacia em audacia, de victoria em victoria. Consegue ser tudo o que quer: director de bancos, de empresas industriaes, com casa em Petropolis, na Suissa, na Italia, automoveis, cavallos, joias, mulheres, tudo.

Casa-se. Mas os seus amores com d. Camilla não se interrompem.

A Annita vae crescendo. Aos 15 annos é de uma belleza estranha e perturbadora. Nada tem da mãe, a não ser a voz harmoniosa e ondulada. É de um moreno diabolico, os olhos muito grandes, os cabellos muito pretos e um tal viço de mocidade e de esplendor que, por mais sediça que seja a comparação, a gente, ao vel-a, recordava a rosa desabrochando.

O Pancho Gomez enviuvou depois de cinco annos. As suas visitas em casa de d. Camilla tornaram-se mais assiduas. Falou-se até que o seu desejo era casar-se com a antiga amante, mas

o Silva Graça atravancava o caminho, teimando em não morrer.

Uma noite, num baile do Club dos Diarios, tive a surpresa dolorosa: o Pancho Gomez estava apaixonado pela Annita e, peor ainda, estava ella mais fortemente apaixonada por elle.

Fugi. Durante varios mezes não appareci no palacete do Silva Graça, aterrado. Eu previa ali dentro o desenlace de uma tempestade horrenda.

Uma tarde d. Camilla mandou-me chamar. Fechámo-nos no seu quarto de vestir e ella contou-me tudo. O Pancho Gomez havia pedido a mão de Annita. Que devia ella fazer?

— Evitar o casamento, respondi vigorosamente.

E evitar de qualquer meio, fosse como fosse, ainda que se fizesse necessario um escandalo.

— Conte tudo á sua filha. Diga-lhe que o Pancho Gomez é seu pae.

D. Camilla, debulhada em lagrimas, confessou-me que não teria coragem para tanto. Faltavam-lhe forças para revelar á filha a sua indignidade de adultera.

— Entenda-se então com o Pancho Gomez. Não saberá elle que é o pae da moça?!

Não sabia. D. Camilla jurou-me que nunca

lhe havia dito a verdade sobre a situação do marido.

Imaginei tudo sanado. No momento em que d. Camilla confessasse ao amante ser elle o verdadeiro pae da moça, seria elle o primeiro a desmanchar o noivado.

Mas a vida é uma fonte estonteadora de imprevistos.

Uma semana depois d. Camilla me mandou de novo chamar.

Tinha-se entendido com o Pancho Gomez, confessando-lhe tudo e tudo, revelando-lhe uma por uma as provas da paternidade. Mas elle não quizera acreditar.

Percebi os escaninhos complicados do caso. O Pancho talvez estivesse a suppôr que o impulso da antiga amante nada mais fosse que assomos de despeito e ciume, que toda aquella historia não passasse de invencionice de mulher para afastar a filha do homem que amava.

— Falou-lhe serio? perguntei.

— Falei-lhe.

— Deu-lhe todas as provas?

— Dei-lhe.

— É estranho.

D. Camilla ergueu-se limpando os olhos.

— É que elle é muito mais infame do que eu pensava.

Não compreendi bem a phrase. Calei-me, pensando longamente numa solução para o caso.

D. Camilla, que se afastára até á janella, voltou:

— Quero pedir-lhe um favor.

— Sempre ás ordens.

— Entenda-se com o Pancho.

Não me podia negar, embora fosse do meu habito fugir aos dramas intimos dos outros.

Mas era uma pobre mãe que queria evitar que a sua filha casasse com o proprio pae.

— Hoje mesmo me entenderei.

E sai.

A minha conferencia com o Pancho Gomez foi um dos episodios mais incommodos e mais dolorosos da minha vida. Falei-lhe como medico, invoquei-lhe a dignidade da minha profissão, tudo, tudo. O miseravel fingiu não acreditar. Era muito mais infame do que toda gente pensava. Havia nelle um amor de carne pela juventude embriagante da Annita, e o bandido não tinha animo, ou não queria ter o animo de suffocar os seus desejos, nem mesmo deante da revelação gravissima.

O casamento foi marcado para um mez depois.

A situação de d. Camilla commoveu-me. A pobre senhora fez tudo que era possivel fazer

para evitar a infamia. O Silva Graça não comprehendia a repulsa da mulher; pela cabeça da moça não passava a mais pequenina sombra de suspeita.

De oito dias para cá d. Camilla não teve um descanso. Era do meu consultorio para a casa de Pancho Gomez, da casa de Pancho Gomez para o meu consultorio.

O miseravel não cedia. Sempre a fingir que eram ciumes da antiga amante.

Ante-hontem, ao entrar no palacete do Silva Graça, encontrei d. Camilla serena e concentrada. Previ, mais do que nunca, a explosão da tragedia. O casamento, como vocês sabem, foi marcado para hoje. Compareci como o espectador que vae assistir conscientemente a um *grand-guignol.*

A casa estava cheia. A Annita mais linda do que sempre, toda de sedas brancas, leve, vaporosa e aquelles dois olhos negros e aquelle moreno do rosto ardendo num transporte.

Era no grande salão de visitas que se ia realizar a cerimonia. A noiva entrou arrastando o longo vestido de gaze, cercada das damas de honor, sorridente e feliz.

O juiz começou a solennidade. D. Camilla, de pé, immovel, olhos baixos, não tinha a mais leve contracção no rosto.

Foi no momento culminante da cerimonia, que se deu a tragedia. O juiz perguntava ao noivo se era do seu gosto e vontade receber Annita por esposa. Nesse momento d. Camilla moveu-se. Vi-a chegar-se perto do Pancho, justamente na occasião em que elle abria a boca para responder.

Um grito escapou-me da boca, apagado pelo grito de susto de toda a sala. Vultos atravessaram-se á minha frente; não pude ver o que se passára.

O salão borborinhou aterrado.

Approximei-me finalmente. No tapete o Pancho Gomez estertorava, morrendo, com o peito da camisa avermelhado de sangue. No chão um punhal pingando.

D. Camilla conseguira enterrar-lhe a arma no coração.

E, assestando de novo o monoculo, o illustre dr. Mattos repetiu-me.

— Não foi ciume. Dever de matar.

E, voltando-se para o criado, que tambem o ouvia, a distancia:

— *Garçon,* traze o chá.

ELLAS DUAS

ELLAS DUAS

(Trecho de um diario de viagem)

. . . .

AQUELLAS duas mulheres impressionaram-me desde o primeiro dia de viagem.

Via-as sempre afastadas, cada uma com o seu pimpolho, mas a se procurarem com os olhos como que para melhor se distanciarem.

Uma tarde, no terceiro dia de mar, na escada que levava ao salão de musica, surprehendi-as num encontro. Uma descia, a outra subia. O olhar que trocaram gelou-me os ossos. Foi um olhar tremendo, em que havia um mundo de fel, um mundo de odio, um desses olhares que estrangulam, que estraçalham.

Uma era loura, alta, olhos profundamente

azues; a outra, morena, cabello rebelde de um negro violento. Ambas bonitas, ambas talvez da mesma edade — vinte e cinco a vinte e oito annos.

No quinto dia de viagem o romance das duas estava aberto á curiosidade e aos commentarios das rodas de bordo.

A morena era madame Cabral, esposa do ex-corretor Ephigenio Cabral, um sujeito gordo e baixo, que passava o dia inteiro no *bar*, olhando sombria e silenciosamente um copo de cerveja.

A outra, a loura, era a amante do ex-corretor.

Entre aquellas duas mulheres havia um odio de morte. Quando madame Cabral se casou, já o marido tinha aquella amante. Esperou-se que, com o casamento, se desmanchasse a ligação.

Mas a paixão do corretor pela loura era uma dessas paixões de raizes fundas que, por mais que se pretendam arrancar, deixam sempre um pedaço lá dentro para florescer.

A esposa entrou então num trabalho fatigante de teimosia para afastar o marido dos braços da amante. Fez tudo que uma mulher caprichosa e ciumenta costuma fazer nessas situações: scenas, intrigas, ameaças, queixas, o

diabo. Mas tudo foi baldado. A loura venceu, ou melhor, ficou no que estava.

Ephigenio Cabral tinha a duplicidade do lar, cuidadoso com os dois, carinhoso com ambos. Nada faltava em casa da mulher legitima e em casa da amante.

Não pude saber se foi por exigencia da loura ou se por excessivo requinte de homem sensual, o corretor deu para egualar as duas mulheres. Quando dava uma joia a uma dellas, dava uma joia egual á outra. As duas vestiam-se pelo mesmo preço, na mesma modista, *toilettes* rigorosamente eguaes.

O rancor da legitima pela outra, a quem ella chamava intrusa, ferveu estupendamente. Se as duas um dia se encontrassem a sós, se exterminariam.

A maior affronta que Ephigenio Cabral fazia á esposa era aquella viagem. Tinham combinado um passeio á Europa. Madame vira, no passeio, um recurso excellente para desligar o marido da amante. Talvez, lá fóra, num outro meio, ao choque de novas impressões, elle se esquecesse...

Mas, ao entrar a bordo, a surpresa foi cruel. Lá estava a intrusa, já installada na sua cadeira de braços, tranquilla como quem tem a consciencia do seu poder.

Na Europa viajaram sempre nos mesmos navios, nos mesmos trens e, em certas cidades, viveram nos mesmos hoteis.

Agora voltavam no mèsmo paquete.

Havia, no rosto de madame Cabral, um traço de eterno desespero. Procurei-lhe muitas vezes na physionomia aquelle tom de soffrimento que existe sempre em todas as mulheres humilhadas pelo marido. Não encontrei. O que ella deixava claramente desvendado era o odio, um odio terrivel pela outra, um desses odios implacaveis, infernaes que são mais violentos que os proprios venenos.

O ex-corretor devia ser a creatura mais estranha da terra. Era um temperamento sombrio, ao mesmo tempo aguado, ao mesmo tempo methodico.

Nunca ninguem lhe ouviu uma palavra durante a viagem. Nunca estava noutro logar a não ser defronte daquelle interminavel copo de cerveja, de manhã á noite.

Pelo que vim a saber depois, sempre tivera um methodo minucioso na sua exquisita situação domestica. A esposa nunca lhe vira trocar sequer um olhar com a amante; a amante nunca o surpreendera numa palavra com a esposa. Dentro da sua infamia procurava ter o que elle, com certeza, chamava decencia.

O acaso ás vezes concorre para coincidencias interessantes: madame Cabral tinha um filho de seis mezes que trazia sempre nos braços, preferindo o seu cuidado de mãe ao cuidado da creada; a loura, a «intrusa» tinha um filho da mesma edade, do qual não se afastava.

No decimo dia de viagem, numa madrugada de luar e ondas mansas, nós todos a bordo acordámos com um grande choque.

Abri a porta do camarote e corri para cima. A desordem era completa. O navio, desviado pelas correntes maritimas, havia trepado nuns arrecifes occultos sob as vagas.

O perigo era grave. Tinhamos que abandonar o navio em procura das costas do Brasil que não deviam estar muito longe.

O commandante, calmo, com uma energia de ferro, dava ordens. Havia um trabalho afoito de arriar escaleres.

Ia raiando a manhã, quando o piloto me indicou a embarcação que eu devia occupar. Eramos dezoito pessoas com os tripulantes aos remos.

Naquella confusão do começo, no lusco-fusco do dia que raiava, não pude distinguir as physionomias dos companheiros de barco.

Mas, a duas milhas do navio naufragado, já vogando em rumo das costas brasileiras, quan-

do a manhã raiou completamente, meus olhos se surpreenderam. A sorte havia collocado madame Cabral no mesmo escaler que a sua inimiga. Ali estavam as duas, uma defronte da outra, os pés quasi que a se tocarem, cada qual com o seu filho no regaço, mudas, levadas ao acaso, na mesma desdita de naufragas. Lá adeante, silencioso como sempre, indifferente e molle como todos os dias — o corretor — junto do piloto que governava a embarcação.

O escaler era pequeno de mais para que pudessemos carregar as bagagens. Nenhum de nós trazia nada, a não ser a roupa do corpo.

Ao meio dia já tinhamos perdido de vista o navio.

O mar, que estava calmo e liso, começou a encrespar. Eu estendia baldada e ansiosamente os olhos pelos horizontes, na esperança de terra.

Nas primeiras horas do naufragio, com aquelles choques imprevistos que nos amarguravam a alma, nenhum de nós sentiu fome e sêde. Mas, ali pelas duas da tarde, tinhamos a garganta a arder e o estomago em ansias.

Fui o primeiro a reclamar alimento e agua. A decepção foi horrivel. Na pressa, na confusão, na afoiteza de salvar a vida, tinhamos todos, até os tripulantes, esquecido o que era necessario para comer e beber.

O piloto tentou voltar ao navio. Mas era impossivel; o vento soprava agora em contrario, furiosamente. Uma sombra carregou-me o semblante. Senti que havia na physionomia de toda a gente o mesmo peso que me anniquilava.

Á tarde uma carga dagua desabou. Molhámo-nos todos, mas conseguimos matar a sêde.

Não me quero lembrar da noite miseravel que passámos naquelle escaler estreito, apertados uns de encontro aos outros, a roupa pingando, famintos, ao acaso, nas ondas encapeladas.

Ao amanhecer eramos como cadaveres, olhos fundos, rosto escavado e o traço imperecivel de quem só pensa em morrer.

Os meus olhos voltavam-se sempre para aquellas duas mulheres, separadas na vida pelo odio e agora ali caminhando juntas para a morte, talvez. Não se olhavam, ambas de olhos baixos, ambas chorando a pensar na sorte do filho pequenino que traziam no regaço, a tiritar.

Deviam ser dez horas da manhã, quando se deu o desastre. Uma vaga mais forte arrebatou o leme das mãos do piloto. Todos os esforços foram feitos para alcançal-o. Nada.

Se alguem havia que ainda tivesse esperança na vida, com aquelle desastre, perdeu-a com-

pletamente. Iamos todos morrer de fome e sêde dentro daquelle esquife que o mar agitava, sem governo, ao sabor das correntes.

As duas creancinhas, no collo das duas mães, choravam de doer o coração. Madame Cabral, de quando em quando, levava o filhinho ao peito e ali, mesmo deante de nós, amamentava-o. O mesmo vinha fazendo a loura, desde o dia anterior, com o seu pequenino.

Mas, ao entardecer, compreendi tudo. A amante do corretor não tinha mais leite.

Vi-a afogar o rosto nas mãos, a chorar, chorar interminavelmente, num soluço surdo de retalhar a alma.

E o tempo foi passando. A creancinha, faminta, abria em desespero a boca, ansiosa, numa voracidade inconsciente, nuns vagidos apagados. A pobre mãe levava-a novamente ao peito, punha-lhe o bico á boca e ella chupava, chupava interminavelmente, chorando sempre.

Desde esse momento notei que o rosto de madame Cabral mudava. Ella, que até aquelle instante não tinha erguido os olhos para a outra, fitava-a agora, agora não mais com aquelle lampejo de odio que eu lhe surpreendera no navio, na escada que levava ao salão de musica. Agora era um olhar de ansia, com um mixto de bondade e compaixão.

E, embora atribulado pela morte que eu já esperava resignadamente, não pude desviar-me da observação daquelle caso curioso de psychologia.

Madame Cabral hesitava angustiadamente. Era uma pendula perfeita. Ora oscillava para o seu odio fundo, aquelle grande odio que enchia toda a sua vida; ora oscillava para a sua alma de mãe, compreendendo a dor daquella outra mãe.

Eu esperava, curioso, o coração aos pulos, o olhar acceso em cima della.

A creança faminta poz-se a gemer de novo. A pobre mãe levou-a outra vez ao peito. E o pequenino, insaciavel, poz-se, como das outras occasiões, a sugar o seio branco.

Cinco minutos depois, eu que dellas não desviava os olhos, vi que os labios da creança estavam cheios de sangue. A mãe, á falta de leite, dava-lhe o sangue agora.

Uma exclamação ia-me escapando da boca, mas não me saiu inteira. É que, nesse momento, madame Cabral arrebatava a creança dos braços da inimiga.

É possivel que a minha affirmação seja sediça, mas é verdadeira — mãe é a divindade maxima.

Madame Cabral abriu a blusa, tirou de den-

tro o seio pojado e entregou-o carinhosamente á voracidade do filho daquella que mais odiava na vida.

Todos os nossos corações se alegraram. Sómente lá na pôpa, junto ao piloto, um homem se conservou indifferente e impassivel — o corretor. Parece que aquillo não lhe causava a menor emoção. O seu olhar era o mesmo olhar sombrio e parado dos dias de viagem, defrontando o copo de cerveja, no *bar* do navio.

Não sei como a natureza conseguiu fazer as mães todas pelo mesmo molde, todas com a mesma grandeza!

. . . .

O TIRO

O TIRO

AO erguer os olhos dos bilros da almofada de rendas, na varandinha da palhoça, a velha Paulina viu o Mirigido apontando na porteira do caminho, com um grande cão pela corda e uma braçada de flores aconchegada ao peito.

— «Bença», mamãe?

— Deus te abençôe.

E dando-lhe a mão a beijar:

— Não querias voltar mais. Uma semana!

Elle explicou. É que não encontrára em casa do Pedro Capininga o cachorro «onceiro» que tinha ido buscar. Tivera que ir ao Chico Curimã, dez leguas além; e, como o Chico tivesse ido para umas farinhadas distantes, esperara-o para que elle lhe emprestasse o cachorro que, ao que se dizia, era melhor que o do Pedro. Agora,

sim, tinha com que caçar a «patifa» da sussuarana que lhe estava a dar cabo dos cabritos e leitões.

— E como vae ella, sossegou? perguntou elle.

— A onça sussuarana?!

— Sim!

A velha Paulina deu um muxoxo. Qual o que! Cada vez peor. No domingo tinha comido uma novilha do Bento Mutamba, na capoeira juntinho da casa. No outro dia — uma bezerra da Tonica Mandy, uma cabra do Nadico. Ainda na vespera, á noite, tinha tido a semvergonhice de vir ali, ao quintal, matar o cevado, no chiqueiro, junto da cozinha.

— Um horror! só falta vir comer a gente dentro de casa. Anda ahi, pelas estradas, topando com a gente. Ninguem mais póde sair nem para ir á fonte buscar agua.

— Mas agora ella leva uma marcha, disse elle. O cachorro que eu trouxe «dizque» é bom de verdade.

A velha Paulina já ia entrando para o corredor quando elle apanhou a braçada de flores que havia pousado sobre a almofada de rendas. Ella voltou.

— Onde tu vaes, Mirigido?

— Levar estas flores á Rufina.

— Não vás lá, não.

— Porque?

Ella chegou-se para perto.

— A Rufina fugiu de casa.

— Fugiu?

— Sim, com o Januario, a desavergonhada. Foi uma coisa sem ninguem esperar. Eu bem te dizia que ella gostava delle.

O Mirigido ficou zonzo, besta, a olhal-a aparvalhadamente.

— Foi melhor assim, meu filho. Deus sabe o que faz. Se tu tinhas que ser infeliz, foi melhor assim.

E entrou para preparar o almoço. E elle, encostado ao esteio da varandinha, poz-se a esfrangalhar nervosamente as flores nos dêdos, com uma horrivel zoada na cabeça e uma compressão no peito e na garganta. Não, aquillo não podia ficar assim só!

Fôra numa vaquejada, na fazenda do coronel Damiano, que vira a Rufina pela primeira vez. Vinha elle á frente do gado, «aboiando» como guia daquella malhada, quando, ao desembocar na campina dos curraes da fazenda, avistou, de longe, o vulto alacre de um vestido vermelho. O grande pateo dos curraes estava cheio de homens e moças que tinham vindo assistir ao entrar da boiada, mas elle só via, no meio

da mancha negra da multidão, a sombra inquieta daquelle vestido escarlate.

O destino é o destino. O gado foi chegando, com a vaqueirama toda em alas para que a boiada inteira, numa só massa, tomasse o caminho da porteira do curral. E, no momento em que os primeiros chavelhos vão transpondo a porteira, o *Soberbo,* o garrote mais damnado da malhada, rompe as alas e vôa como uma flecha no rumo do vestido encarnado. Viu tudo num relance. Gritos de susto, berros, confusão. Metteu a espora no cavallo e partiu, como um maluco, para a frente do garrote. Não durou mais que um segundo aquillo. Empurrou de tal maneira a vara de ferrão no focinho do toiro, que o animal recuou, preparando depois a carreira para cima delle. Mas ahi foi bobagem. Já tinham acudido outros vaqueiros e o Antonio Pinto, bichão no laço, laçou o garrote.

O destino... o destino... A dona do vestido era a Rufina.

O namoro pegou ahi. A Rufina esplendia de graça e risos, no calor da mocidade vibrante. E o que nella era mais bonito do que tudo era o cabello, um cabello mais preto que uma noite de cego, lustroso, ondeado e grande, um «disconforme» de grande, «um não sei que diga» de cabello, que lhe batia abaixo da cintura e que,

quando o prendia no alto da cabeça, a gente tinha a impressão de que ella carregava uma almofada.

Até o gado o Mirigido levou a pastar em redor dos campos verdes em que ella morava.

Noivaram-se. Foi já depois de noivos que se deu a «turra» entre elle e o Januario. Era pelo Natal, no festão de «papouco» do Zéca Babassú, numa noite de luminarias e dansas. O Januario tinha a fama de valentão, a soberbia do primeiro jogador de páo daquella beirada de rio. Ia para mais de meia noite e o Mirigido dansava com a Rufina, quando elle lhe tomou o par dos braços, estupidamente:

— Este pedaço quem dansa sou eu.

Rompeu o bate-boca. O Januario foi buscar o cacete a um canto da latada, o Mirigido apanhou o primeiro cacete que lhe appareceu á mão. E os dois lutaram até que o Mirigido desarmou o outro. O Januario nunca tinha sido desarmado por ninguem. Perdeu a cabeça, sacou da bicuda e foi em cima do Mirigido, enterrando-lhe a faca. Por um triz lhe teria trespassado o coração. Mais de um anno levou a curar-se da ferida, sem poder trabalhar para o preparo do noivado.

Agora, porém, estava tudo prompto. Já tinha comprado a fatiota de panno fino, mandara

fazer casa nova, ali, pertinho da casa da mãe, vestidos para a noiva, e só esperava que o vigario passasse, em desobriga pelo povoado, para lhe fazer o casamento.

E, de uma hora para outra, chega e sabe que a Rufina fugira com outro e logo com quem! com o Januario, com o miseravel do Januario que o puzera entre a vida e a morte.

Não, aquillo não podia ficar assim!

Quando a velha Paulina voltou lá de dentro já elle tinha aquella coisa a verrumar-lhe o juizo. Mataria a Rufina e o Januario, désse por onde désse!

— Vem almoçar, Mirigido.

— Não quero, não, mamãe. Almoce, almocei com o Mundico Gafanhoto.

Ella entrou. Elle foi ao quarto, apanhou o bacamarte e, na ponta dos pés, para que a mãe não ouvisse, saiu. Amargava-lhe a boca como um fel. Além, no caminho da casa da Rufina, sentou-se. Descarregou o bacamarte, pozlhe nova carga de polvora e chumbo, calmamente, friamente, com um cuidado e um gosto que nunca tinha tido nem mesmo para matar as féras. Entraria no terreiro da Rufina e descarregar-lhe-ia o bacamarte no peito. Se o Januario apparecesse morreria tambem.

Poz a arma ao hombro e seguiu. Adeante,

nas proximidades do olho d'agua, um sacolejão fez-lhe o peito vibrar. Na areia da estrada desenhavam-se os rastos da chinellinha da Rufina e, ao lado, o sulco do pé do Januario. Pelos signaes tinham os dois seguido para o olho d'agua.

Uma zoada, aquella maldita zoada de quando a mãe lhe contou tudo, rebentou-lhe novamente na cabeça. E seguiu, guiado pelos rastos.

Contornou por trás de umas soqueiras de cannarana, acocorado, o bacamarte entre as mãos, o dedo no gatilho.

O som de umas vozes apagadas chegou-lhe como um cochicho. O cerrado de um tabocal vedava-lhe a vista. Moderou os passos e foi, num passinho de caçador, rodeando, rodeando a toiceira á procura de uma aberta para entrar. O vulto de uma saia appareceu-lhe por entre o emmaranhado das folhas de taboca. Parou. Batia-lhe tanto o coração que teve a impressão de que o mundo inteiro lhe estivesse a ouvir as pancadas.

Deitou-se no chão e, deitado, foi devagarinho, devagarinho, arrastando-se como uma cobra, torcendo-se aqui, ali, no rumo da sombra branca da saia, através das folhas. Outro vulto desenhou-se-lhe aos olhos. Era o Januario. Tinha vindo ali, com a Rufina, cortar tabocas para

a cerca do gallinheiro. Estavam os dois sentados numa pedra, de frente para elle, mas sem o ver atravez do cerrado do tabocal, abraçados, aos beijos, os patifes.

Armou o gatilho. Com aquelle tiro mataria os dois de uma vez.

E levou a coronha do bacamarte ao rosto para fazer a pontaria. Conteve, felizmente, o grito que lhe quiz sair repentinamente da garganta. Por trás da Rufina e do Januario lá estava a onça, a sussuarana feroz que vinha enchendo de pavor o povoado e os arredores. Caminhava devagarinho, naquelle andar de gato que quer surpreender a presa, a poucos passos já, na posição de lançar o pulo.

O estrondo de um tiro, um urro. A sussuarana rolou estrebuchando ao lado da Rufina e do Januario.

Com o bacamarte a fumegar nos braços, o Mirigido ficou estatelado e zonzo.

Como era que aquelle tiro que tinha preparado para se vingar do Januario e da Rufina, elle mesmo, com as suas proprias mãos, se servia delle para os salvar?!

E deitado, colleando como uma cobra, torcendo-se aqui, ali, foi-se escapando por entre o bambual, como se tivesse vergonha de que alguem o visse.

?

QUANDO se deu na villa o primeiro roubo, talvez tivesse sido eu quem mais se contrariasse. O roubado fôra o vigario, numa noite de chuva: arrombaram-lhe as janellas, carregando-lhe com o relogio e duas duzias de talheres de prata.

O desapontamento de todos nós, que tinhamos posição definida na villa, foi horrivel. O padre era por bem dizer um hospede. Ali chegara havia quinze dias e estava certamente a fazer um juizo lamentavel da gente do logar que lhe não respeitava a autoridade, roubando-lhe os talheres e o relogio. Que não estaria elle, no intimo, a pensar dos costumes da terra, dos habitos dos seus homens e da moralidade de todos nós?

Aquillo deixava-me de cara no chão.

A nossa villa fôra sempre de uma severidade e de uma pureza rigorosas. Nunca se tivera noticia de um roubo. Era um desses recantos do matto, onde todos vivem na consciencia dos seus deveres e na tranquilla noção dos principios de probidade.

Podia-se dormir de portas abertas. Para dar uma idéa de quanto ali a vida era serena e pura, basta contar o caso do capitão Fernandinho, a creatura mais distraida que até hoje tenho visto. Quando o capitão Fernandinho começava a falar nas suas caçadas, esquecia-se de tudo, até de fechar com chave e trancas a sua casa de commercio. Pelo menos, duas ou tres vezes no mez, isso acontecia, e nunca lhe roubaram uma cabeça de alfinete.

Mais de uma vez, tarde da noite, gente do povo lhe bateu á porta da residencia particular para avisal-o do descuido da casa commercial.

O roubo em casa do vigario tirava-me o somno. Não ha ninguem mais requintado em bairrismo do que a gente dos logares pequenos. Magôa-lhe a alma a mais insignificante diminuição á boa fama do logarzinho em que mora.

Achei que se devia dar uma satisfação qualquer ao padre. E em casa do chefe politico, o coronel João Martins, reuni o que havia de

melhor na villa; o promotor, que era filho do logar, o boticario, o collector, o delegado, o professor publico. Foram todos do meu parecer.

O vigario era uma creatura educadissima. Recebeu-nos não dando importancia alguma ao caso do roubo, achando que aquillo era a coisa mais natural da vida.

E, quando falámos na excepcionalidade do facto, pediu-nos que não insistissemos. Não commetteria a injustiça de julgar a moral de seus fieis por um facto isolado. Ladrões, havia-os em toda parte. Em toda parte havia bons e máos, honestos e criminosos, e seria realmente clamoroso que elle, um sacerdote, tivesse que julgar máos os bons, apenas por um acto de um desviado dos bons costumes e da religião.

Era um homem sympathico, moço ainda, uns trinta e cinco annos, se tantos, intelligente, maneiras finas e um ar de bom senso e cordura que inspirava confiança logo ao primeiro momento.

Sentia-se nos seus menores gestos, nos seus habitos mais simples, que ali estava um espirito principalmente educado. Devia ter vindo de gente de muito trato. A sua figura, o seu modo de viver tinham, pelo menos para nós ali da villa, um tom qualquer de fidalguia, esse quê impressionante e inconfundivel que existe nas

creaturas creadas entre coisas ricas. As suas meias eram de seda; as roupas de um asseio irrepreensivel; as toalhas de sua mesa, de linho alvissimo; os calices e os copos da sua sala de jantar, de crystal ramalhetado; os vinhos, que bebia, absolutamente encantadores. Tratava-se.

Vivia sósinho numa grande casa, servido por duas creadas velhas.

Passou-se um mez. Tudo voltou á serenidade natural, á calma suavissima de recanto matuto.

Já todos nós julgavamos um facto isolado o arrombamento das janellas do vigario, quando uma manhã, manhã de chuva, a loja do turco Salim Jorge appareceu aberta, as portas evidentemente violadas a pé de cabra, e um sortimento de sedas e rendas diminuido.

Quatro dias depois foi o cofre de ferro do major Constancio Medeiros aberto, não se sabe como, e roubado em dez contos e quinhentos mil réis que o negociante pretendia remetter aos seus correspondentes na capital.

De novo a villa se agitou. O Pedro Mathias, o delegado de policia, fez tudo para descobrir o ladrão. Mas não havia ninguem que causasse suspeitas. Todos nós ali nos conheciamos, sabiamos uns dos habitos dos outros. Em

todo o caso prendeu-se um rancho de tropeiros que estacionavam nos arredores. Mas os tropeiros foram soltos, quatro dias depois. Não sabiam rigorosamente nada.

E ainda se procurava desesperadamente o ladrão, quando o cofre da Casa da Camara appareceu arrombado nas mesmas condições do cofre do major Constancio. Tinham-lhe carregado as economias de varios annos.

E houve então, na villa, uma impressão violenta de terror. Ninguem mais dormiu em sossego. Aquillo era para toda a gente de uma estranheza estonteadora. Quem seria? Qual era o miseravel que estava a diminuir a boa fama do logar, as normas de honestidade de que a villa tanto se orgulhava?!

O collector deixava transparecer aos intimos as suas desconfianças sobre o Camerino Maneta. O Camerino era um typo duvidoso ante os costumes rigorosos da villa. Em rapazote brigou com o pae, saiu de casa, andou pela capital como marceneiro e depois voltou com uma sujeita ruiva que usava uns vestidos escandalosamente decotados. Diziam-se casados, mas ninguem levava a serio a affirmação. Os decotes da ruiva, as duvidas sobre o casamento, chocavam a pudicicia das familias. O Camerino vivia com a mulher isoladamente, sem amiza-

des, sem visitas, trabalhando é verdade, mas repellido por todo o mundo.

— Tudo isso é obra do Camerino, insistia o collector. Delle e da ruiva. Andaram pela cidade, meio grande, e nas grandes praças aprende-se tudo que é ruim.

Ninguem mais tirou os olhos do Camerino. O Pedro Mathias, em pessoa, espiava-o noite e dia, disfarçadamente.

Aquella historia dos roubos repetidos, cada vez mais me preoccupava. Eu era filho ali do logar, meus paes e meus avós ali nasceram, e eu amava aquelle pedacinho de terra com um amor zeloso que só se encontra nos matutos.

Era necessario acabar com aquillo.

Uma tarde entrei em casa do vigario. Ia pedir-lhe que empregasse a sua autoridade de pastor numa medida qualquer que terminasse, de vez, com aquella situação constrangedora. Commoveu-se com as minhas palavras e o meu aborrecimento. Já havia percebido a necessidade de uma medida urgente. Mas qual?

— Um sermão! lembrei.

— Bem pensado!

Na primeira festa religiosa que houvesse deveria elle fazer um sermão fulminante, mostrando o grande peccado do roubo aos olhos de Deus.

Estava a entrar a festa da Conceição, a padroeira da villa, a festa que arrastava toda a população dos arredores.

No dia da festa, com a egreja acotovellada, o padre recitou o sermão. Era realmente uma pagina de alta literatura sacra. Na passagem em que pintava as torturas do inferno reservadas ao ladrão, todo o mundo sentiu os ossos gelados, o cabello em pé e o coração aterrado dentro do peito.

Estava toda a villa ali na egreja. E não houve uma só creatura que dali não saisse convencida de que o remedio para os roubos era aquelle — a palavra do sacerdote. Se ali estivesse o criminoso (e devia estar) sentindo a essencia daquelles conselhos, sairia fatalmente curado de uma vez para sempre.

Poderiamos dormir em paz.

Mas, no dia seguinte pela manhã, a sacristia da egreja appareceu arrombada. Tinham carregado com os castiçaes de prata do altar-mór e com o resplendor de ouro da padroeira.

Não sei contar a decepção e o assombro que aquillo causou em toda a gente.

O caso era mais grave do que todos nós pensavamos. O Pedro Mathias quiz demittir-se do cargo de delegado.

— É de endoidecer, dizia elle. Tenho feito

tudo, e nada descubro. O Camerino, posso affirmar, não entrou na sacristia. Vélo-lhe a casa todas as noites.

Mas quem seria?

A mulher do Antonio Cabacinha, dois dias depois, appareceu na feira com umas rendas novas, num vestido de chita. O Salim Jorge, o turco, gritou que as rendas eram suas, das taes rendas que lhe roubaram na noite de chuva, um mez depois do roubo do relogio e das pratas do vigario.

O Cabacinha foi preso. Negou, negou com uma energia feroz. O Pedro Mathias, porém, metteu-lhe os dedos no «anjinho». O homem não teve outro remedio — confessou. Sim, sim! o ladrão era elle. Tinha roubado o juiz, o turco, o major Constancio, a Casa da Camara, a egreja...

— Mas onde estavam o dinheiro e os objectos roubados?

Ah! não sabia. Não se lembrava onde os guardára!

A noticia da confissão do Antonio Cabacinha desnorteára a villa. O Cabacinha era um homem pobre, mas até ali de uma probidade modelar em tudo.

A confissão, porém, era positiva; confessára á tortura do «anjinho», mas confessára.

O diabo era aquelle ponto obscuro — o criminoso não dizia onde guardava os roubos. Não sabia, não se lembrava.

O Pedro Mathias andava numa excitação incrivel, toda hora a interrogar o Cabacinha, a tortural-o com o «anjinho», a ver se lhe arrancava uma indicação qualquer do logar onde escondia os roubos.

— O patife o que quer é gozar o dinheiro depois de cumprir a sentença, dizia o Mathias nervosamente. Mas ha de confessar.

Fui sempre contra confissões arrancadas a supplicios. Eu proprio entendi-me com o delegado para que não mais se excedesse no uso do «anjinho».

Quinze dias depois da prisão do Cabacinha, ao alvorecer de um domingo, a mulher do coronel João Martins encontrou violadas as gavetas de sua commoda e vasio inteiramente o seu cofrezinho de joias antigas.

A estupefacção foi brutal em toda a villa. Mas então não era o Cabacinha?!

O Mathias soffreu horrivelmente.

— É que o patife tem cumplices, explicava. É uma quadrilha organizada. É justamente por isso que não quer dizer onde guarda os objectos roubados.

Por aquelle tempo, estava eu noivo da moça

com que me casei, filha do coronel Vimvim, que morava a umas tres leguas da villa. Passava sempre os domingos na fazenda da minha noiva, indo no sabbado á noite e só voltando na segunda-feira pela manhã.

Depois que morreu minha mãe, não quiz mais morar no casarão em que nasci. Aquellas immensas salas, aquelles corredores compridos, davam-me uma profunda tristeza á alma. Passei a morar sósinho na minha propria casa commercial, que era vasta e confortavel. Tinha o meu quarto de dormir ao fundo, com uma cama, uma commoda, os meus livros e o cofre de ferro.

Num certo sabbado, á noite, como era meu costume, montei a caminho da fazenda de minha noiva. Já tinha andado meia legua, quando me lembrei que não concluira a correspondencia que, no dia seguinte, devia seguir para a capital. Mandei o empregado á fazenda dizer que só me esperassem no domingo, e voltei para casa, já ás dez da noite, quando a villa dormia.

No meu quarto escrevi até tarde. Deviam ser tres horas da manhã, quando me fui deitar.

Não me recordo bem se cheguei a passar por alguma modorra. O certo é que ouvi na porta um ruido estranho como o de um rato a roer madeira.

O coração bateu-me violentamente. Levantei-me, descalço, e apanhei o revólver em cima da commoda. Fiquei no meio do quarto a escutar. O ruido cessou. Lá fóra começava a chover.

Voltei para a cama. Puz o revólver debaixo dos travesseiros e detei-me. Passou-se um tempo enorme sem ruido algum, a não ser o ruido do vento na rua e o rolar do trovão no céo.

E, eu ia cochilando, quando senti de novo mexer na porta. Agora eram rumores claros que me chegavam nitidamente aos ouvidos. Eu sentia que estavam, do lado de fóra, a experimentar chaves na fechadura.

Apoderou-se de mim um pavor que nunca tive. Quiz gritar, mas senti vergonha e ergui-me do colchão, á procura de um logar para esconder-me.

Metti-me, tremendo, debaixo da cama, de revólver em punho.

O ruido crescia. Minutos depois vi a porta ceder e um vulto entrar, perscrutando o quarto. Lá de baixo eu não podia distinguir feições, via apenas as pernas, pernas de homem, em calças, os pés mettidos em sapatos grossos. Vi-o caminhar para o cofre de ferro. Percebi, nas suas minucias o trabalho para violar o cofre: ruidos de ferro, chaves experimentadas, golpes de martello, rangidos de púas.

Eu tremia. Debaixo da cama estava a caixa do meu chapéo alto dos grandes dias. Encostei-me á caixa e ella cedeu com um leve rumor. O vulto saiu de perto do cofre e veiu para junto da cama, como que a indagar o motivo do ruido.

Senti que elle se acocorava para espiar debaixo do leito. Eu tiritava, tiritava, de revólver engatilhado.

Vi a sombra de uma cabeça, o jacto de luz de uma lanterna, e não vi mais nada. Sem eu saber como, o revólver estrondou. Senti um baque.

Saí para a rua e gritar como um doido, acordando a vizinhança.

Toda a gente acudiu aos meus gritos, alarmada. Entrámos todos no quarto. Um corpo de homem estava emborcado no chão, numa poça de sangue.

O Pedro Mathias accendeu a luz e chegou-se até perto do vulto, descobrindo-o do capote.

Nós todos recuámos estatelados.

Era o vigario.

A DESFEITA

A DESFEITA

. . . .

E o Deodato Vaqueiro, a picar o fumo na palma da mão, continuou:

— O Chico Guará sempre me avisava: — «Deodato, Deodato, larga aquella mulher, olha que o Manézinho te faz uma desfeita. Esses maridos assim, vão aturando, vão aturando, e um dia *pum!* uma carga de chumbo na gente!»

Mas mulher é o diabo. Mulher de que a gente já foi dono della e depois a encontra na mão de outro, só serve para desgraçar um vivente.

Fui eu que tirei a Mariquinhas de casa.

Era, sem desfazer nas outras, a mais bonita moça que já nasceu nestas redondezas de serra. Uma tóra de carne que valia a pena, dessas da gente botar os olhos e nunca mais ter sossego

de espirito. Abri o arco com ella pelo S. João, numa festança de «Bumba meu boi», no terreiro do Ignacio Gamella. O terreiro estava claro de fogueiras, mas o povo distraido nas cantigas e nas dansas.

Vivemos juntos dois annos.

Havia aqui no sertão uma mulherzinha, a Carolina Tucum, que era uma damnada para desunir quem vivia em paz. De uma feita eu parei em casa da Carolina e tomei uma chicara de café. Foi entornar a chicara e virar a cabeça. Comecei a enjoar a Mariquinhas e fui enjoando, enjoando, até que um dia lhe dei um coice para seguir a Carolina. O demonio da mulherzinha tinha-me botado feitiço no café.

Fui-me embora. Fui-me embora por esse mundão de meu Deus e ninguem teve mais noticias minhas. Afundei nos sertões de Goyaz, torci depois para Matto Grosso e fui-me embora.

Quando deixei a Mariquinhas ella estava para ter creança, mas eu andava com o juizo tão revirado pela chicara de café que a Carolina me déra, que não me importei de abandonar a pobrezinha quasi com um filho ás costas.

Deus Nosso Senhor não se esquece de castigar o que é mal permittido. Fui-me embora, sim, mas foi o corpo só, porque o coração, esse ficou aqui, rondando a casinha de pindoba

em que morava a Mariquinhas. O dia inteiro, a noite inteira me doia aquella ingratidão, aquella infamia de não ter ao menos esperado o filho que ia nascer.

E, lá de longe, nos socavões daquellas mattas, eu não tirava o juizo daquelle filho, que já devia estar grandinho. E queria-o, queria-o com um bem-querer que me fazia passar noites inteiras sem dormir, rolando na rêde.

Um dia não pude mais. Dei um pontapé na Carolina e voltei. Tinham passado já quatorze annos.

Ah, mundo! O filho com que eu sonhava não era filho, era filha, a Bibica, linda como este sol, fresca e bonita como esta manhã. Fiquei mais doido ainda; não sei como não morri de alegria quando ella me veiu tomar a benção.

Mas Deus é justo. Tinha-me guardado uma dôr — a Mariquinhas estava casada. Estava casada com o Manézinho, um rapaz mais novo do que ella, mas muito pacato, muito calado, que era uma pomba sem fel.

Se a Mariquinhas era uma tentação no tempo de moça, agora, já refeita e mais mulher, era uma tentação maior.

Amor antigo é como tiririca, tem sempre uma raizinha para rebentar. Mal eu falei, a Mariquinhas esqueceu a minha ingratidão, viu bem

que toda aquella desgraceira tinha sido obra da maldita chicara de café que a Carolina, aquella feiticeira, me tinha dado.

Quando abrimos os olhos estavamos os dois peccando.

O Manézinho falava pouco e a gente não sabia quando elle desconfiava e quando não. Mas todo esse povoado percebeu e, de uma feita, numa pescaria de mandubés, como tivesse tido uma differença com o Pedroca, o Pedroca atirou-lhe á cara o papel feio que fazia, supportando-me.

Esperei que elle me viesse tomar satisfação. Mas não veiu. Continuou a me tratar como se nada tivesse havido, como se nada soubesse.

Todos os homens são os mesmos nesse particular: eu fui perdendo a cerimonia, fui perdendo, fui perdendo, a ponto de passar o dia inteiro ao lado da Mariquinhas.

Eu não sabia bem o que me prendia ali, se era o dengue daquella mulher, que eu nunca tinha deixado de querer, ou se o amor daquella filha, que eu cada vez mais amava com orgulho de pae.

Um dia esperei uma carga de chumbo no lombo. Era á tardinha e eu estava sentado com a Mariquinhas á sombra do mangabal do terreiro. A Bibica tinha saido e o Manézinho tam-

bem. E a gente começou a recordar o tempo de namoro, aquella noite de S. João, no terreiro do Gamella...

E, palavra vae, palavra vem, senti uma vontade damnada de dar uma beijoca na Mariquinhas. Passei-lhe o braço no pescoço, puxei-a para mim e, no momento em que vou estalando a beijoca, eis que o Manezinho ia passando junto, com a espingarda ao hombro, de volta da caça.

Fiquei mais frio do que uma rã. Mas elle, se viu, fingiu que não viu. Salvou-me e seguiu para os fundos da casa, a guardar a espingarda.

Com uma coisa assim, quem é que não abusa? Fui abusando. Almoçava, jantava, passava o dia lá. Ao depois, mudei-me de todo.

O Chico Guará sempre me prevenia: — «Toma cuidado, Deodato, o Manézinho te faz uma desfeita. Esses maridos assim, vão aturando, mas um dia o diabo tenta, e elles *pum!* uma carga de chumbo!»

Eu não ouvia nada, cada vez mais a abusar..

Uma noite o Manézinho saiu para uma espera de capivaras, para só voltar de manhã. Fui dormir no quarto da Mariquinhas. Por alta madrugada elle chegou, empurrou a porta do quarto e, como me visse deitado, fechou de

novo a porta e foi dormir lá para os fundos, num quartinho junto da cozinha.

Ahi então é que eu abusei de verdade. Parecia que o dono da casa era eu. Mandava o Manezinho como se manda a um empregado, tomei-lhe conta da mulher, como se ella fosse minha perante o padre.

No começo, quando eu queria ir para o quarto da Mariquinhas, mandava o rapaz caçar de noite, mas, com o correr do tempo, nem mais isso eu fazia: plantava-me no quarto, logo depois da janta e de lá não saia a não ser de manhã.

Em certas horas eu me revoltava, contra mim mesmo: o que eu estava praticando era uma infamia, mas quando a gente está assim com o juizo tomado por uma mulher, não tem tempo de concertar os erros.

Havia occasião que eu ficava espantado com aquella sujeição do Manézinho. Como era que um christão pódia ter estomago para aturar uma coisa daquellas?

Mas quem tinha razão era o Chico Guará.

Uma noite, pelo inverno, noite de frio e aguaceiro, eu estava deitado com a Mariquinhas, quando ouvimos um barulhinho no fundo da casa. Podiam ser os cachorros que estivessem a bulir numa cuia de passoca, esquecida na cozinha.

Levantámos para ver. Eu ia na frente com a candeia e a Mariquinhas atrás. Ao passarmos pelo quarto do Manézinho (o quarto em que elle agora dormia, junto da cozinha) olhámos e a porta estava aberta e a rêde vasia. Onde teria ido elle com aquella carga d'agua e aquelle frio?

Mulher não é gente. Não faz caso de uma pessoa, não faz caso, mas quando vê que a pessoa tambem não faz caso della, fica logo aborrecida. A Mariquinhas tornou-se trombuda, imaginando que o Manézinho tivesse ido para o pagode com umas raparigas novatas que estavam no povoado.

Fomos á cozinha. Não eram os cachorros, mas, por segurança, guardámos a cuia de passoca.

Voltámos e, ao passar pelo quarto da Bibica, ouvimos assim como que um suspiro abafado. A Bibica, havia coisa de quinze dias, andava meia doente, com fastio, uns vomitos, uma molleza.

Mãe é mãe — adivinha. A Mariquinhas arrancou a candeia das minhas mãos e varou o quarto. Entrei atrás.

E, quando a luz bateu em cheio na rêde de Bibica, um grito quiz sair mas não saiu da minha garganta Deitado na rêde, abraçado á

minha filha, bem unido a ella, bem apertadinho, dormindo, lá estava o Manézinho.

Quando a luz lhe caiu no rosto elle arregalou os olhos, olhou para nós dois, abraçou-se mais á menina e continuou a dormir, como se nós não fossemos ninguem.

Olhei a Mariquinhas, ella me olhou. Não tivemos uma palavra para dizer, um movimento, nada.

Quando demos por nós estavamos junto da rêde, de cabeça pendida, num pranto desabalado.

CHIQUINHA

CHIQUINHA

— NÃO quero que vossa senhoria imagine que o caso succedido commigo e a Chiquinha Goiabeira tivesse sido fraqueza minha — não quero. Nunca fui homem mofino, não, senhor. Por toda esta beirada do Itapicurú, até mesmo lá pelas beiradas do Mearim, póde vossa senhoria indagar quem foi o João Malhado, que todo o mundo lhe dirá que eu fui o rapaz mais influido e mais affoito do meu tempo.

Nunca fui christão de morrer de carêtas. Quando alguem me vinha falar de visagem, de alma do outro mundo e outras bobagens, eu ria, fazendo caçoada:

— Deixa de scisma, pessoal! O mêdo a gente faz do tamanho que quer!

Pois se até áquella edade, já na casa dos trinta, eu não tinha visto nada!

No perigo, ninguem se mettia mais do que eu. De uma feita, estavamos numa farinhada em casa do Vicente Guabiraba, lá na villa. O Pedro Mucura poz-se a contar as visagens que a mão delle tinha visto no olho d'agua, e eu me ri. Cairam todos em cima de mim, provocando a minha coragem. O Sabino Gamelleira arrancou, dizendo que perdia o seu cavallo de séllа se eu fosse ao cemiterio buscar um cajú de um grande cajueiro que ficava perto da sepultura da velha Dica, a defunta que, naquelle tempo, mais apparecia ao povo do logar, pedindo missas.

Não era pelo cavallo, não senhor, que, cavallo de sélla, o meu era muito melhor que o do Sabino. Era pelo capricho, pois ninguem, até hoje me cotucou que não encontrasse homem. Fui ao cemiterio, entrei, apanhei o cajú, voltei e, no fim, não quiz receber o cavallo.

Eu era lá creança para ter mêdo de fantasmas!

Uma noite a rapaziada ali das Pirapemas combinou em me tirar a soberba. Eu andava, naquelle tempo, ás voltas com a Maricota Munhéca, aquella roxinha sacudida, que morava na boca do campo, numa casinha de pallıa, da qual só existem hoje os esteios. Mettia-me lá á boqui-

nha da noite e só de lá voltava pelas tantas da madrugada, sósinho e Deus, por um caminho que ninguem trilhava fóra de horas. Naquella dita noite ia eu muito sossegado da minha vida, quando avistei um vulto branco, adeante, no meio da estrada. Nem o cabello me arrepiou. Continuei o meu caminho. O vulto desappareceu, tornou a apparecer, tornou a sumir-se. Tirei o facão da bainha e continuei a andar. E, quando passei junto daquelle pé de massaranduba que o corisco lascou, olhe o vulto ahi perto de mim. Botei-me como um doido para cima delle. Agarrei-o pelo pescoço e atirei-o ao chão. Era o Mundico da Clodoalda, embrulhado num lençol.

— Mundico, Mundico, não faças mais dessa brincadeira, que, um dia, ficas espetado na ponta da faca.

Dahi por deante não houve mais quem quizesse experimentar a minha coragem.

Nem por sombras, vossa senhoria supponha que o succedido com a Chiquinha Goiabeira tivesse sido fraqueza minha.

O meu casamento com a Chiquinha deu que falar em toda esta beirada do Itapicurú. Minha mãe, por um triz, me negava a benção, quando lhe pedi licença para casar; o capitão Benjamin, meu patrão, e que era mesmo

que um pae, não quiz mais saber de mim. Ninguem achava a Chiquinha capaz. Mas eu estava grudado ao demonio da morena.

Para ser franco a vossa senhoria, juro que nunca vi, neste districto e mesmo nos outros districtos que tenho andado, um rabo de saia mais tentador que a Chiquinha. Era um pedaço de mulher avantajado, cheia de corpo, roliça, que, quando andava, fazia tremer o chão. Nunca fui homem de gostar de mulherzinha franzina, de osso de fóra, desses brinquedinhos de carne, desses fiapinhos de gente, que a gente é capaz de trazer na palma da mão. Sempre ouvi dizer que Adão peccou por causa da carne e não por causa dos ossos. Mulher para mim foi sempre o volume.

A Chiquinha tinha tudo para me prender. Além da vantagem da carne, era de uma alegria de fazer a gente alegre, de uma graça de pôr a cabeça tonta, de uma faceirice de levar um christão á loucura. Quando ella chegava a um terreiro de festa, não havia mais tristeza nem mais sossego. Todo o mundo tinha que dansar, todo violeiro, por mais preguiçoso que fosse, não largava mais a viola e ficava de guéla sêcca só de cantar versos á morena.

E o cheiro! (ah! nem é bom pensar!) o cheiro que lhe saia das roupas e do corpo,

aquelle cheiro de mangericão e de baunilha, que ia rescender até no tutano da gente! No dia em que me casei, o Bemtevi, o melhor cantador desta beira de rio, disse, á viola, que eu não me casava com uma mulher, mas casava com um jardim. Gostei do verso. O Bemtevi era damnado para dizer verdades á viola.

Mas vamos ao succedido.

O Maneco do Cantanhede costumava todos os annos festejar a Conceição. Era sempre uma festa de papouco, que durava tres dias: levantamento do mastro, ladainhas, violas, dansas, desafios em verso, uma dessas pagodeiras de se não ter vontade que acabe mais.

Era no terceiro anno do meu casamento com a Chiquinha.

Ao approximar-se a festança, dois mezes antes, a Chiquinha não falava noutra coisa. Tinha até vendido um cevado de dois annos, um bruto, para comprar o vestido da festa.

Mas aconteceu que, tendo eu me mettido numas pescarias de jejus, no igarapé do Peritoró, voltei de lá com umas sezões. O diabo da bicha pegou-me mesmo com vontade: um dia sim, outro não, um dia sim, outro não, lá estava eu no fundo da rêde, batendo o queixo, de frio. Depois passou, mas fiquei empaleimado, magro como um caniço.

Quando chegou o tempo da festa do Maneco eu estava sem influencia. Mas a Chiquinha queria ir. Queria ir, não só por causa da despesa do vestido, como tambem porque a festança era boa mesmo de verdade.

Fui com ella.

Havia tres semanas que a febre não me dava.

Bem o coração me dizia! Ainda hoje tenho arrependimento de não ter ficado em casa.

O primeiro dia da festa do Maneco era numa sexta-feira. Eu sempre tive uma certa embirrancia com a sexta-feira. Foi numa sexta-feira que eu perdi cinco dentes na quéda de um poltro bravo, foi numa sexta-feira que uma cascavel me mordeu, foi numa sexta-feira que minha mãe se afogou no remanso da Mariana.

Logo ao começar o samba do Maneco tive que brigar. O Paulino dos Mattões, sem respeitar minha cara, sem respeitar a sociedade da festa, beijou a minha mulher, quando com ella dansava um pulado. Ah! fui ás nuvens e, para não servir de desmancha prazeres, não enchi de sopapo a cara do Paulino. Botei a mulher na frente e retirei-me da festa. Toquei para casa, com o desaforo engasgado na guéla.

O caminho era uma estirada de legua e meia ou duas leguas, se tanto. Fazia um luar

tão claro e tão limpo que a gente até podia enfiar uma agulha.

A Chiquinha vinha na frente, trombuda, e eu atrás, ralhando-a, porque ella não déra um bofetão no Paulino. Devia ser meia noite exacta — conheci pela altura da lua.

A coisa deu-se ali, bem perto daquelle tabocal que fica nas vizinhanças do olho d'agua.

Eu vinha falando, vinha ralhando e, quando olhei para frente, cadê a Chiquinha? Tinha desapparecido.

Nunca na minha vida os meus cabellos se tinham arrepiado. Naquelle momento todos elles ficaram em pé.

— Chiquinha! Chiquinha! puz-me a gritar, tremendo.

Eu, que nunca havia tremido de mêdo, não tive coragem, ao menos, para procurar a Chiquinha no tabocal.

Fiquei ali parado, besta, zonzo. A lua parece que foi ficando amarella, triste, e o vento que fazia tremer as folhas, os grillos, os sapos, todos os bichinhos que cantavam em roda, tudo, tudo parou de repente.

— Chiquinha! Chiquinha! continuei a gritar.

Lá adeante, lá muito longe, no fim do estirão do caminho, o vulto da rapariga appareceu. Ah! mas era uma outra Chiquinha que eu não

conhecia, alta, comprida, mais comprida que um mastro de festa e caminhando, caminhando para mim num passo vagaroso, longo, não sei como, um passo que não era de gente e que só podem ter os defuntos.

— Chiquinha! Chiquinha!

O vulto desappareceu.

Fiquei no mesmo logar, parado, o queixo a tremer.

De repente — um estouro, uma fumaça, um fedor damnado de enxofre. Um pé de vento sacudiu as arvores, a lua encobriu-se. Tudo ficou na escuridão. Um tropél zoou no meu ouvido, o tropél de um animal que vinha correndo no meu rumo.

Não vá vossa senhoria suppôr que eu seja homem capaz de assombramentos. Não. Fui sempre bicho como trinta, nunca e nunca acreditei em visagens.

Mas, quando abri os olhos (pela benção de minha mãe que vi) vi um cavallo correndo e galopando para cima de mim, a rinchar. Fugiu-me o sangue. O cavallo era uma coisa desconforme, mais alto que as arvores e rinchando e fungando e espumando. E, coisa estranha, não tinha cabeça.

Não sei como tive forças para sacar o facão da bainha. O animal botou-se para riba

de mim, aos saltos, aos coices. Botei-me para cima delle, ás cutiladas. Lutámos, lutámos.

Lembrei-me do nome de Jesus Christo e gritei. O cavallo apagou-se. Da ultima coisa de que me recordo foi da coiçada que recebi na caixa do peito e que me fez rolar, sem sentidos, no chão.

Quando dei por mim era no dia seguinte, já em casa, no fundo da rêde, o febrão a arder.

Dizia-se que eu tinha enlouquecido no meio do caminho e que, a viva força, quizera cortar a Chiquinha a facão. Ella estava, de facto, com dois ou tres talhos nos braços e no pescoço.

E o João Malhado calou-se.

— E dahi? perguntei.

— O boticario da villa, que me veiu ver em casa, affirmou que tudo aquillo tinha sido um accesso de sezão que eu tivera. Accesso de sezão teve a avó delle!

— Que foi então?

— Eu conto a vossa senhoria. Seis mezes depois, já bom com as mezinhas do boticario, saí de casa para ir ao sitio do Bernardo Muriçoca, comprar uma novilha que elle queria vender. Eu devia demorar-me dois dias. Mas, como o Bernardo estivesse fóra, voltei na mesma noite. Ao chegar em casa, bato á porta, bato mui-

to, muito. A Chiquinha, afinal, veiu abril-a, mas assim com um ar medroso, todo exquisito. Entro. Que imagina vossa senhoria que eu encontrei em cima de um bahú de folha? Um chapéo de padre. Indago, faço questão de saber. A Chiquinha conta-me que o chapéo era do padre Camillo, aquelle vigario moço e bonito, que, de quando em quando, passava lá em casa, em caminho das desobrigas. E jurou-me, por tudo quanto havia de mais sagrado, que o padre havia deixado o chapéo, ali, para guardar, porque o chapéo era novo e elle o não queria estragar nos mattos do caminho.

Ficamos silenciosos. O João Malhado accendeu tranquillamente o seu cigarro de palha.

— Só mais tarde é que fui atinar com aquella historia da noite da festa do Maneco Cantanhede.

— Era...

— Era a malvada da Chiquinha que se tinha mudado em mula sem cabeça. Mulher de padre é isso. A noite era de sexta-feira.

OLHOS VERDES

OLHOS VERDES

Sala burgueza. Ao fundo — porta e larga janella dando para um pequeno jardim. Biombo entre a janella e a porta. Duas portas á D. Duas á E. Noite. Chove horrivelmente lá fóra; relampagos riscam as vidraças; trovões. Scena vasia ao levantar do panno. Batem affoitamente á porta.

MARIA, *apparecendo da E.*

Quem é? (Continuam a bater). Quem bate?

ESTAFETA, *fóra*

Telegramma! (Maria abre a porta. Elle entra, de capa, todo molhado, ficando ao humbral).

MARIA *recebe o papel verde do telegramma,*
some-se pela D. A.,
volta depois, entregando o recibo ao estafeta.

Prompto! Não espera a chuva passar?

ESTAFETA

Obrigado! (Sae).

Um grande grito de Adelaide, fóra.

ADELAIDE

Maria! Maria! (Apparece da D. A., em roupão, cabellos amarfanhados, abatida, tresloucada). Olha, vê! Salva-me! É Ricardo, vê, Ricardo chega hoje, chega já, no trem das nove. Salva-me!

MARIA

Salval-a?

ADELAIDE

Sim! Corre, toma a criança, leva-a já d'aqui!

MARIA

Mas...

ADELAIDE

Não ha tempo a perder, vae buscal-a. Leva-a para a casa de tua irmã, esconde-a. Elle chega no trem das nove. Está a entrar.

MARIA

Mas, minha senhora...

ADELAIDE

Vae correndo! Depressa! É preciso não perder tempo.

MARIA

Está chovendo.

ADELAIDE

Não te importes com isso. Precisas levar a criança já. Seja como fôr, vae!

MARIA

E eu vou sair com uma criança de oito dias por esse temporal?

ADELAIDE

Sae! E se Ricardo entrar e encontral-a ahi?! Olha, não o posso convencer de que elle é o pae. Vão fazer doze mezes que elle partiu. (Troveja).

MARIA, *approximando-se da janella*

Veja, a chuva é horrivel.

ADELAIDE

Embrulha-te na minha capa. Na primeira esquina ha-de passar um carro, um automovel,

seja o que fôr, toma-o, manda tocar para a casa de tua irmã. Entrega-lhe a criança, conta-lhe a minha infamia, pede-lhe que tenha pena de mim.

MARIA

Espere, espere um pouco, vamos ver se a chuva passa, se diminue.

ADELAIDE

E se não passar? E se não diminuir? Ricardo me matará. Olha, eu t'o peço. Olha, foi minha mãe quem te criou; fomos criadas juntas. Por minha mãe, que tanto te queria, salva-me! (Vendo que Maria não se mexe:) Tu me fazes perder a cabeça!

MARIA, *áspera*

Mas eu vou sair com uma criancinha de oito dias por uma noite destas?!

ADELAIDE, *desvairada*

Vaes ou não vaes?

MARIA

Depois do temporal.

ADELAIDE

Agora?

MARIA

Agora, não. E se a criança morrer nas minhas mãos?

ADELAIDE, *aparvalhada*

Se morrer nas tuas mãos, hein? Por que? Que tem isso?

MARIA

Que vou eu fazer com uma criança morta. E a policia? E o enterro?

ADELAIDE, *como que acordando*

A policia? O enterro? Uma criança morta nas tuas mãos? (Agitada:) Deixa, Maria, deixa. Tens razão. A policia... Não vás. Não é preciso. A criança póde morrer. Tens razão. O enterro... Anda, corre, vae ver a minha capa.

MARIA

Que vae a senhora fazer?

ADELAIDE

Não sei, vae buscar a minha capa,

MARIA

Minha senhora...

ADELAIDE, *que anda explosivamente pela scena*

Depressa!

MARIA

Mas...

ADELAIDE

Depressa! Não percas tempo!

MARIA

Aonde vae a senhora?

ADELAIDE

Não te importes; vou sair!

MARIA

A senhora está louca?

ADELAIDE

Sim, estou! Corre!

MARIA

Mas...

ADELAIDE, *batendo o pé*

A capa!

MARIA

A senhora não póde sair.

ADELAIDE

A capa!

MARIA

Olhe a chuva.

ADELAIDE

Deixa-me!

MARIA

Lembre-se que está com oito dias de parto.

ADELAIDE

Vae ver a criança.

MARIA

Deixe...

ADELAIDF

Corre!

MARIA

Minha senhora...

ADELAIDE

Traze-me a criança.

MARIA

Não é possivel.

ADELAIDE

Vae buscal-a! Vae buscal-a!

MARIA

Diga-me, aonde vae?

ADELAIDE

Vou sair, vou-me embora! Deixa-me!

MARIA

Para onde?

ADELAIDE

Não sei! Não te importes! Por ahi! Para a rua, para o inferno! Corre!

MARIA

Deixe a criança commigo. Eu a levarei. Mas fique. Veja como está a noite. É uma loucura...

ADELAIDE

E tu a levas?

MARIA

Levo.

ADELAIDE

Já?

MARIA

Espere um pouco... Sossegue... Tudo se fará...

ADELAIDE

Já?

MARIA

Sossegue... sossegue... A chuva vae passar...

ADELAIDE

Já?

MARIA

Saio, sim, saio. Mas deixe a chuva diminuir. Está chuvendo que é um horror.

ADELAIDE

Ó Maria! tu me fazes perder a cabeça!

MARIA

Mas que quer que eu faça?

ADELAIDE

Que será de mim, creatura, se não levares essa criança d'aqui?!

MARIA

Só agora é que se lembrou disso?!

ADELAIDE

Que querias que eu fizesse, se só agora recebi o telegramma de Ricardo?

MARIA

E eu é que me vou metter pela enxurrada com uma criancinha nos braços?!

ADELAIDE, *encarando-a*

Afinal, queres desgraçar-me?

MARIA

Eu? Não! A senhora foi quem se desgraçou!

ADELAIDE

Que?

MARIA

Não se devia entregar. Não tenho culpa...

ADELAIDE

Que disseste?

MARIA

Sim. A senhora não tinha necessidade nenhuma de estar hoje nesse aperto. Tem um marido que a estima. Não devia ceder.

ADELAIDE

Hein? Que disseste? Que disseste? (Segurando-lhe o braço:) Julgas mesmo que eu tive um amante?

MARIA

E alguem póde duvidar disso? E a criança?

ADELAIDE

Pensas então que eu tive um amante! Dize, dize!

MARIA

Mas... minha senhora...

ADELAIDE

Um amante, hein? um amante?! Julgas então que eu, por minha vontade, por meu gosto, por meu prazer, fôsse capaz de trair meu marido? hein? Julgas então que eu traí Ricardo? Um amante, hein? Julgas então que eu tivesse tido um amante?

MARIA

Não disse isso, não disse isso... Mas como podia ser?

ADELAIDE

Como? Eu mesma não te sei contar. Foi uma loucura, foi um delirio, foi uma desgraça.

Juro-te: eu propria não sei. Toda esta historia me arrepia. Aquelle homem me perseguia desde que eu era pequena. Um horror! Eu devia ter oito annos quando o vi pela primeira vez. Estava brincando no jardim, quando, ao me voltar para a rua, vi-o fitando-me. Sabes lá que olhos eram os delle! Uns olhos verdes, agudos, loucos, uns olhos assim, assim deste tamanho, chispando em cima de mim como os de um gato. Gritei, fugi. Nunca mais me sairam da cabeça aquelles olhos pavorosos. Muito tempo deixei de vel-o. Foi no dia da minha primeira communhão. Eu voltava da egreja quando, ao chegar a casa, lá estava elle na rua, fitando-me com aquelles mesmos olhos esverdeados, com aquelle mesmo olhar phosphorescente. O dia inteiro que era de alegria na minha familia, foi para mim sombrio e tristonho.

MARIA

E que lhe disse o homem?

ADELAIDE

Nada. Nunca me disse nada.

MARIA

Nem uma palavra?

ADELAIDE

Nem uma. Nunca.

MARIA

Que fazia, então?

ADELAIDE

Olhava-me, olhava-me, não me deixava de olhar. Nunca me disse uma unica palavra. Nem mesmo na noite de minha desgraça me falou.

MARIA

Que horror!

ADELAIDE

Toda esta historia é horrorosa, Maria. Não t'a sei contar. Toda eu me despedaço ao lembrar-me della. (Noutro tom:) De outra vez foi na egreja, no dia do meu casamento, na occasião em que Ricardo me ia collocando a alliança no dedo. Meus olhos sentiram que uns olhos me procuravam. Era elle, o homem. Lá estava a um canto da egreja, firme, sem um movimento, sem uma palavra. Desmaiei. Houve até quem dissesse que aquelle desmaio era máo prenuncio no casamento. Nunca disse a ninguem a causa do desmaio.

MARIA

E elle?

ADELAIDE

Não me deixou mais. De tempos em tempos, se eu entrava numa loja, num bonde, num theatro, lá estava elle, sem uma palavra, sem um gesto, a olhar-me, a olhar-me sempre com aquelles olhos esquesitos, incriveis, desvairados, que me aterrorizavam e me prendiam. Depois deu para parar ali defronte. Quando Ricardo, ha tres annos, foi a S. Paulo, elle não saiu dalli, daquelle pé de amendoeira.

MARIA

E que fez a senhora?

ADELAIDE

Nada!

MARIA

Não disse ao seu marido?

ADELAIDE

Não. Nunca tive forças para dizer. Bastava que me lembrasse daquelles olhos, para que me sentisse molle, medrosa, anniquillada.

MARIA

E como se entregou?

ADELAIDE

Como? E eu sei?! Não me perguntes. Não te posso dizer. Eu propria não sei. Eu propria se quizesse não podia contar. Uma desgraça! Sinto que não fui eu... Estava magnetizada... Um pesadello... Não me lembro... Revolvo a memoria: está tudo confuso, nebuloso, disparatado. Foi como se eu estivesse dormindo. Não te sei explicar. Não fui com o coração, fui com o corpo, arrastada, arrancada, como se um guindaste me levasse. Não sei como fui. Desde que Ricardo partiu para a commissão em Goyaz, que o homem não me deixou um instante. Na manhã seguinte á da partida, ao abrir a janella, soltei um grito. Lá estava elle, ali debaixo da amendoeira, em pé, sem uma palavra, sem um movimento, com os olhos chumbados em cima de mim, aquelles mesmos olhos verdes, agudos, fusilantes, que me faziam tremer e gritar. Nunca mais pude chegar á janella. De dia, de noite, de tarde, a toda hora, lá estava o homem, sempre no mesmo lugar, sempre em pé, sempre mudo, a olhar-me sempre com aquelle mesmo olhar felino e duro. Não tive mais sossego. Se

vinha aqui para dentro, parecia que me faltava alguma coisa, e que alguma coisa lá de fóra me puxava. Eram os olhos. Era o homem. E eu ia e, horas e horas, ficava estupidamente á janella, lérda, zonza, aparvalhada, com os olhos pregados naquelle olhar de fogo que me prendia e me annullava como a cobra annulla o sapo.

MARIA

Que horror!

ADELAIDE

Um horror, Maria! Não podes imaginar quanto soffri. Isto durante dois mezes, todos os dias, a toda hora, a todo momento. O homem parece que morava debaixo daquella amendoeira. Uma noite (era uma noite como esta: chuva, ventania, relampagos, trovões), não pude sair de junto da janella. Não pude, porque lá do meio da tréva, daquelle mesmo lugar, os dois olhos fusilavam em cima de mim, enormes, horriveis, fulminantes. Eu estava toda molhada pela chuva que o vento me respingava, mas não podia sair dali. E não via ninguem. Via apenas aquella luz violenta, estonteadora, os dois olhos accesos pavorosamente na treva. Estrondava o trovão, roncava o vento, abria o relampago, a escuridão voltava e sempre aquelles dois olhos

formidaveis, assim, assim deste tamanho, rolando e coruscando na noite como holophotes. Eu batia o queixo de frio, mas lá estava no captiveiro dos olhos. Houve um momento em que senti que elles se approximavam. Vi-os caminhar lentamente, assim... assim... na minha direcção. Senti-me tonta, bebeda, bamba e fui caminhando tambem, a tombar, a tombar... A minha mão tocou no trinco, abri a porta e... o homem entrou.

MARIA

Meu Deus!

ADELAIDE

E atirou-se sobre mim ganindo, uivando, mordendo-me como um lobo despedaça uma presa.

MARIA

E depois?

ADELAIDE

Não sei. Quando acordei era manhã.

MARIA

E elle?

ADELAIDE

Nunca mais o vi.

MARIA

Santo Deus!

ADELAIDE

Quando dei por mim, (fazendo um gesto que indique gravidez:) já o sabes. (Pequena pausa). E a minha situação é esta: com um filho que não é de meu marido e que eu não sei de quem seja, o marido a entrar e eu sem saber o que faça do filho.

MARIA

Como a senhora é infeliz! Como deve ter soffrido!

ADELAIDE

Muito, Maria, muito! Nos primeiros dias ainda me vinha a esperança de que Ricardo chegasse e eu pudesse ter a infamia de o convencer que era delle o filho. Mas Ricardo se demorou na commissão. Houve um tempo que quasi enlouqueci. Foi quando Ricardo me escreveu dizendo que estava para se vir embora. Compreendes o meu terror: estava com seis mezes de gravidez. Não era mais possivel enganar. Fiz tudo para matar a criança no meu ventre.

MARIA

Oh!

ADELAIDE

Horroriza-te de mim, fazes bem, sou uma desgraçada. Nunca poderás saber o que soffri. Acordava á noite, aos gritos, vendo Ricardo entrar e eu sem lhe poder esconder a minha culpa. Vi-o muitas vezes em sonho, immenso, formidavel, com um punhal para me cravar no peito. Deves lembrar-te.

MARIA, *recordando-se*

Sim, sim!

ADELAIDE

Muitas vezes vieste do teu quarto accordar-me do pesadello.

MARIA

Sim, sim!

ADELAIDE

Depois Ricardo me escreveu dizendo que se demorava muito. Foi um sossego. Ao menos podia dar á luz a criança. E dei. Desgraçadamente dei. E agora, bem vês, estoira-me inesperadamente o telegramma de Ricardo. Vê tu a minha situação: a criança ali, Ricardo a entrar de instante a instante, e eu sem saber o que lhe diga, sem ter coragem de lhe affirmar a minha miseria. Ahi tens tu, Maria! Sou mais

infeliz do que pensas. (Pequena pausa). Só me resta uma coisa.

MARIA

Qual?

ADELAIDE

Sair, ir-me embora ou morrer.

MARIA

Minha senhora!

ADELAIDE

Morrer, sim, morrer! (Exaltada). É preciso que eu morra. É preciso que eu saia daqui. Vou gritar ahi pela rua a minha torpeza, a minha villania. É preciso que eu saia!

MARIA

Minha senhora, que é isso? Acalme-se! Levo a criança!

ADELAIDE, *numa mutação subita*

Tu? Tu? Hein? Com esse temporal? Tu?

MARIA

Sim! Levo!

ADELAIDE

Já?

MARIA

Já!

ADELAIDE, *vibrante, chorando, rindo*

Pois leva! Anda, corre! Para a casa de tua irmã! Pede-lhe que a crie. Vamos! A minha capa. Embrulha-te na minha capa. Já não chove. Corre! Ainda me podes salvar. Ricardo não tarda. Ligeiro! Onde está a capa? (Entrando pela porta da D., saindo immediatamente, falando sempre:) Leva o guarda chuva. Vae buscar a criança. Não n'a deixes molhar. Corre, Maria, corre! Não percas tempo. Toma o primeiro automovel que passar. Anda, anda! (Trazendo a capa:) Toma, embrulha o pequeno, embrulha-o bem. Vae correndo. (Impellindo Maria para a E. A.:) Leva o guarda chuva. Vae, vae, vae! (Maria sae. Adelaide tomba pelos moveis, entra a D. sae, sempre a falar:) O guarda-chuva? Onde está? Quem o tirou dalli? (Como se estivesse a falar com Maria:) Toma um automovel. Não deixes a criancinha molhar-se. Entrega-a a tua irmã. Quem me tirou d'aqui o guarda-chuva? Depressa, depressa!

Nesse momento ella, que vem saindo da D. A., fica com a palavra suspensa, num choque, ao ver apparecer Maria na E. B., com a criança nos braços. Accendem--se--lhe os olhos de terror; toda ella treme, muda. E vae, lentamente, encolhendo-se, recuan-

do, até ficar de encontro ao sofá, grudada á parede, enquanto Maria para ella caminha devagar, para lhe entregar o filho ao beijo de despedida.

Maria aproxima-se de Adelaide que agora lhe vem combalidamente ao encontro.

Ha silencio na scena. Adelaide beija nervosamente a criança e fica a olhar doloridamente Maria, que se dirige para a porta F. Quando ella abre a porta um relampago clareia sinistramente a scena, um trovão ribomba. Maria recua, tem um momento de vacillação, mas consegue dominar-se e dasapparece.

ADELAIDE, *tomba no sofá, em soluços*

Meu Deus!

Scena silenciosa por uns segundos. Ouvem-se apenas os soluços de Adelaide que vão diminuindo, diminuindo, como se ella estivesse caindo numa modorra.

Ouvem-se vozes, lá fóra, rumores de alguem que chega.

RICARDO, *fóra*

Que fazias na chuva? Que é de Adelaide? (Entra. Á frente traz Maria, que lhe carrega a valise). Que chuva desesperada! (Tirando a capa:) Devo estar ensopado. E Adelaide? Já dorme? Chama-a. (Impellindo Maria para a D. B :) Prepara-me uma muda de roupa. Um par de meias de lã, ouviste? Escuta: esvasia a «valise» que o estupido do «chauffeur» deixou molhar. Deve estar tudo ensopado dentro. Vocês não me esperavam? Não receberam o meu telegramma?

MARIA

Sim, senhor.

RICARDO

Onde está Adelaide? Chama-a. Olha, toma a chave da «valise». (Maria sae. Elle dá com Adelaide no sofá e corre-lhe ao encontro.) Tu, aqui! (Abraça-a, beija-a fortemente).

ADELAIDE, *acordando de chofre, repellindo-o horrorizada, apertando-o depois, num transporte.*

Ricardo! Ricardo!

RICARDO, *procurando disfarçar a emoção, rindo*

Por que choras? Que tolice é essa? Ora, que bobagem! Não ha motivo para chôro. Pois eu se cheguei... (Beijando-a:) Não chores! Que tolice! Não sejas criança. (Levantando-lhe a cabeça:) Como estás mudada, meu Deus! Estás doente?

ADELAIDE, *de subito, contendo o pranto*

Eu, doente? Não! Quem disse?

RICARDO

Estás abatida. Parece que te levantaste de uma doença gravissima.

ADELAIDE

Eu, doente? Sim, sim, estive! Muito mal, quasi á morte. Estou bôa, já. Coisa ligeira, quasi nada.

RICARDO

E não me mandaste dizer?!

ADELAIDE

Não valia a pena. Doencinha de nada. Para que sobresaltar-te? (Palpando-o:) Tu estás molhado, vieste na chuva. Estou bôa já, não vês? Estou feia, não é assim?

RICARDO

Como estás magra! Olhos fundos, rosto escaveirado. Parece que te levantaste da cama neste momento.

ADELAIDE

Eu, da cama?! Quem disse? Pois se eu não estive doente. Estava dormindo. Uma madorna, nada mais. (Palpando-o:) Vae mudar essa roupa. Tu te resfrias.

RICARDO

Hoje estou callejado, minha mulher. Já se foi o tempo em que uma chuvinha me resfriava. Um anno inteiro de floresta fez-me acostumar.

ADELAIDE, *inquieta, indo até o F., espiando*

Que chuva! Porque não esperaste o temporal passar? Como está tudo escuro! (Ricardo arrasta-a para o sofá. Ella procura fazer-se alegre, mas constrangidamente, desconcertadamente:) Como estás forte! (Beija-o.) Eu doente! que tolice! Quem te metteu semelhante coisa na cabeça?! Que me trouxeste?

RICARDO

Uma porção de lembranças do sertão — arcos, flexas, tacapes, tangas selvagens. Que se póde trazer de um sertão agreste? O indiozinho que me pediste, não me foi possivel trazel-o.

ADELAIDE, *distraida*

Sim?

RICARDO

Isto é, trazer trouxe-o, mas morreu.

ADELAIDE, *tremula, num espanto*

Morreu?

RICARDO

Que espanto é esse? Pois se nem o conhecias!

ADELAIDE, *disfarçando, fazendo-se alegre, penalizada*

Coitadinho, morreu! De que?

RICARDO

Não sei. Naturalmente de febre, de nostalgia, de uma molestia qualquer. Vinha bem disposto, lampeiro; de repente deu para definhar, para gemer, para chorar... Mas tambem a viagem que fizemos foi horrivel!

ADELAIDE, *distraida*

Sim?

RICARDO

Tremenda! Atravessámos todo o sul de Goyaz, entrámos em Minas, penetrámos depois em S. Paulo. E tudo isso a cavallo, debaixo de chuva, ao sol. O pequeno não resistiu — morreu.

ADELAIDE, *rindo desvairadamente*

Engraçado! Devia ser engraçado!

RICARDO

Não achei graça nenhuma. Tive uma grande pena.

ADELAIDE

Mas como está chovendo, meu Deus! Não te molhaste?

RICARDO

Vim de automovel. Molhei-me pouco.

ADELAIDE, *fazendo um grande esforço para se tornar alviçareira*

Mas como estás forte! Como estás queimado? Não estiveste doente?

RICARDO

Nem uma dor de cabeça. (Arrastando-a para o sofá:) Deixa-me abraçar-te. Ainda te não beijei a meu gosto. Mas como estás abatida! Saudades, não é? E eu que pensei encontrar-te sadia!

ADELAIDE

Mas quem disse que eu estive doente? Estou bôa. Não vês? É que eu estava dormindo. Tive um pesadello. E tu não vaes mudar essa roupa? Vamos para dentro. És capaz de resfriar.

RICARDO

Espera...

ADELAIDE, *impellindo-o*

Entra, entra...

RICARDO

Não me molhei... espera...

ADELAIDE

Estás molhado, sim! Vou ver outra roupa. Maria! Maria! Ah, Maria saiu! (Ricardo quer falar, ella o impede, impelindo-o, falando sempre:) Resfrias. Uma doença... Que horror! Isso te faz mal.

(Ricardo sae. Adelaide vae chegando á porta para entrar, quando apparece Maria. Aquella tem um choque brutal. Pára uma em frente da outra:) Tu, aqui? (Maria fez um gesto desanimado de quem nada poude fazer. Adelaide agarra-lhe o braço violentamente:) E meu filho?

MARIA, *titubeante, tremula, chorosa*

Uma desgraça... foi uma desgraça. Não sei mesmo como foi. Eu não contava. Imagine... não vi... não vi...

ADELAIDE

Fala!

MARIA

A senhora não imagina... Um horror! Eu não contava...

ADELAIDE

Fala!

MARIA

Imagine... quando fui saindo...

ADELAIDE

Dize!

MARIA

Quando fui chegando ao portão... justamente no momento... no momento em que fui chegando... o automovel parou, o senhor Ricardo saltou.

ADELAIDE

Depressa!

MARIA

Fiquei doida. Não sabia o que fizesse... não sabia o que fazer da criança.

ADELAIDE

Que fizeste! Fala!

MARIA

Peguei-a... arriei-a no chão... assim... assim atraz de mim e fiquei de encontro ao muro, escondendo-a... assim... assim. O sr. Ricardo viu-me, entregou-me a «valise» e foi-me trazendo para dentro.

ADELAIDE

E a criança?

MARIA

Ficou lá.

ADELAIDE

Onde?

MARIA

Na chuva.

ADELAIDE, *num grande grito*

Corre, desgraçada, corre! Vae buscal-a! (Maria corre para a porta).

RICARDO, *apparecendo*

Que foi isso? (Maria estaca). Que grito foi esse?

ADELAIDE

Grito, grito? Ninguem gritou.

RICARDO

Eu ouvi!

ADELAIDE

Sim, sim, um grito, é verdade. Fui eu. Um bicho, uma barata. Não foi, Maria?

RICARDO

Pensei que fosse outra coisa. Um grito horrivel... (Mudando de tom:) Vocês mulheres têm medo de tudo, até de baratas. Eu queria ver o que seria de uma de vocês na floresta, com um tigre em frente.

ADELAIDE

Tigre?

RICARDO

Sim, uma onça. Encontrei-me uma vez nessa situação. Não é de brincadeira. Foi lá no alto sertão de Goyaz. Era ao anoitecer. Eu ia pela matta, com tres homens apenas, para me encontrar com o grosso da commissão lá adiante, na clareira. De repente um uivo. A dois passos uma onça enorme, terrivel, de olhos grandes, immensos, verdes, coruscantes... (Adelaide solta um grito). Que é isso? Que tens?

ADELAIDE, *sobresaltada*

Nada. Estou nervosa. Tu tambem vens contar umas coisas horriveis!...

MARIA, *procurando disfarçar*

E a onça?

RICARDO

Matámol-a. O homem que nos servia de guia varou-a com um tiro de rifle.

ADELAIDE, *distraida*

E o homem morreu?

RICARDO

Que homem?

ADELAIDE

O homem.

RICARDO

A onça!

ADELAIDE

Sim, a onça. E os olhos?

RICARDO

Olhos? Que diabo de confusão estás fazendo?

ADELAIDE, *para Maria, disfarçando, numa alegria estoirante*

Elle me trouxe um indiozinho, sabes? Coitadinho, morreu! Não foi, Ricardo, não foi?

RICARDO

Uma infelicidade. Era tão engraçado.

ADELAIDE, *vae até á porta F., mexendo na chave; Maria atravessa-lhe em frente como a compreender-lhe as intenções. Ella subitamente:*

Fechaste o portão, Maria?

MARIA

Não, senhora.

ADELAIDE, *affoita*

Vae fechar.

RICARDO

Com essa chuva?

ADELAIDE

Mas está aberto...

MARIA

Sim, está aberto...

RICARDO

Que tem isso? Não ha mal nenhum.

ADELAIDE

Então vamos dormir com o portão aberto?

MARIA

Com o portão aberto?...

RICARDO

Que perigo ha nisso?

ADELAIDE, *para Maria*

Vae fechar.

RICARDO

Para que, se está chovendo?

ADELAIDE

Mas tu queres que se durma assim?

RICARDO

Que póde haver de extraordinario?

MARIA e ADELAIDE

Os ladrões!

ADELAIDE

Ladrões? Bem mostra que nesta casa não havia homem. Fecham-se as portas e acabou-se! Que necessidade ha de metter-se uma pessoa na chuva? (Para Maria:) Vae buscar-me um calice de conhaque. (Maria sae. Elle cinge a cinta de Adelaide:) Deixa-me abraçar-te, minha querida. Não imaginas como eu estava doido... Estava saudoso da minha casa. Saudoso por este aconchegozinho, saudoso dos meus livros, do meu descanso, dos teus beijos, dos teus braços. Não imaginas como tudo isso me dava um peso ao coração. Tudo me fazia falta. Faltava-me tudo. Palavra! nunca mais quero commissões no sertão. É uma vida horrivel! (Maria entra com a garrafa e o calice. Elle serve-se. Para Maria:) Que fazias no portão quando cheguei?

ADELAIDE

Ia fazer-me umas compras.

RICARDO

Compras? De noite, chovendo?

MARIA, *emendando*

Fui ver se o senhor havia chegado.

ADELAIDE

Sim, sim! Mandei que ella te fosse esperar. Mas tu ainda não mudaste de roupa! (Para Maria, noutro tom:) Quem sabe se o automovel não está á espera? Vae pagar ao «chauffeur». (Maria dirige-se para a porta F.)

RICARDO

Já paguei. (Maria volta). Que viagem horrivel fiz no trem. Um dia inteiro de chuva. Não tive licença de pôr a cabeça á janella. A que horas recebeste o meu telegramma?

ADELAIDE

Á noite.

RICARDO

Á noite? Passei-o de manhã. Tiveste uma surpresa enorme, não é assim?

ADELAIDE, *sobresaltada*

Surpresa, por que?

RICARDO

Ora, por que! Pois se na ultima carta te mandei dizer que me demorava ainda uns mezes!

ADELAIDE

Sim! É verdade! Uma grande surpresa!

RICARDO

Fil-a de proposito.

ADELAIDE, *sobresaltada*

Por que?

RICARDO

Porque sabia que te era agradavel.

ADELAIDE

Ah!

RICARDO

Eu acho-te differente.

ADELAIDE

Differente, eu? Por que?

RICARDO

Não sei. Eu mesmo não sei. Mas tu não estás bôa. Qual foi o medico que te tratou?

ADELAIDE

Medico? Que medico?

RICARDO

Mas ainda ha pouco não me dizias que estiveste doente? (Para Maria:) Ella não esteve doente?

ADELAIDE

Estive, sim, Maria! Não estive? Coisinha de nada. Não foi?

MARIA

Foi. Uma...

ADELAIDE

Uma enxaqueca. Foi uma enxaqueca.

MARIA

Enxaqueca, sim.

ADELAIDE

Não foi preciso medico. (Subitamente, para

Maria:) E o cachorrinho? Deixaste-o no jardim! Corre, vae buscal-o. (Maria caminha para a porta).

RICARDO

Elle está lá no quarto. (Maria estaca). Está deitado ao pé da cama. (Para Adelaide, noutro tom:) Não te havia dito ainda. Vamos dar enfim o nosso passeio á Europa.

ADELAIDE

Sim?

RICARDO

Uns seis mezes pelo menos. Um pouco de Paris, um pouco de Italia, um pouco da Inglaterra e muito da Suissa. Preciso retemperar as forças. E tu tambem. (Ouvem-se vagidos de creança). Escuta, escuta. Não ouviste?

ADELAIDE

Que? Que?

RICARDO

Não ouviste um choro de criança?

ADELAIDE

Choro de criança? Não. Não é possivel!

MARIA

Eu não ouvi.

RICARDO

Então foi engano meu. Muito da Suissa, como te dizia. Sinto-me cansado. É brincadeira: doze mezes de selvas, doze mezes de sertão! É verdade: sabes quem encontrei em S. Paulo? O Cruz! (Chôro de criança). Escuta...

ADELAIDE, *distraindo-o*

Que Cruz?

RICARDO

O Cruz! O que foi teu professor de desenho. Mas vocês não ouviram?

ADELAIDE

Não.

MARIA

Eu não ouvi nada.

RICARDO

Ha uma criança chorando aqui perto.

ADELAIDE

Criança? No portão não é!

RICARDO

Parece que é mesmo no portão.

MARIA

É o cachorrinho lá dentro.

ADELAIDE, *nervosa*

É o cachorrinho, sim! É o cachorrinho! Onde viste o Cruz? Está bom? Falaste-lhe? Onde o encontraste?

RICARDO

Em S. Paulo.

ADELAIDE, *mais excitada e atarantada*

Foste á casa delle? Viste-o na rua? Perguntou por mim? Elle te conheceu? Que te disse? Ainda se lembra de mim? E tu não mudas essa roupa, Ricardo? Vamos para dentro...

RICARDO

É o mesmo homem! Não mudou nada. E casou-se outra vez. Tem uma filhinha, sabes?

ADELAIDE

Tem uma filhinha? (Rindo-se extemporaneamente:) O Cruz tem uma filhinha!

RICARDO

Por que ris? E linda! Fiquei-lhe com uma inveja. Todo o mundo tem filho e só nós... (Vagidos de criança). Escuta, escuta agora. Ouviste? Mas foi claro.

ADELAIDE

É engano teu. Não tem criança nenhuma no portão.

RICARDO

Mas eu ouvi.

ADELAIDE

É na vizinhança. É alguma criança na vizinhança.

MARIA

Deve ser na vizinhança.

RICARDO

Não, eu ouvi chôro aqui perto. Parece que é no jardim.

ADELAIDE

Não é possivel. É o vento. É impressão tua. Não é possivel.

RICARDO

No jardim, sim. Ouvi, vou ver.

ADELAIDE

Não, não. Vem mudar essa roupa. Estás com os pés molhados. Maria, vae buscar um par de meias, vae ver uma muda de roupa. (Vagidos de criança).

RICARDO

Escutem. Está chorando. Não é possivel que vocês não tivessem ouvido.

ADELAIDE

É na vizinhança, eu já te disse. (Gritando:) Um par de meias, Maria!

RICARDO

É aqui no jardim. Ouvi perfeitamente. Deixa-me ver.

ADELAIDE

Não, não é aqui. É ahi junto, uma criança

que nasceu ha dias. (Arrastando-o:) Vamos para dentro. Maria, fecha o portão, fecha a casa.

RICARDO

Larga-me. Chorou bem ali. Tenho a certeza. Vou ver.

ADELAIDE

Tu não saes. Está chovendo. Os ladrões... É na vizinhança. Não tem criança nenhuma no jardim. Maria vae ver, corre Maria.

RICARDO, *que já vestiu a capa*

Deixa que eu vou. (Num gesto imperativo para Maria:) Vou eu. (Caminha para a porta).

ADELAIDE, *atravessa-se-lhe em frente, abrindo os braços na porta, num grito*

Não, não! Não saes!

RICARDO, *escandalizado*

Que é isso? Mas que significa isso?

ADELAIDE, *caindo em si, abraçando-o*

Não é por nada. É que está chovendo. Não

ha criança nenhuma. Tu te vaes molhar. Não saias... amanhã se vê, não saias.

RICARDO

É preciso ver agora. Quem sabe lá o que é? É uma criança chorando, tenho a certeza. (Caminha para a porta. Adelaide segue-o, como para o impedir. Elle sae).

ADELAIDE, *volta. O seu olhar encontra-se com o de Maria que faz um gesto de que tudo está perdido. Ella ergue os olhos para o céo como a pedir misericordia*

Ó Deus!

RICARDO, *trazendo uma criança nos braços*

Vejam, vejam, uma criancinha! Vem ver, Adelaide! Vem ver, Maria! Ali na chuva, junto do portão. Venham ver!

ADELAIDE, *constrangidamente*

Uma criança, sim!

RICARDO, *para Adelaide, que se conserva estatica*

Vem ver. Ali na chuva, coitadinha! Não tem quinze dias. Atirada, no portão.

ADELAIDE

Não é possivel, não é possivel!

RICARDO

Atirada, sim, no portão. Encontrei-a. Vê, está pingando! Não tem quinze dias, repara bem!

ADELAIDE

Não é possivel!

RICARDO

Vê, tem os olhinhos verdes.

ADELAIDE, *recuando*

Verdes?

RICARDO

Sim, olha. Vou á policia amanhã. Isto é uma crueldade. Pois ha mães desalmadas que abandonam um filhinho num temporal destes!

ADELAIDE

Não digas isso. Não foi abandonado.

RICARDO

Foi, sim. Isto é um enjeitado. Foi naturalmente uma mãe feroz que o abandonou.

ADELAIDE

Não foi, juro-te, não foi.

RICARDO

Não póde haver duvida. Naturalmente para encobrir algum crime, alguma infamia.

ADELAIDE

Não foi, Ricardo. Não houve crime, não houve infamia.

RICARDO

Mas isso está claro. Só se enjeitam crianças por essas miserias. E deixam-n'a justamente em nossa porta por saberem que não temos filhos. E na chuva! Uma criancinha que nasceu hontem! Malvados! E olha, é gordinha, clara... Mas repara, Adelaide... não se move... Vem ver, Maria... não respira. Venham ver vocês... talvez eu me engane, mas não se mexe. O coração não bate. Vejam... está morta!

ADELAIDE

Morta?

RICARDO

Morta, sim!

ADELAIDE, *num grito de toda a sua alma e de toda a sua vida*

Meu filho! Meu filho!

CAE O PANNO SUBITAMENTE

O HOMEM QUE TOCAVA CLARINETA

O HOMEM QUE TOCAVA CLARINETA

NUMA destas ultimas noites, no Municipal, ao fazer-se a luz na sala para o intervallo do segundo acto, Alvares Baptista, na cadeira ao lado da minha, bateu-me discretamente no braço, indicando-me, com os olhos, uma das frisas:

— Está vendo você aquella mulher, ali, de sêda *grenat?*

— Sim. Uma bella mulher.

— Admiravel.

— Quem é?

— É a mulher do homem que tocava clarineta.

Nesse momento assomava á porta da frisa um sujeito alto, magro, horrendamente magro e horrendamente feio, já velho e corcovado, met-

tido numa casaca que lhe dava o aspecto de um macaco vestido, monoculo encravado no olho esquerdo.

Alvares Baptista voltou-se de novo para mim.

— O homem da clarineta é aquelle.

Olhei-o fixamente com as pupillas a faiscar de curiosidade. Baptista arrastou-me para o corredor:

— Aquellas duas creaturas têm a sua historia.

— Que você conhece?

— Que eu em parte testemunhei.

E depois de descalçar as luvas:

— Fazem dez annos. Era eu ainda estudante e morava com varios rapazes numa «republica», na rua Corrêa Dutra, no Cattete. Aquella mulher morava defronte, numa casa de luxo. Era a mesma creatura de hoje, a mesma pelle macia e fresca, os mesmos cabellos acastanhados, a mesma belleza opulenta e placida de deusa inalteravel.

Foi no terceiro ou quarto dia da installação da «republica» que eu a vi, á janella do palacete. E, olhando-a agora, na frisa, tenho a impressão de que a estou vendo ha dez annos passados na janella fronteira á minha: parece que a tal creatura tem a mesma edade, o mes-

mo penteado, até o mesmo vestido. Deve haver naquella mulher qualquer coisa da immortalidade, qualquer coisa da immutabilidade das deusas do Olympo.

Uma mulher bonita defronte de uma «republica» de rapazes é sempre um acontecimento. Passavamos os dias á janella para vel-a. Ha creaturas, na vida, que são verdadeiros chronometros. Aquella mulher é uma dellas. Regula todos os seus passos pelos ponteiros dos relogios. Tinha hora certa, hora exacta, hora infallivel de mostrar-se á varanda de sua casa. Era ás dez da manhã e ás oito da noite invariavelmente.

Apaixonei-me desde o primeiro dia. E, ás horas determinadas, quando ella assomava á varanda, lá estava eu á janella para vêl-a.

Ha mulheres que nasceram com a sina de torturar. Aquella nasceu para isso. Durante todo o tempo que ficava á varanda, não tinha para mim, nem para os meus collegas, o mais vago indicio de attenção. Chegava, encostava-se ao peitoril, serena, impassivel, vestida assim como para um espectaculo, os maravilhosos olhos ora para um lado, ora para o outro, lentos, como se nada ali por perto a interessasse.

Eu tossia, nós todos na «republica» tossiamos, falavamos alto, riamos, e ella nada, ri-

gorosamente nada, como se fosse cega e estupendamente surda.

Eu sempre tive a doença terrivel da conquista. Aquella impassibilidade doeu-me, excitou-me. Jurei a mim proprio triumphar. O anno inteiro não abri um livro, e o resultado foi aquella unica bomba que tive no meu curso.

Durante mais de um mez fiquei na incerteza se a tal mulher era casada ou não. Não via homem entrar nem sair. O que eu ouvia era, pelas dez da noite, uns sons impertinentes de clarineta saindo lá de dentro, quando as janellas da casa se fechavam. Cheguei mesmo a pensar horrorisado que fosse ella, a maravilhosa mulher, a tocadora da clarineta.

Não ha sentinella mais alerta e mais minuciosa do que uma paixão. Da minha janella, na qual passava o dia inteiro, a noite inteira, eu procurava perscrutar e descobrir tudo e tudo que se passava defronte.

Acabei por desvendar o mysterio: a mulher tinha um marido. Era aquelle sujeito magro, feio, velho, com geito de macaco, que appareceu ha pouco na frisa.

A clarineta insupportavel que se ouvia, ás dez horas da noite, era tocada por elle.

Aquillo me encheu de alegria e de esperança. Uma mulher tão linda, de uma belleza

tão maravilhosa, não podia, de maneira alguma, amar um sujeito daquelles com aquella edade, aquella cara, aquelle feitio e aquella clarineta. Forçosamente teria que ceder á insistencia apaixonada da mocidade ardente que eu lhe offerecia.

Devia ter amantes, tinha o direito disso.

E puz-me a estudar os passos do homem que tocava clarineta. Saía ás onze da manhã, voltava ás seis da tarde. Havia, porém, um dia que não voltava, a não ser pela madrugada. Era ás quartas-feiras.

Durante muito tempo não consegui senão registrar o facto. Só mais tarde, muito mais tarde, pude desvendar o motivo. Desvendei-o pela minha pertinacia de não perder uma particularidade do que se passava com aquella mulher.

Numa noite de quarta-feira, eu espiava febrilmente através das venezianas do meu quarto, quando vi um vulto de homem sumir-se portas a dentro da casa fronteira. O sangue galgou-me á cabeça. Escancarei as janellas para sondar. Nada. Nada mais vi, a não ser sombras diluidas, lá dentro, por trás dos cortinados, por trás das rotulas.

Uma chispa queimava-me; aquillo roia-me o espirito. Fiquei á jánella, interminavelmente,

o pescoço esticado, perscrutando. As horas passavam-se, a rua ia adormecendo.

Era muito mais da meia-noite quando me deu na telha descer. O homem não ia ficar eternamente naquella casa. Havia de sair, por força, e eu quiz esperal-o na rua para vel-o de perto.

A esquina era a dois passos, e lá fiquei de sentinella, a fumar, a fumar numa agitação penosa.

Deu uma hora, deram as duas, e eu esperando, cada vez mais nervoso, cada vez mais inquieto.

Afinal vi um vulto surdir á porta, vi outro vulto esquivo de mulher. Passam-se dois ou tres minutos. Vejo duas mãos enlaçadas, dois rostos que se approximam para um beijo de despedida. O vulto de homem caminha para a rua, o vulto de mulher recolhe-se. Tremi como um bordão de guitarra que se acabasse de tanger.

Esperei. O homem passou sem dar por mim. Examinei-o num relance: era um sujeito de pouco mais de trinta annos, forte, sadio, bonito, vestido elegantemente.

Voltei zonzo para casa. Tinha desvendado o mysterio. O sujeito era amante da mulher do homem que tocava clarineta.

E tudo se aclarou aos meus olhos. Um drama miseravel desenrolava-se ali defronte: era o proprio marido quem se afastava conscientemente de casa para a tranquillidade do amante da esposa. Certamente todo aquelle luxo de cortinados e moveis caros devia correr á conta do outro, do felizardo que eu acabava de ver na esquina.

No primeiro momento as minhas cordas emocionaes agitaram-se revoltadas; mas, quando me deitei, estava tranquillo. O amor, principalmente o amor de intensa vibração carnal, nada mais é do que o egoismo insatisfeito. Eu amava naquella mulher a maravilhosa florescencia das fórmas, a embriagadora harmonia da carne. Nada mais.

E o facto de desvendar-lhe aquella minucia da vida satisfez-me. Não era a rigidez de virtude que eu suppuz nos primeiros dias; tinha um amante; podia ter outros. E por que não seria eu, um dia, o preferido?

Dormi tranquillo na esperança de que mais cedo ou mais tarde (era questão de pertinacia) teria tambem o meu cantinho naquelle coração que batia sob a opulencia de um collo rosado.

E insisti, insisti. Não me despregava da janella e, ás horas exactas, quando as venezianas da casa fronteira se abriam, tudo e

tudo eu fazia para que a tal mulher do homem da clarineta voltasse os olhos para mim: falava alto, tossia, cantava. Nada, horrivelmente nada.

Tempos depois a minha tortura era ás quartas-feiras. Quando, das nove para as dez da noite, o vulto do homem que eu examinára na esquina se sumia portas a dentro, e que, através dos cortinados e das venezianas fechadas, eu via as sombras diluidas na doce penumbra dos quartos, todo o meu sêr se revolvia numa explosão de revolta.

Tinha impetos de escalar janellas, de esbofetear a mulher, o homem, o marido, sair pela vizinhança gritando a patifaria.

Uma noite, não sei como me contive. Era a uma hora da manhã, e eu, através das minhas rotulas, vi sair a mulher e o amante muito juntos, mãos presas, em caminho da praia do Flamengo. Desci as escadas e acompanhei-os.

Foram até á amurada do caes, olhando a lua cheia que estendia sobre o mar o seu rendilhado de prata; depois voltaram para a copa discreta de duas arvores, sentaram-se num banco escondido entre ramagens e ali ficaram como dois pombos em noivado.

Os meus dias eram tremendos na ansiedade daquelle amor que se ia transformando em obsessão angustiosa. Tive odio de tudo: da im-

passibilidade da tal mulher que nem me olhava, da felicidade do sujeito das quartas-feiras, da miseria daquelle marido nojento. Do marido, principalmente. Quando lhe ouvia, ás dez da noite, os sons da clarineta, fazia esforços sobrehumanos para lhe não varar a casa, quebrar-lhe o instrumento, atirando-lhe a infamia á cara.

Mas, dia a dia cresciam-me os impulsos da paixão. Dei para escrever cartas que eu proprio entregava á criada, á porta. No dia seguinte a mulher apparecia á varanda, mas sempre impassivel, sempre a mesma, indifferente, como se o fogo das minhas cartas nem de leve lhe tivesse crestado o peito.

Era aquillo de sempre: fixava os olhos num ponto, fixava-os noutro, placida, fria, preguiçosa, mas nunca os demorava um segundo na minha janella. Parecia que ella não tinha percebido ainda que ali existiam uma casa e uma creatura que lhe acenava.

Um dia, porém, todo eu vibrei. Pareceu-me ter percebido que ella me sorria no momento em que se retirava da varanda, cerrando as venezianas.

Perdi completamente a noção das conveniencias. Desci em ruido as escadas, atravessei a rua e fui-lhe varando a porta. Quando dei por

mim, estava numa saleta atapetada. Um velho surgiu deante aos meus olhos.

— Quem é o senhor?

Era o homem que tocava clarineta.

Não tive o que responder.

— Que vem fazer aqui?

Gaguejei umas tolices.

— Rua! rua!

E eu saí arrasado, tremulo, a cabeça para rebentar.

Ao entrar no meu quarto, o meu desejo era destruir o mundo. Peguei da pena, numa furia, e escrevi.

Foi uma carta horrivel ao marido da mulher, ao homem da clarineta. Atirava-lhe toda a miseria ao rosto, chamava-lhe todos os nomes, contava-lhe o que tinha visto. Marido infame! marido isto! marido aquillo!

E eu proprio levei a carta á creada.

No dia seguinte, á noite, batem-me á porta. Corro á escada. Era o homem que tocava clarineta. Era natural que me assustasse. Com uma carta daquellas, o typo vinha certamente metter-me uma bala na cabeça.

— Que deseja? perguntei resguardando o corpo.

— Dar-lhe duas palavras, respondeu com um sorriso calmo.

Convidei-o a subir. Elle entrou silenciosamente no meu quarto e sentou-se.

— É o senhor o autor desta carta?

Ficava-me feio negar.

— Sou.

Collocou a carta sobre a minha mesa de estudo, dizendo com serenidade de um justo.

— Preciso dar-lhe uma explicação.

Fitei-o e, só depois que desviei os olhos, elle falou:

— O cavalheiro está enganado. O marido não sou eu. O marido é o outro, o das quartas-feiras.

Meus pés grudaram-se no chão.

O homem ergueu-se, curvou-se com um cumprimento e desceu as escadas.

Não sei quanto tempo ali fiquei, junto da mesa, tonto, lérdo, immovel.

Só me movi ao ouvir, defronte, um som de clarineta. Não eram os sons impertinentes e enfadonhos dos outros dias, eram uns sons alegres, limpidos, felizes de quem consegue reflectir na musica a doçura de uma consciencia tranquilla...

A ARMADILHA

A ARMADILHA

I

QUANDO a Sabina se casou com o Chico Mendengue levou a irmã mais nova, a Rosinha, que, por aquelle tempo, não tinha mais que oito annos.

Nunca imaginou que um dia tivesse ganas de matal-a.

A Sabina foi sempre uma alma azêda, aspera, envenenada de ciumes e odios surdos. No tempo de moça era um dos palmos de cara mais bonitos daquelle pedaço que vae de Barra do Corda a Grajahú, apezar da sisudez do seu rosto em que, só por milagre, desabrochava um sorriso.

O Mendengue não se casou apenas pela necessidade matuta de ter mulher que lhe cui-

dasse da casa, casou-se tambem por uma pontinha de paixão. Mas isso desappareceu logo no primeiro anno.

A Sabina era insupportavel. Tinha ciumes de tudo, via motivos para ciumadas em todas as coisas. Não podia o marido campear um boi, não podia sair para uma vaquejada, para um negocio, que ella não estivesse a culpal-o de vadiações de saias.

O Chico Mendengue vivia atanazado e arrependido. Nem mesmo a belleza da mulher o prendia mais. A Sabina, com os filhos, feneceu espantosamente. Ao nascer a Tinoca, a caçula, levou mais de um anno de cama, a caldo de gallinha e, quando se levantou, era um frangalho de mulher.

E, á medida que ella ia murchando, raiava a belleza radiosa da Rosinha, agora em plena florescencia dos dezeseis annos.

Naquelle ermo de matta, na solidão daquelles sombrios de arvoredos, era o raio de sol doirado que punha vida e punha graça em tudo. Esbelta, viva, estouvada e ridente, na frescura da adolescencia fulgurante, vivia por ali como uma corsa vadia, a correr pelos vallados, a saltar riachos e grotões. Era como um arraial em festa de tanta alegria. Tudo nella era o alvorecer de mocidade e viço, a zoada musical

do riso cantante e feliz, o desprendimento d'alma e um grande cheiro de mulher que lhe trescalava dos cabellos e da carne.

Quando o Chico Mendengue abriu os olhos já os não fechava, de noite, em vigilias por ella.

A Sabina percebeu logo. Foi uma vez no trabalho do cannavial. O Mendengue e ella derribavam as cannas. Havia uma toiceira para a Rosinha cortar mais tarde. E vae elle e põe-se a cortar a toiceira.

— Esse pedaço é da Rosinha, diz a Sabina.

— Deixa. Vae a menina estragar as mãos nesse serviço bruto.

A ciumenta teve um choque, poz as mãos nas cadeiras e encarou-o asperamente:

— Gente! e ella será alguma princeza?

E resmungou o dia inteiro e, desse dia em deante, começou a maltratar a irmã.

No principio a Rosinha não deu por aquillo. Levava á conta do máo genio da irmã as azucrinações de todo instante. Era uma alma alegre de mais para se toldar com tão pouca coisa.

Mas o ciume da Sabina foi-se tornando intoleravel. Rompia com a pequena por qualquer pretexto, fulminava-a com olhares arrazantes, atirava-lhe «chasques», indirectas crueis e tanto fez e tanto a maltratou que ella acabou por compreender.

E a offensa que a rapariga sentiu foi tão alta, deixou-lhe tão funda magua, que tudo nella empallideceu e murchou. Ninguem mais lhe ouviu o riso guisalhante, as rosas do seu rosto perderam o carmim do viço e aquella alegria de estouvada annuviou-se em recolhimentos sombrios.

E o ciume da Sabina a crescer, a transvasar.

A Rosinha não tinha licença de mexer em nada, não podia abrir a boca para dizer palavra. Até a Tinoca, já com quatro annos, e que lhe era tão agarradinha, a mãe arrebatou-a.

O Chico Mendengue vivia enfesado, com planos de fazer uma estralada, dar um pontapé na mulher, mandal-a para as profundas do inferno e atirar-se no mundo, a fugir daquella cobra.

II

Ao terminar o inverno deram para apparecer no mandiocal uns rastos de capivaras. O Mendengue concertou a cerca, mas os animaes voltaram, fazendo um estrago damnado nas plantações.

— Você precisa dar uma marcha nesses bi-

chos, disse-lhe a Sabina, uma manhã, no terreiro.

— Que é que eu vou fazer?

— Ponha uma armadilha.

Boa lembrança. Com uns dois ou tres tiros talvez salvasse daquellas pestes a lavoura.

— Vae buscar a espingarda e o cordão lá dentro.

Ella foi. Os dois seguiram para os fundos do quintal, de cordél, espingarda e facão para preparar a armadilha.

Havia uma vereda num mattagal, junto de um pé de bacury, toda marcada de rastos de capivaras.

— Aqui! disse a Sabina.

— Mas está muito perto de casa, observou o marido.

— Ninguem vem para este lado, insistiu ella.

Cortaram varas, carregaram a arma, esticaram o cordão e fizeram a armadilha. O bicho que ali passasse cairia morto.

O Mendengue, de lá mesmo, enfiou na capoeira para peiar os cavallos. A Sabina voltou para casa. Estava pallida, nervosa, com uma palpitação estranha nos seios. Entrou no quarto, saiu, foi ao terreiro, tornou a voltar ao quarto.

A Rosinha descascava umas macacheiras para o almoço, sentada á soleira da cozinha.

— Tu não viste o facão?

— De manhã estava ali, disse a moça apontando o giráo de arroz.

Procuraram as duas. Subitamente a Sabina deu uma palmada na testa:

— Ah! está lá no fundo do quintal. Corre! junto daquelle bacuryzeiro, naquella veredinha das capivaras. Vae correndo, minha irmã!

A sua voz era de uma doçura penetrante e desde muito tempo que a Rosinha não a ouvia falar assim. Saiu a correr.

III

A Sabina entrou para o quarto, as mãos geladas, pallida como uma defunta.

E tremula, a cabeça zonza, começou a calcular. A Rosinha ia agora pelo laranjal. Atravessou a horta. Galgou as toiceiras novas de canna. Torceu para o feijoal. Subiu em rumo do cajazeiro. Desviou-se um bocado para não pisar o milho que vem nascendo. Avistou o bacuryzeiro. Descobriu a vereda das capivaras.

E vae correndo. Vae correndo. Tropeçou no cordél... E... e... pum!

Não estrondou tiro nenhum. Ella veiu até á porta, tornou a voltar ao quarto. Passou-se um minuto, passaram-se dois. Nada. Porque falhou o tiro? Que acontecera? Teria ella visto a armadilha e recuado?

E gelada, mas com a cabeça em fogo, sentou-se á beira da rêde, esperando. Não era daquella vez que se ia ver livre daquelle diabo!

Subitamente ergueu-se, com um estremeção, assustada. O estampido de um tiro tinha-a feito levantar-se. Um calor violento agitou-lhe doidamente o sangue, ao mesmo tempo que o queixo lhe entrou a bater como numa crise de sezão.

Correu até á porta da cozinha, correu mesmo até perto do laranjal, mas recuou tonta, sem saber para onde ir.

Um grito chegou-lhe aos ouvidos. Devia ser a Rosinha ferida, morrendo. Até que emfim!...

Outro grito. Nada mais. Depois um ruido de passos de quem vem a correr. Talvez o Mendengue que ouvisse o tiro e disparasse a soccorrel-a.

E esperou estatica, livida, no meio do terreiro.

Por entre as ramas do laranjal surdiu a

Rosinha, esfogueada, cabellos soltos, a correr como uma louca, com uma creança apertada ao seio.

A Sabina quiz ir-lhe ao encontro, mas não pôde, com os pés chumbados no chão.

A Rosinha parou juntinho della, chorando, offegando, a suster nos braços o corpo sangrento da Tinoca:

— Ella estava no feijoal, brincando. Quiz ir por força, commigo. Teimou, teimou e foi, na minha frente, correndo. Não viu o cordão, não viu a armadilha. O tiro espatifou-lhe a cabeça.

A Sabina quiz falar, quiz gritar. Não pôde. E despencou no chão, soluçando...

LADRÃO

LADRÃO

(Confissão de um assassino)

A minha intenção não era matar. O que eu queria era apenas furtar a bolsa de dinheiro que a velha trazia.

Foi o diabo quem se metteu no meio. Veja se não foi o diabo. Ia começando a escurecer quando ouvi no terreiro o latido dos cachorros e um trote de cavallos. Corri á porta. Era uma velha montada numa egua, seguida do bagageiro, um pardavasco de cara amarrada, que trazia no cinto um par de pistolas deste tamanho...

A nossa casa ficava mesmo á beirinha da estrada. Quem ali chegasse á boca da noite tinha que dormir, para só seguir viagem quando viessem rompendo as barras do dia. Numa distancia de cinco leguas para deante não havia mais

poisos, era a matta escura que o luar não allumiava, eram morros e socavões que mettiam mêdo a gente.

Elles dois, a velha e o bagageiro, vinham já sabendo que iam ali dormir.

A nossa casa não era grande, mas, como toda a casa de beira de estrada, no sertão, tinha um quarto para hospedes.

Nós tinhamos acabado de jantar quando elles chegaram. Minha mãe estava lá na cozinha lavando os pratos. Segurei o estribo da sella para que a velha apéasse, ajudei o bagageiro a tirar a carga dos cavallos, mostrei-lhe os pastos e trouxe a velha para dentro de casa.

Era uma senhora alta, magra, o cabello como uma pasta de algodão, mas forte e dura ainda, capaz de aguentar os solavancos de uma viagem daquellas. Saltou agarrada á bolsa, a tal bolsa de couro da minha desgraça, enorme, atulhada, que ella trazia segura na mão. Pelos modos, pelos oculos de ouro, pelo vestido, pelos arreios dos animaes, percebi logo que se tratava de uma velha rica.

Minha mãe veiu fazer-lhe sala e eu fui, com o bagageiro, peiar os cavallos na capoeira proxima.

Lá, puxando conversa, fiz que elle me contasse tudo. A sua patrôa era a *siá* dona Bernarda

Bastos, fazendeira em Carolina, rica como peste, que ia a rumo de Caxias para tomar o vapor que a levasse á capital, onde queria visitar o filho, um doutor de leis, que estava mal de saude. Quando voltei á casa, já no escuro, minha mãe estava preparando a janta para os hospedes. Aquillo lá em casa era o trivial. Quasi todos os dias havia um hospede novo que chegava sem ter jantado.

Até áquelle momento eu não tinha maldado nada, não me havia passado pela cabeça a intenção do roubo. Foi só depois que a velha acabou de jantar.

Durante a comida não se cansou de gabar o franguinho guizado que minha mãe lhe preparara e, no fim, com uma bondade que deixava a gente desarmada, disse:

— Não se offendam commigo, não é pagamento o que eu vou fazer. Sei que vocês são pobres e eu quero deixar uma lembrança para você (apontava para minha mãe) comprar uma saia.

E abrindo a tal bolsa de couro, tirou de dentro um massão de dinheiro assim, como eu nunca tinha visto. Mas, ao procurar uma nota pequena, o masso caiu-lhe das mãos e as cedulas espalharam-se no chão, uma infinidade, um desproposito, um despotismo.

Eu fiquei apalermado, os olhos de sapo esbugalhados em cima daquelle mundão de dinheiro. E, tão tonto fiquei, com o olhar tão fóra de jeito que, quando ergui a cabeça, minha mãe tinha os olhos cravados em mim, como dois fachos que me queimavam numa repreensão assustada.

Minha mãe sempre teve medo de mim. Quando chegavam hospedes lá em casa, ella me vigiava como se vigia um ladrão. Eu já tinha, de uma feita, furtado a abotoadura de ouro de um fazendeiro e, de outra, a bolsa de um boiadeiro que lá em casa pernoitára.

Mas, daquelle momento em deante não governei mais a cabeça. Ia ao terreiro, voltava, mas sempre a ver aquelle alarve de dinheiro, aquella ruma de cedulas da bolsa de couro.

Minha mãe não tirava os olhos de mim. Para disfarçar, peguei a viola que estava dependurada na parede e puz-me a arranhar-lhe as cordas. Quem disse que eu pude tocar? Era um baralhado de sons, um tropeçar de dedos no encordoamento. Minha mãe a ouvir, a perceber tudo...

Entreguei a viola ao bagageiro que a ficou tocando até tarde, quando emborcou na rêde para dormir. A velha recolheu-se. Eu, do copiar, ouvia tudo, a arrumação que se fazia

lá dentro, minha mãe a armar a rêde no quarto de hospede para a fazendeira. Nada, nada me escapava, apezar do repinicado saudoso que o bagageiro fazia na viola. Ouvi minha mãe, certamente com medo de mim, pedir para guardar a bolsa. Ouvi a velha teimar em ficar com ella:

— Não, não, ella sempre andou commigo.

E a verrumar-me o miolo, a remexer-me cá dentro aquella idéa... aquelle dinheiro... aquella bolsa... O bagageiro ainda não tinha deixado a viola, já eu estava com tudo riscado na cabeça. Quando todos estivessem dormindo, eu ia ao quarto da velha e tirava-lhe a bolsa. Depois caia no mundo, pois com aquelle dinheiro, eu podia viver onde quizesse.

O meu pavor era que o bagageiro acordasse. Aquellas pistolas, aquella cara enfarruscada... Mas o quarto dos hospedes ficava lá nos fundos e elle dormia aqui fóra, na varanda do copiar e, além disso, estrompado da viagem, morto de somno, roncando como roncava, de certo que não havia de ouvir barulho nenhum.

O receio maior era de minha mãe, lá no seu quarto, quiéta, silenciosa, mas que eu bem sentia que estava acordada. Mas lá para deante, lá para as tantas da noite, ella havia de dormir tambem.

E fiquei no fundo da rêde, remoendo, re-

moendo... Onde iria a velha, ao pegar no somno, esconder a bolsa? Debaixo da cabeça, como travesseiro? Era muito grande, muito dura. Junto ao seio, a ella agarrada? Muito pesada. Havia de ser debaixo da rêde. Sim, debaixo da rêde!

Onze horas... meia noite... uma hora... Como a noite é comprida, quando a gente está esperando a hora do roubo!

O bagageiro a dormir, a roncar, como se aquelle fosse o seu ultimo somno. Todo eu parecia que só tinha ouvidos. Distinguia tudo ali do fundo da rêde: um passaro da noite que piasse ao longe; o chocalho dos cavallos, muito além, nos pastadoiros; um galho quebrado na matta; o mais leve remexer das pessoas nos quartos, tudo.

Duas horas da madrugada. Bateu-me o coração — percebi que minha mãe dormia — era aquelle resfolegar cansado de quem passa o dia inteiro na labuta.

Levantei-me. Fiquei em pé na varanda, assumptando. Nada. Ninguem acordou. Tres vezes passei junto do punho da rêde do bagageiro e elle dormindo estava, dormindo ficou, sem se mexer, a roncar.

Saí para o terreiro. Encostei o ouvido á parede do quarto de minha mãe. Era o mes-

mo som cansado de quem dorme vencida pelo somno.

Contornei a casa na ponta dos pés, para alcançar o quarto de hospedes. A porta não tinha fechadura — era uma taraméla de madeira pelo lado de dentro. Parei á porta, escutando. Vinha um som rouquenho, pesado, de velha resonando.

Com a ponta da faca levantei a taraméla, devagarinho. A porta cedeu, sem barulho. Puz um pé dentro, a escutar, os olhos arregalados, ansiosos para devassar a escuridão. A mancha branca de um vulto deitado...

Caminhei na pontinha dos dêdos, ora pondo um pé aqui, ora pondo um pé ali, contendo o folego, leve, os braços abertos, os olhos escancarados como se naquelle momento eu não tivesse mais nada senão os olhos.

No meio do quarto tive que parar, á escuta.

Os mesmos sons de somnos firmes.

Caminhei de novo.

Cheguei perto do vulto. Nem um movimento elle fez. Baixei a cabeça, examinando, á procura da bolsa. Nem uma sombra, nada.

Acocorei-me debaixo da rêde e catei, catei...

Nada. Nada.

Levanto-me.

Já não estava mais em mim. Tudo era a bolsa.

E vou descendo a mão para palpar o vulto. E, quando os meus dedos o vão tocando, eil-o que se mexe e se ergue de repente na rêde. Ouço como que o rugido do começo de um grito de susto. Levo rapidamente a mão a uma boca e abafo o grito.

Um outro rugido quer sair. Com a mão direita aperto uma garganta. Mas o vulto estrebucha, quer erguer-se, quer gritar sempre. E os meus dedos vão arrochando a garganta, mais, mais, mais...

Já não estava em mim. Parecia-me que toda a casa tinha ouvido, parecia-me que o bagageiro, lá fóra, ia acordar.

E aperto, aperto, aperto o quanto é possivel apertar. Mas sempre aquelles sons suffocados a sair.

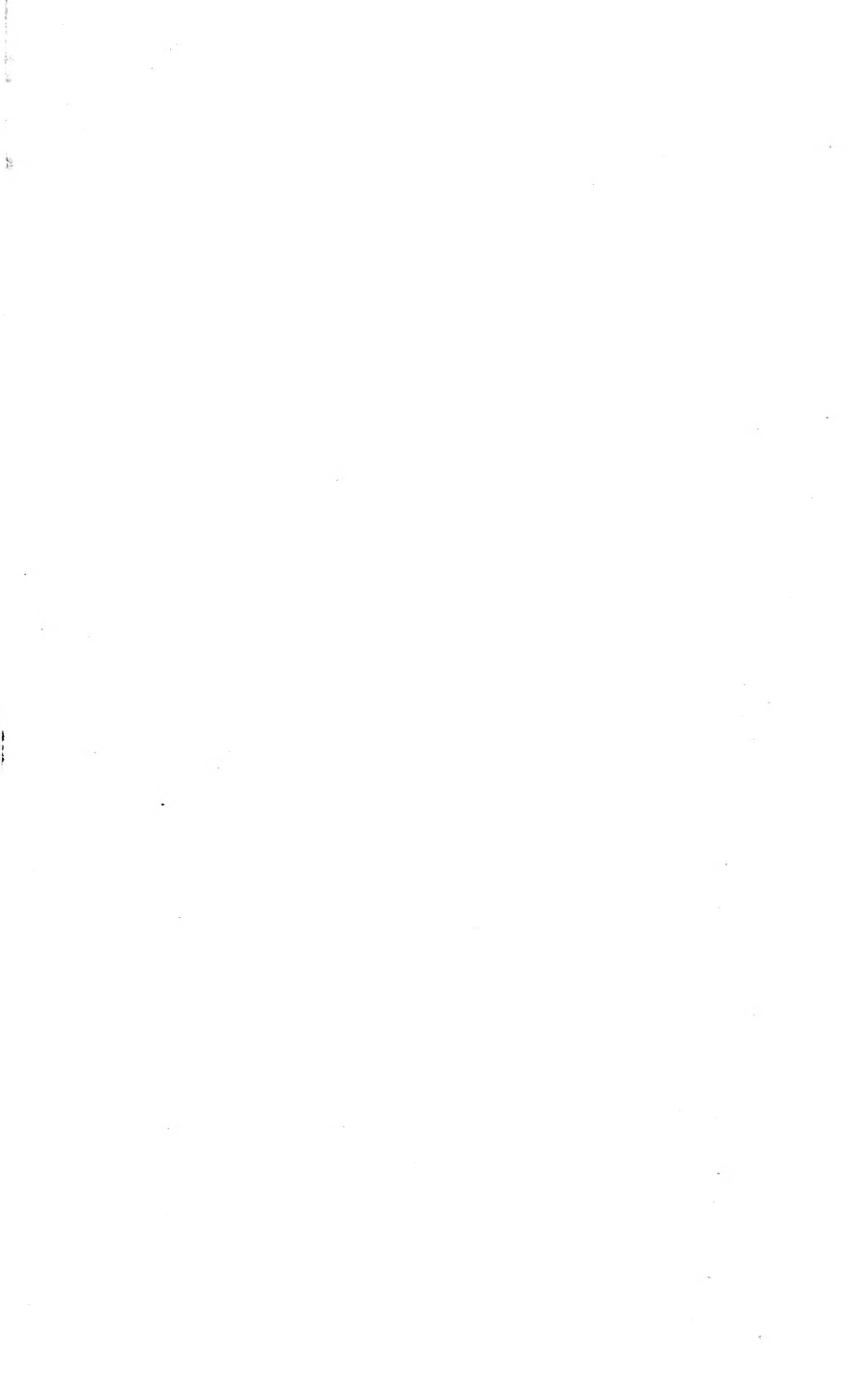
Era preciso acabar com aquillo, senão estava perdido.

Levo então as duas mãos á garganta da velha e enterro os dedos, enterro até onde as forças podiam enterrar. O corpo vae fraquejando, nuns estrebuchos molles, nuns arrepios frouxos. Depois não se mexeu mais.

E eu com as mãos ali na garganta suffocando, suffocando...

A porta abre-se. O bagageiro entra com a candeia na mão. A luz da candeia bate em cheio sobre mim e sobre o cadaver.

Um choque sacode-me; baixo a cabeça, ólho, reólho e recúo num grito apavorado. Era o cadaver de minha mãe.

Ella, temendo que eu fizesse o roubo, tinha deixado a velha no seu quarto e viera dormir no quarto de hospedes.

O MANDUCA CANTADOR

O MANDUCA CANTADOR

I

QUANDO a Chica Berrêdo saltou na villa, toda a gente que esperava o «gaiola», á beira do rio, teve uma exclamação de deslummento.

O Pedro Boticario deixou cair os oculos na areia; «seu» Vimvim Collector, que ia accendendo o cachimbo, queimou os dedos no phosphoro que lhe ficou suspenso nas mãos; o Quirino Sacristão bateu affoitamente no braço do vigario:

— Espie, meu padrinho, espie!

Nunca se tinha visto tanto brilho e tanto luxo!

A velha Januaria ergueu-se do banquinho

do taboleiro de doces, rompeu o povo, abrindo os braços, ruidosamente:

— Minha gente, é ella!

E, depois de abraçar a rapariga, olhando-a de alto a baixo:

— Como tu estás bonita, tentação!

A noticia espalhou-se da beira do porto ás ultimas ruas. O Quirino, com a sua vozinha de mulher, saiu, de casa em casa, contando o acontecimento. Só visto, só visto! O vestido da Chica era todo de sêda, uma sêda que remexia e brilhava como se tivesse azougue dentro, com cada pedaço de renda que dava gosto de ver e uma fita assim desta largura na cinta e que descia abaixo dos joelhos! E as joias! Virgem Maria! Era nos braços, era nos dedos, no pescoço, nas orelhas, um desproposito! cada brilhantão assim, faiscando ao sol, faiscando tanto, que a gente ficava com tonteira nos olhos. Só visto! E o chapéo que ella trazia na cabeça, todo de fitas e flores, com cada rosa que era isto! E o perfume de agua de cheiro que ella rescendia! Só por lhe ter passado perto, ficara elle cheirando mais cheiroso que um jardim.

Durante o dia não se falou noutra coisa, na villa, senão na volta inesperada da Chica Berrêdo, no seu grande chapéo de rosas e fitas, mais bonito e mais rico que o chapéo da mulher

do juiz de direito, no seu vestido de sêda espalhafatoso que brilhava e remexia como azougue, no largo laço de fita que lhe cingia a cintura e no turbilhão de joias que lhe enfeitavam as orelhas e o pescoço.

A velha Januaria, de porta em porta, com o taboleiro de doces, repetia:

— Bem eu dizia! Eu é que acertei! A fortuna della estava lá fóra. Estes homens aqui não valem uma cuia de farinha. Ninguem é propheta na sua terra.

Á tarde, quando o Manduca Cantador appareceu no largo da botica, gingando, a pastinha ondulada bem aberta e aquelle ar pachola de mulato conquistador, a rapaziada contou-lhe a novidade, accrescentando:

— Aquillo não é mais para o teu bico, Manduca. Ella não quer mais saber de ti.

II

A Chica foi morar na casinha de telha que a velha Januaria, naquelle mesmo dia, lhe arranjara.

Á noite, aquillo encheu-se de mulheres e rapazes, de uma algazarra festiva de gargalha-

das e gritos, sons de violas, cavaquinhos e flautas!

— Como ella está gorda!

— Como está bonita!

— Está mais moça!

E no quarto, numa desordem de malas, cercada de raparigas, contou a sua vida lá fóra, nas terras por onde andara. Riquezas sobre riquezas. Ao chegar a Manáos veiu-lhe a fortuna ao encontro. Quanto dinheiro havia naquella terra, gente! Os homens davam-lhe joias como se dava uma cuia de feijão; enchiam-na de ouro como se ella fosse uma deusa. Morava num palacete, com jardim na frente, jardineiro tratando das flores, tapetes em todas as salas, marmores e bronzes nos salões. Em poucos dias aclamaram-na a mais bella, a mais alegre e a mais cara mulher da cidade. Teve carros creados, theatros e corações. Quando atravessava as ruas, nas almofadas fôfas de sua «victoria», os homens festejavam-na como se festeja a uma rainha.

Ah! tinha sido feliz, feliz como nunca sonhara ser!

Até creadas para calçar-lhe as meias!

Os seus vestidos eram sem conta. Se quizesse dizer de cór o que possuia em joias não poderia.

E abria as malas, um mundo de malas, enormes como caixões de fazenda e de dentro ia tirando vestidos deslumbradores, espalhando-os pelos espaldares das cadeiras, por cima das outras malas, aos olhos estatelados dos rapazes e das raparigas.

— Que bonito!

— Que riqueza!

E eram vestidos e mais vestidos, camisinhas de seda que a gente podia metter no bolço como lenço, grandes *toilettes* de missangas e vidrilhos que scintillavam como joias.

— Santo Deus!

— Que maravilha!

E ella tirava mais e mais.

— Fóra os que deixei lá. Trouxe apenas os vestidos de viagem.

Do fundo das malas ia arrancando uma blusa, um casaco, um corte de fazenda, uma lembrança qualquer e distribuindo-as pelas amigas.

— Deus te ajude!

— Nossa Senhora te dê fortuna!

A velha Januaria, commovida deante de tanta riqueza, os olhos obumbrados de tanta brilho, repetia:

— Era lá fóra, era lá fóra que estava a tua fortuna. Eu não me engano nunca. Estes

homens aqui não valem uma cuia de farinha. Não têm nem ceroula para vestir!

O Quirino Sacristão, com aquelle jeito de menina, lembrou que tinha visto o Manduca Cantador.

A Chica enfarruscou subitamente o rosto.

A velha Januaria atalhou-o com uma repreensão:

— Esse Quirino não cria jeito de gente. Não fala naquella peste aqui, filho de Deus! A Chica não é mais para o bico delle!

Mas o Quirino insistia. Percebera bem a cara de espanto do Manduca, na beira do rio, á hora do desembarque.

— E elle estava no porto quando eu cheguei? perguntou a Chica.

— Estava. Vocemecê não viu? Minha Nossa Senhora!... ficou branquinho como esta parede.

— Càla bocca linguarudo! gritou a Januaria.

O rosto da rapariga desanuviou-se. D'ahi para o resto da noite a sua alegria foi mais viva e mais nervosa.

III

A historia da Chica Berrêdo e do Manduca Cantador, a villa inteira conhecia.

Quando a Chica se fez moça, era a rapariga mais bonita daquelle pedaço de terra sertaneja. Morena, vistosa, com um quê de faceirice, doida pelos bailes e doida por tudo que era alegria, toda gente viu que, em pouco, ella estaria perdida. Não houve um rapaz que a não cortejasse, não houve um só que não fosse cortejado por ella.

Era um demonio a pequena.

Aquillo que se esperava aconteceu. Foi o Albino Seringueiro, um sujeito que appareceu na villa como ave de arribação, cheio de dinheiro, arrotando riquezas e que, parece, só pisara ali para desgraçar a rapariga.

O escandalo não causou barulho nenhum. O pae da Chica estava doente da paralysia de que veiu a morrer tres mezes depois; o Seringueiro, uma manhã, sumiu-se inesperadamente, sem que se soubessem mais noticias suas.

Começou-se a falar da moça com este e com aquelle, até que um dia se soube que o promotor lhe havia montado casa, nos arredores da villa.

Aquillo durou apenas dois annos. O Manduca era, por ali, o melhor tocador de violão, o mais festejado cantador de modinhas das noites de luar. As mulheres queriam-no como se quer a um deus. Quando, por alta noite, a sua

voz magoada modulava numa esquina de rua, as janellas se abriam e cabeças femeninas surgiam pressurosamente. Com que sentimento cantava o Manduca! E ellas ficavam a escutal-o interminavelmente, interminavelmente a ouvir aquella voz apaixonada que se infiltrava no bem querer, ouvindo por toda a madrugada o trinado de bordões do «pinho» que ia resoar até o fundo d'alma.

— Este Manduca é um perigo! dizia o vigario, um perigo para as mulheres!

E era um perigo mesmo. Até as meninas de familia o disputavam. Não espantou a ninguem a noticia de que a Nonoca, filha do chefe politico, menina rica, educada na cidade, tivesse offerecido ao cantador uma toalha de rendas que ella mesma bordara.

Suspirado pelas saias, o Manduca vivia na mandranice, sem emprego, sem trabalho, sempre de violão ao peito, cantando numa casa e noutra, na intimidade das raparigas airadas, comendo e bebendo á fôrra.

Um dia voltou elle os olhos para a Chica Berrêdo.

A principio uns olhares, umas palavras de mel, quando passava.

Uma noite, por alta madrugada, veiu cantar-lhe á beira da janella aquellas estrophes

sentidas que a villa inteira depois cantou de ponta a ponta:

Quando ella pisa na areia
A areia muda de côr,
Fica o terreiro cheiroso
Todo coberto de flor.

Quando a Chiquinha se deita
Na rêde para dormir,
Correm abelhas de longe
Em torno della a zumbir.

Abriu a janellinha. O luar era como uma gaze branca estendida sobre a terra. Havia no ar um cheiro de amor na natureza adormecida, havia na natureza aquelle ar de misterio das horas altas.

Aquella voz, aquelle gorgeio de cordas repinicadas, aquelles versos feitos para ella, de proposito, a impressão do luar, a claridade lactea da noite branca, tudo, tudo lhe deixou no coração um sulco imperecivel.

Amou e amou doidamente o Manduca.

Foi a villa que fez com que ella o amasse. Por onde andava, a qualquer hora que andasse, ouvia sempre nas ruas, no fundo das casas, no fundo dos quintaes, as mulheres, os homens, as

creanças cantando os taes versos allucinantes:

— Quando ella pisa na areia
A areia muda de côr . . .

Era a sua vaidade de mulher vibrando, era o orgulho lisongeado impellindo-a para aquelle homem.

Um mez depois moravam juntos.

O promotor, para não dar escandalo, despresou-a. Não houve quem não falasse do caso. O Manduca era uma desgraça para a Chica. Ocioso, vivendo de violão atravessado ao peito, na preoccupação daquella pastinha pachola, em noitadas constantes, acabaria certamente por atirar a rapariga na lama.

Com o Manduca a vida lhe foi realmente um inferno. O rapaz não alterou o habito das «serenatas», não deixou de ser o conquistador de mulheres a que se acostumára desde mocinho. A pobre vivia de soffrimento em soffrimento, amargurada, roendo-se de ciumes, brigando, emmagrecendo.

Aquillo durou pouco. O Manduca deu para espancal-a, para lhe apontar a porta da rua. Ella, porém, amava-o; quanto mais soffria e mais era repellida, mais lhe crescia na alma aquelle amor desgraçado.

— Deixa esse homem, menina, diziam-lhe as outras mulheres.

Ella não podia.

Sentia-se como naufraga no temporal daquella paixão.

O despreso do Manduca ia cada vez peior. Já não dormia em casa; já lhe não dava, siquer, com que matar a fome. Ella, tão pichosa outr'ora em vestir-se, andava agora maltrapilha, chinellos rôtos, encafuada em casa, como se tivesse vergonha de sair á rua.

A velha Januaria, quando á tarde lhe passava com o taboleiro de doces, á porta, repetia-lhe:

— Dá um pontapé nesse homem, e vae-te embora, creatura! Vae para longe, ahi por esse mundo...

Um dia foi o Manduca quem acabou com aquillo. Sem ninguem esperar trouxe para dentro de casa a Margarida, uma sujeita atôa, que fazia desordem nos bailes.

A scena cortou o coração da vizinhança. O cantador poz os trapos da Chica na rua e atirou-a pela porta a fóra.

Lavada em lagrimas, ficou ella ao batente da porta miseravelmente, numa ausencia completa de dignidade feminina, implorando ao amante que a não abandonasse.

A Margarida, destabocada, chegou á janella, expulsando-a definitivamente:

— Cria vergonha, vagabunda. Vae-te para o inferno!

A Chica dormiu em casa de uma vizinha, mas, ao amanhecer, voltou a pedir ao Manduca que a deixasse voltar para dentro de casa, a agarral-o na rua, numa imploração ignobil.

A quéda foi horrivel. Desceu a quanto era possivel descer uma mulher num logarejo de sertão. Vivia pelas esquinas, tarde da noite, á espera que o Manduca voltasse das pandegas; andou pelas feiticeiras á procura de um consolo; queixava-se a toda a gente, sem vislumbre daquelle orgulho que existe em toda mulher.

O Manduca repellia-a com um pontapé e, pachola, a pastinha aberta, o violão debaixo do braço, andava na villa a pavonear-se do seu despreso. Era uma porca! não queria saber della! Que se fôsse para os infernos!

A Margarida, quando a via passar, escarrava como a uma coisa nojenta.

Não era possivel aquillo continuar.

— Vae, creatura, vae-te embora desta terra! insisitia a velha Januaria. Tua fortuna está lá fóra! Belleza não te falta. Estes homens aqui não têm nem ceroula! não valem uma cuia de farinha!

Um dia a Chica decidiu-se. Ia mesmo. Era preciso sair d'aquelle inferno.

As noticias que ali chegavam da terra da borracha entonteciam todas as cabeças. Porque não havia de ser feliz nesse Amazonas phantastico que todos douravam com as tintas mais ricas?!

Arranjou umas roupinhas, pediu uma passagem a bordo de um «gaiola» e foi.

Durante trez annos ninguem lhe ouviu falar no nome, durante talvez annos não se soube na villa noticias della. Agora eil-a que voltava inesperadamente, num luxo offuscador, coberta de sedas, coberta de joias, endinheirada, com um chapéo maior e mais rico que o dos dias grandes da mulher do juiz de direito, e com cada brilhantão de fazer tonteira nos olhos da gente.

— Eu é que acertei, repetia a Januaria, de casa em casa, com o taboleiro. A fortuna della estava lá fóra. Ninguem é propheta em sua terra!

E pondo o taboleiro na cabeça com uma risada:

— Quem deve estar damnado é o Manduca. Ella veiu para quebrar a castanha na bocca delle.

E, já no fim da esquina, com uma risada mais forte:

— Que chore na cama que é lugar quente!

A Chica ouvia tudo aquillo estremecendo. Não podia ouvir falar do Manduca sem que o coração lhe batesse violentamente no peito.

Tinha vindo, sim, quebrar-lhe a castanha na boca. Lá fóra, nas terras por onde andara, a figura do antigo amante não lhe saira da memoria. No meio da pompa, entre homens que a festejavam como a um idolo, o Manduca atravessava-lhe o espirito num sulco de saudade... Cada joia que lhe vinha ás mãos, cada vestido opulento que vestia, despertavam-lhe sempre a lembrança do cantador. Ah! se elle a visse assim no luxo! E toda a febre de accumular, que a escaldou lá fóra, não fôra senão a lembrança do seu amor antigo. Era para um dia voltar ruidosamente á terra em que nascera, no espalhafato de uma riqueza ostentadora...

Era para que elle a visse...

IV

Um mez depois houve na villa a festa da padroeira.

Nunca a egrejinha se encheu de tanta gente como naquelle anno. Ninguem vinha ver a santa, mas os vestidos que a Chica Berredo

trazia na novena. Era um por noite, cada qual mais lindo e mais deslumbrador.

Sentia-se que ella tinha a preoccupação de estatelar toda a gente. As joias já não eram as mesmas do dia do desembarque, mas outras, muito maiores e muito mais ricas.

O Quirino Sacristão, no largo da egreja, quando terminavam as rezas e o povo se espalhava em roda das barraquinhas, exagerava as riquezas da Chica:

— Isso não é nada. Joias e vestidos bonitos são os que ella deixou no Amazonas.

No dia da procissão a villa estarreceu. O andor esteve a cair dos hombros dos carregadores. É que á porta da egreja, quando a santa saía, a Chica appareceu. De encandear os olhos da gente, aquillo. Era um vestido como ninguem ali na villa imaginava que pudesse haver egual no mundo, todo de lentejoilas, todo coruscante, furta-cor, que faiscava ao menor raio de sol.

E as joias! Os dedos eram pequenos para os anneis e as pedras, o seio não tinha um lugar onde não brilhasse um diamante, os braços desappareciam enroscados pelas pulseiras esplendentes.

O Quirino não se cansava de bater no braço do vigario, debaixo do pallio dourado:

— Espie, meu padrinho, espie ali na orelha.

Era um par de «bichas» de brilhantes, enormes, do tamanho de uma pitomba, como affirmou o Vimvim Collector, ao ouvido do Pedro Boticario. Ao entardecer, quando o andor se recolheu, até o vigario havia peccado. Ninguem olhou para a santa durante a procissão; homens, mulheres, até creanças não despregaram o olhar do fulgor da mundana.

Naquella mesma noite houve um baile de raparigas livres, em casa da Maria Vovó. Tinha sido arranjado pela velha Januaria em honra da Chica.

Foi uma festa de estrondo. Quando a rapariga entrou deslumbrante no seu vestido de lentejoilas, uma capa de velludo sobre os hombros, os rapazes e as mulheres cercaram-na como se faz a uma princeza.

Já no meio da festa, como alguem lembrasse que a Chica não mais devia voltar ao Amazonas, a Maria Vovó atalhou:

— Essa? essa não é mais nossa, é de lá de fóra! Que é que ella fica fazendo aqui? A Januaria diz que vocês não prestam.

O Quirino, com aquelle jeitinho de mulher, atalhou:

— Eu conheço uma pessôa que dava a vida para ella ficar de novo aqui na villa. É o Manduca.

A Chica zangou-se. Que lhe não tocasse no nome daquella peste. Elle agora vivia a rondar-lhe a porta, affirmou. Mas tinha que roer um osso. Na procissão o canalha não lhe tirara os olhos de cima. Queria-a agora; ella porém é que se não ia diminuir, entregando-se a um vagabundo.

— Eu faço tanto caso delle como da primeira camisa que vesti.

A Januaria interrompeu-a com a sua abusão matuta:

— Bate na boca minha filha, bate na boca. Deus castiga quando a gente fala assim, com soberbia.

Era já pela madrugada quando a Chica chamou o Quirino a um canto:

— Tu podes levar-me em casa?

Estava a sentir-se mal, uma dor de cabeça horrivel.

— E vocemecê vae deixar a festa?

— Não digas nada a ninguem. Eu saio escondida.

Estava mentindo, não sentia incommodo nenhum. O que havia nella era uma forte inquietação d'alma. Meia hora antes, da janella da casa do baile, tinha visto o Manduca, no fim da rua, de violão debaixo do braço. Uma ansia accendera-se-lhe no peito.

Lá fóra, nas terras por onde andara, o seu sonho maior eram os successos de sua chegada á terra natal.

Tinha certeza de que o Manduca, ao vel-a em todo aquelle esplendor, correria aos seus braços apaixonadamente, numa sujeição de cachorrinho... E, deante dos olhos da villa, poderia mostrar que o tinha vencido, vingando a affronta dolorosa que soffrera no passado.

Mas os seus sonhos falharam. Por timidez ou plano, o cantador não se chegara. Só uma vez, distraidamente, lhe passara á porta. Enquanto a villa inteira vinha rojar-se aos seus pés, elle num despreso silencioso, conservava-se de longe, como se entre os dois não tivesse havido o drama tempestuoso de uma ligação de amor.

Aquillo roia-a.

O Quirino ao seu lado, no escuro daquellas ruas roceiras, palrava.

— *Siá* Januaria e *siá* Maria vão ficar aborrecidas quando souberem que vocemecê saiu fugida.

Estavam á esquina da casa.

— Podes voltar, disse a Chica. E bico calado!

O sacristão voltou. Ella entrou tão zonza que se esqueceu de fechar a porta.

Sentia uma compressão no peito, uma ansia extranha no coração. Sentou-se na sala, na cadeira de embalo, para respirar. O luar entrava-lhe pela janella num jorro de leite diluido. Ao longe, como que despertado pelo luar, um sabiá cantava enamoradamente.

Ella ficou de mão no queixo, a embalar-se, sorvendo o ar macio da madrugada de abril.

Subitamente, estremeceu-lhe o peito. Tinha ouvido ao longe, muito e muito distante, uma voz cantar. Levou a mão á concha da orelha, escutando.

Era a voz do Manduca, o violão do Manduca, modulando na serenidade enluarada da noite sertaneja.

A voz calou-se, mas de novo gorgeou trazida pelo vento:

Quando ella pisa na areia
A areia muda de côr.

Uma onda de sangue estuou-lhe no coração. Correu affoitamente á janella. A rua estava silenciosa e morta. Havia apenas o pallio de linho do plenilunio e aquelle sabiá longinquo que cantava á lua como um namorado.

Fica o terreiro cheiroso
Todo coberto de flôr.

E a voz apagou-se de novo.

E ella ficou ali na janella, na contemplação daquella noite branca, na suavidade daquelle luar de leite. Veiu-lhe uma immensa saudade de outros tempos, da primeira noite em que o Manduca lhe viera cantar aquelles mesmos versos á beira da estrada de sua casinha de arrabalde. Era uma noite assim, o luar no céo como agora, uma serenidade e uma expressão de amor como sentia naquelle instante. Parecia até que aquelle mesmo sabiá cantara da outra vez...

E o vento trouxe novamente a voz:

Quando a Chiquinha se deita
Na rêde para dormir . . .

O coração vibrou-lhe assanhado no peito. Ah! elle não se havia esquecido della! Tinha percebido o seu nome na sonoridade do verso. Não era para outra que elle cantava, e sim para ella, de longe, na timidez de um amor que de certo não se lhe apagara do coração.

A voz agora era mais distincta, como que caminhando em rumo da rua:

Correm abelhas de longe
Em torno della a zumbir.

Ouvia claramente o soluço das cordas do violão. No fim da rua surgiu um vulto esbatido pelas sombras.

Esticou o pescoço fulgurante de joias. Era o Manduca.

Quiz fugir, esconder-se, mas sentiu que os pés se lhe collavam ali, á janella.

E o vulto veiu-se approximando, a cantar, num trinado amoroso de bordões:

Quando a Chiquinha se deita
Na rêde para dormir . . .

E plantou-se defronte da janella, cantando sempre.

A lua, nesse momento, desnudou-se inteiramente no céo. O sabiá cantou mais claro pela noite enluarada. Era de allucinar...

Gelaram-se-lhe os pés, gelaram-se-lhes as mãos, e sómente o coração naquelle incendio torturador... Elle amava-a ainda, amava-a! Amava-a tanto que ali viera arrependido, implorando-lhe o perdão na ternura daquella cantiga dos bons tempos de namorado. Era o amor, devia ser o grande amor que o trazia!

E ella se foi afastando lentamente do peitoril da janella, olhos fixos nelle, como num convite.

O que se passou foi rapido. A porta rangeu, abrindo-se. O Manduca assomou á porta.

No meio da sala, no fulgor das joias e do vestido de luxo, esperou-o immovel, petrificada... E elle approximava-se, de olhos em fogo. A Chica fechou as palpebras, como num desmaio. Ia ter enfim aquelle amor perdido com que tanto sonhara lá fóra.

Mas teve que abrir immediatamente os olhos. Duas mãos violentas apertaram-lhe a garganta, suffocando-a.

Estremeceu, empinou-se, quiz gritar e não pôde.

O Manduca derribou-a brutalmente, no chão. E punha-lhe agora os joelhos no peito, arrancando-lhe as «bichas» das orelhas, rasgando-as, aquellas «bichas» de brilhantes do tamanho de uma pitomba, como affirmara o Vim-vim Collector, ao ouvido do Pedro Boticario, na procissão.

No dia seguinte, quando encontraram a Chica no meio da sala, sem joias, com uma faca enterrada inteirinha no peito, a velha Januaria, repetiu afogada de soluços:

— Para que veiu aqui para a villa?! A fortuna della estava lá fóra!

A MULHER QUE ENVELHECEU

A MULHER QUE ENVELHECEU

QUANDO d. Celina de Alencar nos disse que tinha vinte e oito annos de edade, nós todos a fixámos, disfarçando discretamente o espanto dos olhos.

Vinte e oito annos apenas e toda aquella cabelleira côr de algodão, sem um fio preto, mais alva que a cabelleira das avózinhas dos contos!

D. Celina percebeu o nosso espanto, teve um sorriso triste, uma expressão de amargura na voz:

— Só mesmo aos intimos confesso a minha edade. Os outros não acreditarão nunca. Isto foi uma noite de soffrimento, uma unica noite. O meu cabello era, não ha muitos annos, o cabello mais preto da cidade. Uma noite bastou

para o envelhecer. Um filho, as circunstancias tragicas, ou melhor, estranhas, da morte de um filho.

Nós todos chegámos as cadeiras para perto. D. Celina ia contar a historia dolorosa da sua velhice prematura.

Alta, clara, os olhos de um negro intenso, uma certa frescura no rosto, contrastando com o linho alvissimo dos cabellos e um tom de magoa, que lhe não saia nunca da voz, começou:

-- A casa em que fui morar, quando me casei, tinha-me sido deixada por minha avó, em testamento. Era um casarão de aspecto colonial, entre arvores seculares, immensas salas em que a gente se perdia. Ficava ali nas Laranjeiras, no fundo de uma rua silenciosa, á fralda da montanha de pedra. Logo nos primeiros dias, senti-me mal dentro da casa, com o seu aspecto sombrio, com aquella rua calada e aquella eterna sombra de arvores que pareciam eternas.

Meu marido adorava tudo aquillo. Era um espirito dado ao recato e á solidão.

O que mais me impressionava no casarão não era o seu aspecto proprio, a sua tristeza, o seu silencio de convento fechado; era a vizinhança.

O nosso muro dava para a chacara de uma velha rica, que o bairro inteiro, com razão ou

sem ella, chamava de bruxa. Vi-a duas ou tres vezes. Uma velha horrivel, escura como queimada a fogo, o cabello de uma côr estranha como a da braza, magra, toda ossos, olhos fundos, esgaseados e uma boca que mettia medo, muito rasgada, muito vermelha como a garganta de uma fornalha.

Se a minha casa era enfadonha e triste, a da velha bruxa era peor. Lá, as arvores tinham um tamanho descommunal, umas junto das outras, apertadas e espessas como numa floresta cerrada. Havia uma escuridão em tudo. Parecia que o sol nunca tinha podido rasgar, com os raios, a espessura daquellas arvores. Nunca devia ter entrado um raio de sol naquella chacara.

Mas isso era o menos. O que mais me aborrecia e o que mais me incommodava era que a chacara da velha bruxa vivia transformada num verdadeiro jardim zoologico.

A sua mania predilecta era criar animaes. Havia um sem numero de aves: emas, avestruzes, gallinholas, perdizes, gansos e pavões que gritavam noite e dia; havia macacos de todos os tamanhos, antas, capivaras, cobras colossaes, gatos agrestes, caititús, veados e, ao que os vizinhos contavam, debaixo daquellas arvores criavam-se tambem grandes féras. De uma vez eu propria vi entrar trez gaiolas de ferro

com uma onça malhada, duas cobras formidaveis e uma macaca quasi do tamanho de uma mulher.

A velha não tinha limpeza no trato de seus bichos; o cheiro que, certas horas, chegava por cima do muro, era ás vezes de entontecer.

Eu vivia num sobresalto constante, receando que, uma noite, aquellas féras pulassem o muro e me viessem devorar na alcova.

O meu marido achava infinita graça no meu receio.

Quando foi da concepção do meu primeiro filho, o meu estado de nervos subiu ao exagero. Ahi já não era sómente o receio das feras da bruxa, era o incommodo, o terrivel incommodo dos gritos das aves da velha. Havia um pavão que vinha pousar no muro e guinchar para a janella do meu quarto.

Que coisa horrivel é o guincho de um pavão nos nossos ouvidos!

Mandei, pelos creados, pedir á velha que contivesse o animal, que o mandasse para outro ponto da chacara, que era tão vasta. Creatura intratavel! Respondeu-me atravessadamente e não tomou providencia alguma.

Foi peor. Dahi por deante, o pavão que só gritava pelo amanhecer, deu para gritar o dia inteiro, empoleirado no muro, bem defronte do

meu quarto, como num capricho. Parecia ensinado o diabo do animal!

Pouco tempo depois de nascer o meu primeiro filho começou a dar-se em nossa casa um caso estranho — sumiam-se as coisas.

De uma feita, tendo eu acabado de pentear-me na alcova, em frente de um pequeno espelho de crystal e prata lavrada, que minha mãe me déra quando eu menina, sai do quarto, não me demorei cinco minutos e, ao voltar, o espelho havia desapparecido. De outra sumira-se, como por encanto, o estojo de barba de meu marido. Quasi todos os dias sumia-se um objecto qualquer, ora um jarrosinho de sala, ora um livro da bibliotheca, ora um tapete dos quartos.

Não havia possibilidade de desconfiar-se dos creados — todos velhos amigos da casa, servidores leaes do tempo de minha mãe.

Meu marido levou o caso á policia. A policia baldadamente procurou explicar o facto.

Eu vivia num estado de nervos de fazer pena. Que coisa estranha seria aquella, a do desapparecimento das coisas?!

De uma vez tive verdadeiro pavor. Eu propria acabara de dar uns retoques á mesa do almoço. O meu marido trouxera, na vespera, umas maçãs magnificas, grandes, de uma côr encantadora. Arrumei cuidadosamente as maçãs

na fruteira, como as mulheres sabem arrumar. Voltei ao quarto para attender ao meu filhinho que chorava. E, ao tornar á sala de jantar, quasi caí de susto. As maçãs tinham desapparecido. Havia duas ou tres no chão, denunciando que as outras tinham sido furtadas apressadamente. A mesa estava toda revolta.

As mulheres são sempre dadas a acreditar em mysterios. Eu acreditei, sinceramente, em almas do outro mundo. O meu tio avô, Justino Lamberto, fôra um dos homens mais irreverentes em assumptos religiosos. Passára a vida blasphemando contra os santos e contra Deus. E fôra ali, naquella casa, que elle morrera. Imaginei que todo aquelle mysterio era da sua alma desgraçada que penava no inferno.

Ao completar o quinto mez, o meu filhinho, que nascera tão lindo e tão forte, adoeceu subitamente. Uma bronchite aguda, que não houve meio de debellar. Ao oitavo dia de molestia, morreu.

Fui sempre uma creatura resignada, que tem conseguido até hoje receber a desgraça sem anniquilamento.

Eu propria, com as minhas proprias mãos, vesti o cadaverzinho de meu filho. Trouxe-o nos braços, para o collocar na mesinha coberta de flores, na sala de visitas.

Mas, a grande dôr que me comprimia o coração, era mais forte do que eu. Uma hora depois, sentada junto do corpo do meu filhinho, eu, que não tinha podido chorar até aquelle momento, tive uma explosão inesperada de lagrimas e prantos.

Correram todos para mim. Senti que ia desmaiar e agarrei-me aos hombros de meu marido, soluçando immensamente. Arrastaramme para a alcova, todos, os meus parentes e os meus criados, deixando sem ninguem a sala de visitas onde o meu filho, entre rendas e rosas, dormia o seu ultimo somno.

Chorei, chorei, chorei até descarregar o coração. A crise passou. Quiz voltar á sala de visitas, para junto do cadaver querido. Não me quizeram consentir. Insisti, insisti, teimei — tiveram que ceder.

Mas, ao entrar na sala, quasi que tombei no chão, com um grito.

Tinha desapparecido o cadaver de meu filho.

Ali, sobre a mesa, entre flores como eu propria o havia collocado, não estava.

Procurámol-o pela sala inteira, procurámol-o por todos os cantos da sala, por todos os escaninhos da casa, doidamente, apavoradamente — não estava.

Não creio que haja uma creatura capaz de avaliar a minha situação naquelle momento. O meu caso era um caso novo, inteiramente estranho, estranhadamente horrivel.

Não acredito se tenha dado scena mais singular, mais monstruosa e mais imprevista com qualquer outra mãe.

Fiquei como louca. O meu marido perdeu a cabeça. Não houve em nossa casa um espirito calmo. Ia escurecendo. Era necessario uma medida qualquer.

Como poderia ter desapparecido um cadaver de cima de uma mesa, na sala de visitas, no pequeno espaço de tempo em que deixamos a sala sem guarda?!

O meu irmão mais velho lembrou-se de chamar a policia. Era já noite fechada quando a policia chegou.

O caso era de uma estranheza desnorteadora. Não havia espirito capaz de lhe encontrar explicação. Foi interrogada a vizinhança. Ninguem, ninguem podia penetrar no mysterio. Um roubo? Teria alguem entrado e roubado a creança morta? Impossivel. Para que se quer um cadaver?

Defronte ficava uma quitanda e a quitandeira jurava não ter visto ninguem entrar ou sair.

Não ha, não haverá nunca quem avalie a noite tremenda que passei. De manhã cedo os meus cabellos, que eram os mais pretos da cidade, estavam brancos, da côr que hoje os tenho, mais alvos que uma pasta de algodão.

E d. Celina calou-se, levando o lenço aos olhos.

— E a creança, o cadaver? perguntei afoitamente.

Ella teve um tom de amargura maior na voz:

— Foi encontrado, ao meio-dia, na chacara vizinha, a da velha bruxa.

— Era uma roubadora de cadaveres, a velha?

— Não. Quem roubára o corpo do meu filhinho fôra a macaca, aquella grande macaca, do tamanho de uma mulher, que eu vira, um dia, entrar na chacara da bruxa. Escapulia da jaula e roubava coisas pela vizinhança, com uma subtileza imperceptivel. Era ella quem nos roubava os objectos em casa. E foi uma scena que nunca mais me saiu da cabeça, a da macaca com o cadaver de meu filho.

Os olhos de d. Celina tornaram-se a ensopar de lagrimas:

— Quando descobriram o roubo, a macaca tinha a creança apertada ao seio, extremosamente, como qualquer mãe humana. Ninguem pôde

approximar-se. Ficou como uma féra, gritando, defendendo o cadaver, apertando-o maternamente ao peito, aggressiva e furiosa para todos que se approximavam. Só a mim entregou o cadaver.

— Só á senhora! exclamámos todos ao mesmo tempo.

— Sim! Quando me approximei, louca, desvairada, o animal encarou-me; a sua expressão de furia mudou e, com o cadaver de meu filho nos braços, estendeu-mo com um ar tão doce, que parecia que estava a pedir-me perdão.

A MULHER QUE SE SACRIFICOU

A MULHER QUE SE SACRIFICOU

Meu caro amigo:

A portadora desta carta é d. Maria Carneiro, essa senhora alquebrada e velha que o amigo tem deante dos olhos. Tomo a liberdade de pedir para ella uma parcella da sua philantropia. A um homem de sua fortuna, que deve ter certamente um exercito de creaturas vivendo em derredor da sua magnanimidade e da sua bolsa, não se tem o direito de augmentar esse exercito sem primeiro explicar quem é a creatura para a qual se pede.

D. Maria Carneiro, meu caro amigo, tem uma historia dolorosissima. É filha de um velho amigo meu, o negociante Santos Carneiro que foi no seu tempo, não direi o mais rico,

mas, pelo menos, o mais estouvado negociante do Rio de Janeiro.

Santos Carneiro fez taes estouvamentos no commercio que um dia, sobrecarregado de compromissos, de negocios infelizes, viu-se obrigado a acabar com a existencia, enforcando-se no proprio escriptorio commercial.

Dona Teresa, a esposa, não resistiu ao golpe e, dois mezes depois, morria do coração.

A familia ficou em plena miseria. Não era muita gente, mas o bastante para um grande drama domestico. Era d. Maria, a portadora desta carta, nessa época com vinte e tres annos, e mais duas meninas, a Laura e a Flora, que não tinham ainda entrado na puberdade.

Com espanto de todos nós, amigos da casa, d. Maria tomou o encargo da familia. Não lhe preciso dizer que a luta foi tremenda. Santos Carneiro sustentava o estadão, e é muito difficil quem vive na opulencia acostumar-se de subito á pobreza.

D. Maria fez coisas incriveis de sacrificios. Sacrificios de saude, de mocidade, de educação, de tudo. A moça fina, que era, transformou-se inesperadamente na grande mourejadora. Com uma resignação e uma coragem excepcionaes, atirou-se á machina de coser, á tina de lavar, á cozinha, ao esfregão, a todos esses serviços

duros de uma casa, que nós, os homens, chamamos inconscientemente de serviços leves. Dois annos depois, ella, que era formosa (essa mulher que o amigo está vendo, derrotada e velhinha, foi bella como as mais bellas), ella, que era formosa, tinha o aspecto de uma ruina.

Mas sempre a lutar, a lutar como uma moura. A sua preoccupação, a sua mania, a sua obsessão unicas eram aquellas duas irmãs pequenas, que o destino transformou em suas filhas. O seu ideal era creal-as, educal-as e casal-as magnificamente. Metteu-se-lhe na cabeça que o futuro das duas meninas estava no casamento. E um casamento magnifico só poderiam ellas encontrar num meio magnifico. Era preciso, portanto, frequentar a alta roda.

E aos quinze annos, já mocinhas, a Laura e a Flora appareciam nos bailes, nas festas, nos theatros, lindamente postas, como joias que se expõem numa vitrina.

A vida mundana, como bem sabe o amigo, é um inferno para a bolsa. Os menores passos requerem gastos horriveis. Mas d. Maria trabalhava, trabalhava noite e dia, em tudo, de todas as maneiras, para que nunca faltassem ás duas irmãs os vestidos de seda, os sapatinhos de setim, as rendas, os perfumes, todas essas miudezas femininas que custam fortunas.

A luta foi simplesmente infernal. Era superior ás forças de uma mulher.

Começaram então as surpresas de uma vida ficticia. Ora, tinham as tres moças que mudar de casa, aturdidas por um despejo; ora, que fugir na rua de um credor exigente. Muitas vezes nada tinham em casa para comer, muitas vezes passavam semanas inteiras a café ralo e a pão duro, mas a Flora e a Laura, sempre na rua, num primor de elegancia que estonteava, frequentando os chás, os bailes, as regatas, tudo.

Naquelle trabalho incessante, naquelle mourejar sem treguas, a pobre d. Maria foi fanando. As mãos ficaram grossas como as de um lavrador, a pelle tostou-se, as maneiras perderam a distincção, a saude perdeu o viço antigo.

Creadas na rua, nesse ambiente falso de sociedade elegante, indo onde queriam, frequentando chás e clubes, ouvindo as barbaridades que os rapazes finos costumam dizer ás moças, era natural que a alma das duas, a de Laura e a de Flora, se contaminasse. E contaminou-se. Aos dezoito annos tinham apenas a virgindade physica, e fanada a belleza moral do coração.

Não tinham outra preoccupação senão os cinemas, as dansas, os rapazes cintados, o brilho exterior das coisas. Eram, sem tirar nem pôr,

duas «melindrosas», como hoje se costuma chamar.

Todo o mundo percebia que ali estavam dois casos que dariam que falar no futuro. Uma creatura apenas compreendia isso. Era d. Maria. A sua preoccupação unica era casar bem as irmãs, e só naquelle meio, frequentando-o com assiduidade, pensava, podiam ellas casar.

E, dia a dia, cresciam os sacrificios. As forças da pobre moça esgotavam-se na tina, no ferro de engommar, no esfregão, na agulha, para que nada faltasse á elegancia e ao luxo daquellas duas creaturinhas, que ella agora amava numa cegueira de mãe.

Muitas vezes tive vontade de abrir-lhe os olhos, de mostrar-lhe que todo aquelle sonho que ella penosamente erguia, tinha um dia que cair, como tudo que é ficticio; muitas vezes tive desejos de aconselhal-a que cuidasse de casar as irmãs num meio menos alto, com creaturas mais trabalhadoras que elegantes. Não o fiz; fiz mal.

A Flora e a Laura, inficionadas pelo ambiente que frequentavam, eram simplesmente insupportaveis. Tinham a irmã sacrificada como se tem a um traste imprestavel. Tratavam-na como se trata a uma escrava. Diziam-lhe no rosto as coisas mais lancinantes, exigiam-lhe sacrificios absolutamente espantosos.

E a pobre da d. Maria, sempre humilde, resignada, naquella eterna obsessão de trabalhar para que as irmãs pudessem, um dia, ter uma situação brilhante na vida.

— Não visto esta saia branca, porque está mal engommada! gritava uma.

— Eu não a preveni que me arranjasse dinheiro para um par de meias de seda azul?! gritava a outra.

Um inferno!

No começo, quem levava as duas creaturinhas aos bailes, aos chás, ás festas era a propria d. Maria. Depois, os apertos da vida, a falta de roupa, o ar de decadencia, tornaram-se motivos para que ella fôsse repellida pelas irmãs.

— Commigo você não sae com esse vestido indecente! berrava a Laura.

— É melhor você ficar para passar a ferro a roupa branca! ordenava Flora.

E, de um certo tempo em deante, em todo logar em que houvesse um rumor de festa, lá estavam as duas raparigas, agora sósinhas, lindas, impeccavelmente vestidas, cercadas sempre de uma côrte de rapazes desenvoltos.

Eu não podia compreender como o trabalho de d. Maria dava para todo aquelle luxo.

Mas em pouco tempo percebi que, tanto a Flora como a Laura, já não eram duas moças

no sentido vulgar do termo. Eram duas «piratas», como se costuma dizer actualmente. Ellas (desculpe-me o que houver de chulo na expressão) «cavavam» a vida por meio de expedientes. Passavam o plano nas modistas, no *chauffeur,* nos logistas, em todos.

Percebi esta coisa uma vez numa casa de chá. Uma dellas chegou-se a mim, pedindo-me dinheiro para pagar a despesa, por ter esquecido a carteira em casa. E isto se repetiu tantas vezes, que eu já as evitava na rua. Todas as occasiões que me encontravam, sempre se tinham esquecido do dinheiro para as despesas.

Soube depois que ellas faziam isso com todos os antigos conhecidos da familia.

Viviam as duas creaturas por esta cidade numa vida vertiginosa de aventuras audazes. As costureiras prendiam-lhes os vestidos durante mezes, e ellas andavam como doidas á cata de costureiras novas para passar o «conto». Piratas, verdadeiras piratas!

Não sei se o amigo conheceu o Pierre das sêdas. Era um francez que negociava ambulantetemente com as sedas mais bellas que têm vindo ao Rio.

Uma vez encontrei-o a caminho de uma delegacia, para dar queixa contra as duas moças. Deviam-lhe varios contos de réis.

Foi um ponto que eu não pude aclarar com segurança, esse do Pierre das sêdas. Uma semana depois, encontrando-o, elle me falou das duas raparigas com certo carinho. E, como eu lhe perguntasse se lhe tinham pago, respondeu-me, risonhamente, com a sua pronuncia afrancezada:

— Não pagaram, mas são muito interessantes.

O Pierre não era homem que se deixasse enganar...

E, enquanto ellas aqui fóra brilhavam, a pobre d. Maria arrebentava-se na tina, no ferro, na cozinha, ora dando pensão a rapazes, ora fazendo doces para confeitarias, trabalhando de dia, de noite, de madrugada, a fanar-se, a extinguir-se com uma resignação commovedora.

As irmãs progrediam em desenvoltura. Eram bailes todos os dias, a que ellas iam sósinhas, fingindo-se acompanhadas por outras moças, eram gastos sobre gastos, o diabo!

Um dia uma dellas entrou em casa com um solitario esplendido nas orelhas.

— Onde arranjaste isso? perguntou a irmã mais velha.

— Bati.

Era uma expressão nova para d. Maria. Mas a rapariga explicou. *Bater* era surripiar. Tinha

batido aquillo numa joalheria, no momento em que o caixeiro se distraira ao mostrar-lhe joias.

A pobre senhora empallideceu. Era um furto. Mas a gente se acostuma a tudo. O amor de d. Maria pelas irmãs attingia á cegueira. Ellas precisavam daquillo para casar.

E dahi por deante cada uma dellas apparecia sempre com uma coisa nova, uma joia, uma peça de renda, uma *trousse,* um córte de seda. Tinham *batido.*

D. Maria vivia na preoccupação de inventar mais trabalho. Um dia viu, num annuncio de jornal, que alguem pedia uma professora para uma menina, pagando bem. Tomou nota da casa e da rua, vestiu-se e saiu.

Era numa rua de Botafogo, a casa. Entrou e bateu. A escada tinha uma passadeira escarlate e no patamar palmeiras viçosas.

Subiu.

Lá dentro havia um ruido de risadas femininas.

O instincto de mulher fel-a desconfiar daquillo. Estava numa casa duvidosa.

Quiz descer; mas, uma velhota gorda appareceu, attendendo-a. Que subisse! que subisse!

E falaram. Era a velhota que havia annunciado. Tratava-se de uma creança, sua filha, a quem ella queria dar alguma educação.

— Quero fazer della uma moça, affirmou.

E com um ar de mãe que nunca deixa de ser, apezar de peccadora:

— Mas aqui em casa é impossivel. Isto é uma casa de mulheres...

E antes que d. Maria pudesse recusar-se:

— Entre, venha aqui para dentro. Deixe que eu lhe mostre a minha filhinha.

E arrastou-a gentilmente pelo braço.

Rasgou-se um reposteiro rico. O scenario que se abriu deante dos olhos de d. Maria fel-a tremer da cabeça aos pés. Era uma sala de jantar reluzente e em derredor da mesa quatro ou cinco mulheres, bebendo com rapazes.

Duas dellas eram a Flora e a Laura.

D. Maria não póde dar um passo, estatelada, sem uma pinga de sangue.

Calcule o amigo o que se teria passado naquelle pobre coração. Foi um desabamento completo. A sua mocidade sacrificada, a sua saude em ruina, os seus sonhos de moça, as noites perdidas, a fome, as torturas, as inquietações, tudo pelo bem daquellas duas irmãs, tudo, tudo para casal-as, e vinha encontral-as agora, numa casa daquellas, bebendo como *cocottes*...

Duas lagrimas silenciosas desceram-lhe pelo rosto.

— Que vem você fazer aqui? gritou a Flora.

— Ponha essa mulher para fóra! gritou a Laura.

E ella saiu cambaleante, arrastando miseravelmente o feixe de ossos que lhe compunha o corpo, sempre com aquellas duas lagrimas dolorosas a pingar-lhe nas faces frias.

Imagine o que se passou naquella alma que tudo tinha sacrificado inutilmente.

Hoje vive ella, sósinha, de esmolas. Não póde mais trabalhar. As irmãs gastaram-na. É uma ruina. É um muro velho que desabou.

Como o amigo vê, bem merece ella um cantinho na philantropia do seu coração de homem rico.

Do amigo e creado

V. C.

MADRUGADA NEGRA

MADRUGADA NEGRA

RIAMOS ainda do desfecho comico da historia que o dr. Camara acabava de contar, quando o Nogueira Lins, sempre triste, com aquelle todo esguio de cegonha, começou:

— Não tenho, infelizmente, um caso alegre para contar aos amigos. A minha historia é horrivel.

Era nos fundos de uma cervejaria, ás duas da madrugada. Reuniamo-nos ali todos os dias, e, naquella noite, alguem lembrára que contassemos os casos da nossa vida.

Ninguem vae contar coisas tristes no fundo de uma cervejaria, deante da espuma da cerveja. Todos nós haviamos escolhido o que havia de comico no nosso passado.

— Talvez os amigos não me queiram ouvir. A minha historia é dolorosissima.

O Conrado Pinto chegou a cadeira para mais perto da mesa:

— Era tambem uma historia má que eu queria contar.

— Não póde ser mais dolorosa que a minha, insistiu o Nogueira Lins.

— Por mais horrivel que seja a sua, nunca se poderá comparar á minha.

— Duvido. O meu caso é toda a minha desgraça. Eu hoje devia ser, pelo menos, senador da Republica, ministro ou banqueiro ou um grande nome no paiz. Arrasei-me completamente e, agora, nada mais sou que um guarda-livros de segunda ordem. Tudo pelo caso que lhes vou narrar. E o que é peor, em tudo isso, é que não tive e não tenho a mais pequena culpa.

E depois de uma ligeira pausa:

— Um dia vi-me envolvido na morte de uma mulher, mulher que eu nunca tinha visto, mas que morreu nos meus braços. Fui apontado como o assassino, passei varios annos na cadeia, desorganizei toda a minha vida, nunca mais tomei pé e aqui estou de nome mudado para poder viver o resto de meus dias.

E, voltando-se para o Conrado Pinto:

— Será mais dolorosa a sua historia?

— É!

— Conte-a. Prefiro guardar-me para o fim.

— Faça favor...

— Não, não. Insisto. Insisto porque tenho a certeza que a minha será mais triste que a sua.

Dispuzemo-nos a ouvir. O Conrado Pinto afastou para o meio da mesa o copo de cerveja:

— Casei-me muito moço. Cinco annos depois o Banco, em que eu era empregado, resolveu crear uma agencia na capital de S. Paulo. Fui eu o encarregado de organizar a agencia. Deixei a familia aqui no Rio e parti. Entre as muitas cartas de recommendação que levei, havia uma para o velho conselheiro Publio de Sá, uma das figuras mais altas e mais respeitaveis de São Paulo. O conselheiro era bahiano e com aquella expressão de hospitalidade que só se encontra na gente do norte. Apresentou-me á familia, fez-me intimo de sua casa.

Havia na familia do conselheiro um caso triste. D. Maria da Gloria, sua filha mais velha, era viuva. Casamento infeliz — o marido morrera seis mezes após o enlace, de um desastre de estrada de ferro. A pobre moça morava com os paes.

Não era uma creatura bonita, mas havia no seu ar de tristeza resignada, nas suas olhei-

ras roxas, qualquer coisa que deixava na gente uma profunda impressão de sympathia.

Em pouco tempo eramos amigos. Maria da Gloria tocava violino e eu arranhava o meu bocado de piano. Passavamos as tardes de domingo fazendo musica, no largo salão do palacete, á avenida Paulista.

Essas coisas são fataes, meus senhores. Dois corações novos não podem viver impunemente juntos. Quando dei por mim, estava apaixonado por ella, e ella apaixonada por mim.

Uma loucura aquillo — eu era casado. Combinámos então cortar o mal pela raiz: eu me afastaria procurando esquecel-a, e ella procuraria esquecer-me tambem.

Nem sempre essas coisas são faceis, nem sempre são possiveis.

Posso-lhes affirmar que, durante duas semanas, sinceramente procurei suffocar o coração.

O amor foi mais forte do que eu.

Voltei ao palacete do conselheiro. As tardes de musica, aos domingos, recomeçaram.

Não póde haver vislumbre de juizo entre duas creaturas que se amam doidamente; não póde. Quando se abrem os olhos, está-se a rolar inevitavelmente no abysmo.

Foi o que se deu comnosco. Um dia Maria

da Gloria confessou-me a sua desgraça. Sentia que ia ser mãe.

Quasi enlouqueci. Não lhes preciso pintar a situação horrenda que me surdia deante dos olhos. Uma familia daquellas, com as melhores relações da cidade, sempre vivendo num ambiente de moralidade rigorosa, illustre, querida, e eu a desmanchar-lhe a tranquilla felicidade domestica! Uma pobre viuva que tinha sempre vivido sem o mais leve deslise, bôa, suave, dentro da resignação da sua sorte, de um momento para o outro desgraçada, sem poder esconder a sua falta, e desgraçada por mim, um homem casado que, de maneira alguma, podia reparar a minha culpa! Ah! não lhes preciso dizer a minha situação!

Andei como um doido varios dias. O caso, porém, pedia um movimento pratico qualquer e urgente. O remedio, o unico, era eliminar o filho.

Como? Em S. Paulo? A familia saberia. O maior pavor, tanto meu, como de Maria da Gloria, era que a familia soubesse. Ella não resistiria á vergonha; eu não me sentia com forças para supportar a minha propria infamia.

Uma noite, depois de muito pensar, resolvi tudo. Seria aqui no Rio.

Maria da Gloria tinha uma tia velha, ali,

em Botafogo, á qual, de tempos em tempos, costumava visitar por longos mezes. Nada mais facil. Viria visitar a tia, e eu aqui me encarregava do resto.

Tive sempre uma certa quéda pela medicina. Se hoje não sou medico, a culpa foi só minha que, em rapazote, não tive paciencia para supportar seis annos de bancos academicos. Comprei livros e livros e puz-me a estudar abundantemente o meio de eliminar a creança que sete mezes depois viria naturalmente ao mundo.

Não sei se por muito estudar ou se pelo desejo febril da eliminação, acabei por me convencer que tudo era facil e que eu tinha a pericia e o manejo necessarios á operação do aborto.

Combinei tudo. Maria da Gloria começou a falar da viagem á familia. Vim ao Rio e aluguei, na rua da Alfandega, um segundo andar. Aluguei-o de nome trocado; convinha-me que nada transpirasse.

Não se diga que tivesse havido nos meus planos uma linha de ingenuidade ou de precipitação. A minha má sorte é que os fez falhar.

Taes quaes os tracei eram excellentes: fingindo que telegraphava á tia, Maria da Gloria embarcaria sózinha para o Rio (o que mais de uma vez havia feito) e, em vez de seguir para

Botafogo, seguiria commigo para o segundo andar da rua da Alfandega. Lá eu me encarregaria do resto e, logo que tudo estivesse realizado, no dia seguinte ou dois dias depois, ella se apresentaria em Botafogo, como se tivesse chegado naquella noite.

No principio as coisas correram bem.

Fui á «gare» da Central recebel-a. Mettemo-nos num automovel fechado. Uma noite fria, de muito vento e muita chuva.

O segundo andar da rua da Alfandega era de um desses casarões antigos, de salas vastas como amphitheatros, sombrias, desoladas. Não havia luz. Muni-me de uma caixa de velas. Ninguem morava no predio. No andar terreo — um deposito de cordames de navios; no primeiro andar — escriptorios de advogados e medicos. Áquella hora da noite não havia viv'alma na casa.

Os meus amigos serão forçados a concordar que eu fôra habil na escolha do predio.

Era uma hora da madrugada, quando comecei a operação. Não me faltava um ferro cirurgico.

Eu devia estar completamente louco, quando imaginei que pudesse realizar aquillo, de que nem mesmo os cirurgiões os mais peritos, os de mais longa pratica, podem garantir o successo.

Horrivel! Horrivel! Em menos de dez minutos Maria da Gloria estava lavada em sangue. Faltava-me tudo ali: pannos, algodões, apparelhos necessarios para conter a hemorrhagia.

Eu tinha sido um desastrado. Errara tudo.

E deante do sangue que já escorria pelo assoalho, deante do corpo desmaiado de Maria da Gloria, dernorteei e puz-me a fazer loucuras.

Cada vez mais o sangue borbotava. Fiquei como um doido, a mover-me desordenadamente por aquellas immensas salas que as velas mal allumiavam, ora a sacudir Maria da Gloria, a chamal-a, friccionando-lhe o peito, ora correndo á janella, sem sentir coragem de gritar por soccorro.

A noite era profunda. Chovia como num diluvio. A rua parecia o corredor de um subterraneo.

Ás duas horas da madrugada podiam metterme no hospicio, que eu devia estar completamente louco.

Percebi que Maria da Gloria ia morrer.

Considerem um instante o meu caso. Que ia ser de mim, depois daquillo? Que ia ser de mim, se ella morresse?

E ella começava de facto a morrer, esvaida em sangue.

De cabeça em brasas, desço num pulo a escada para gritar soccorro. Não havia ninguem na rua. A chuva continuava a cair ruidosamente.

Corro á primeira esquina. Um homem vae passando, embuçado. Agarro-o. Conto-lhe por alto a minha desgraça, insisto, arrasto-o.

Por pena ou curiosidade elle acompanha-me ao segundo andar. Ao ver o quadro, estatela-se, commove-se.

— Corra, corra, vá buscar um medico! grita-me.

— Onde, a esta hora?

— Chame a Assistencia, depressa!

Desço de novo á rua. Cabello ao vento, molhado pela chuva, ando por todo o bairro, á procura de um telephone. Debalde. Não passa um carro, um automovel, nada.

Começo a sentir a cabeça tonta. Tento accender as energias e andar. Mas sinto que vou cair e caio no batente de uma porta.

Estive um mez de cama, delirando. Quando voltei a mim, e pude ler os jornaes, soube de tudo. A policia prendera um homem junto do cadaver de Maria da Gloria, no segundo andar da rua da Alfandega, e processava-o. Havia todas as provas contra elle...

Conrado Pinto não pôde concluir a ultima palavra.

Nogueira Lins, de subito, avançára-lhe á garganta, suffocando-o.

Erguemo-nos todos, surpreendidos, procurando detel-o.

E elle, de dedos crispados no pescoço do Conrado, olhos fuzilantes, gritava, apertando e apertando mais:

— O homem era eu! Era eu!

GIGI

GIGI

QUANDO a Gigi, naquella tarde, ouviu da propria boca do feitor a noticia de que «seu» Dédé chegava no outro dia para morar definitivamente na fazenda, sentiu, de subito, uma onda de sangue subir-lhe á cabeça.

E, em caminho de casa, pela estrada do morro, levava de quando em quando a mão ao peito, como para conter o coração, que lhe batia doidamente nas carnes. Era fatal! O remedio ali era liquidar o marido, o João Cotó.

Aquella idéa vinha-a mordendo havia varios mezes. Desde muito tempo que aquillo lhe não saía da cabeça, remoendo-a noites inteiras, como uma obsessão doentia.

A historia da Gigi era um desses dramas tristonhos, guardados silenciosamente no fundo

do coração como um verme no fundo de um buraco.

Tinha ella dezeseis annos, quando «seu» Dédé appareceu, ali, na fazenda, para visitar os paes. O namoro começou na mesma noite da chegada, emquanto no pateo da fazenda ribombavam as «ronqueiras» da festa.

«Seu» Dédé vinha de Pernambuco passar as ferias de estudante com a familia. Era um rapagão corado, alegre, com um quê nos olhos que endoidecia as moças.

Ella entrava na quadra em que as mulheres começam a florescer, naquelle periodo encantador em que se passa de menina para mulher, em que a carne vae sentindo os primeiros anseios do peccado e o coração vae estremecendo ás primeiras palpitações do amor.

Uma semana depois já se iam encontrar a sós, á tarde, á larga sombra do tamarindeiro do riacho. Foi aquelle o unico tempo feliz de sua vida.

A sua casa dava fundos para a cerca do quintal da «casa grande». «Seu» Dédé morava num quarto que se não communicava com o resto da casa da fazenda.

O encontro dava-se todas as noites. Era ella quem vinha ao quarto do rapaz, esgueirando-se por entre as arvores, escondendo-se nas

moitas, quando ouvia algum rumor, e pulando depois a janella do aposento em que o estudante a esperava.

Foi um tempo de ouro, que nunca mais pôde esquecer.

«Seu» Dédé devia ser o mais doce dos homens. Tomava-a nos braços como se toma a uma boneca, vibrava ao mais leve estremecer do seu corpo, enchia-a de mimos e beijos, e a noite inteira, os dois, numa tempestade de amor, ali ficavam até de madrugada, esquecidos do mundo, da vida e de tudo.

Numa doçura daquellas devia ser bom passar a existencia inteira. Nunca houve um dia em que elle tivesse para ella uma palavra aspera. Era sempre o mesmo carinho, hora a hora mais doce, hora a hora mais ardente, uma ternura incrivel na voz, uma febre allucinante nos beijos. Tudo a prendia naquelle quarto e naquelles braços: o ambiente, que sempre sonhára nas suas fantasias de moça, ambiente de asseio e riqueza, tão differente do seu ranchinho de palha; os quindins do rapaz; o tom de delicadeza com que elle a envolvia seductoramente.

Fôra aquelle o seu primeiro amor, mas, embora não soubesse como os outros eram, tinha a certeza que nenhum devia ser melhor que o seu. Tinha o coração a extravasar de

orgulho, o orgulho de ser possuida por aquelle moço, o mais lindo, o mais fino, o mais educado dos moços ali das redondezas.

Mezes antes, quando a sua prima Florencia se casára com o Chiquinho Beijoca, tivera-lhe uma certa inveja — o rapaz era bonito e novo, querido das raparigas. Mas agora se sentia mais feliz que a prima.

Quem era o Chiquinho comparado com o «seu» Dédé?! O Chiquinho, um simples ferreiro, sem saber dizer coisas bonitas aos ouvidos da gente, entrando em casa suado, fedendo, a camisa suja de suor e carvão, os pés descalços, as mãos mais asperas que os pedregulhos do morro!

E «seu» Dédé, sempre limpo, bem calçado, bem tratado, cheiroso, os dentes mais alvos que uma folha de papel, umas camisas tão finas que pareciam de cambraia, as mãos mais lisas que a sêda, mãos que davam vontade da gente acarinhal-as e beijal-as a noite inteira!

Mas aquillo não durou tres mezes. Um dia «seu» Dédé disse que ia partir. Tinha que voltar aos estudos. Na noite da despedida foi uma scena de dôr no quarto da fazenda. Ella chorou, elle tambem.

— Eu vou comtigo.

— Estás louca!

Era impossivel: um simples estudante, vivendo ainda da mezada dos paes. Ella que o esperasse. Logo que concluisse o curso, viria e viria pressurosamente para aquelle amor delicioso que o ia encher de saudades em Pernambuco.

— E voltas?

— Certamente. Quando não fosse por minha familia, seria por ti.

Ella esperou. Esperou um anno, dois annos, cinco.

Nenhum rapaz do povoado teve della um sorriso ao menos. Ninguem sabia o que era aquillo. Os amores com o estudante tinham ficado em segredo.

Mas «seu» Dédé nunca lhe escrevera uma linha. As noticias que delle sabia, vinham sempre retalhar-lhe o coração. Que não vinha mais, que ficava mesmo em Pernambuco, que estava viajando pela Europa, que não queria mais saber do sertão.

Foi no quinto anno de desillusões que lhe appareceu o casamento com o João Cotó. Não queria; a sua vontade era nunca mais entregar-se a outro homem. Mas os parentes tanto fizeram, tanto fizeram, que não pôde deixar de ceder.

O João Cotó era bemquisto no logar, tinha as suas cabecinhas de gado, seu dinheiri-

nho junto e só uma doida o não agarraria. Casou-se.

Não teve desillusão porque esperava aquelle sacrificio. Mas, em vez de acostumar-se ao homem a quem se ligára, dia a dia lhe creava mais odio.

O João Cotó fazia-lhe lembrar a todo instante o «seu» Dédé. E quando o via entrar em casa, de volta do campo, pingando suor, a camisa de riscado toda molhada, a cara arranhada pelos espinhos dos cerrados, cheio de terra e lama, vinha-lhe um nojo, uma vontade de esganal-o.

Que differença do outro, limpo, trescalando a agua de Colonia, com um cheiro tão bom, que a gente tinha vontade de ficar eternamente embebida naquelle cheiro.

Á noite era um supplicio. Quando o João Cotó se vinha deitar, de barba espinhosa, as mãos mais asperas que um cardo e aquelle horrivel cheiro de carne suada, ella o repellia, cuspindo:

— Vae-te lavar, creatura. Tu cheiras ao teu cavallo.

E se elle a prendia para beijal-a, o seu nojo era maior:

— Vae limpar esses dentes, porco!

Um inferno. Momento a momento o odio

e o nojo lhe cresciam no peito. Qual! não era possivel levar aquillo até ao fim da vida.

Foi só quando morreram os paes de «seu» Dédé que lhe surgiu na cabeça aquella idéa de exterminar o marido. Correu pela fazenda a noticia de que o moço viria para administrar os seus bens.

Um alegrão na sua alma. Ia a vida reflorescer para ella! Elle promettera voltar, e voltava, naturalmente vibrando pelo amor antigo, por aquellas noites magnificas do quarto da «casa grande». Ah! ia-lhe a vida reflorescer!

Mas como, com a peste do João Cotó, sempre junto della, senhor do seu corpo, seu marido, e com um ciume de féra?!...

Na noite, em que ouviu da propria boca do feitor que o moço chegava no outro dia, rolou na cama até ao amanhecer, sem dormir.

Ao clarear o dia, tinha tudo na cabeça delineado. Seria no almoço, a «coisa». O João Cotó, a cuidar do gado, nunca vinha almoçar a hora certa. O plano parecia-lhe excellente. Tinha, no bahú, um veneno que o boticario da villa lhe vendera para matar os ratos. Era só misturar o veneno no prato do almoço do marido, reservando outro prato sem veneno nenhum. Tudo havia de correr bem, com favor de Deus. Ninguem, no povoado, poderia reconhecer se

elle morrera envenenado e, se reconhecesse, com a maior serenidade diria que aquelle prato de comida havia sido reservado para os ratos, e que o seu marido é que se enganára comendo aquelle em vez do outro que lhe guardára.

Havia de correr a «coisa» maravilhosamente.

*

* *

Ao meio dia, quando a Gigi pisou no pateo da «casa grande», estrondavam as ronqueiras festivas e o povo fervia a dansar á sombra das arvores. Batia-lhe o coração alviçareiramente.

Mal foi ella chegando, «seu» Dédé surgiu ao avarandado, ao lado de uma mulher que parecia uma princeza. Sem saber por que sentiu que o sangue lhe parou dentro das veias. Mas, empurrando aqui, acotovelando ali, varou por entre a multidão, em rumo da cancella.

O feitor, ao vel-a, abriu-se num sorriso amigo:

— Olhe quem está aqui, doutor.

O Dédé olhou-a.

— Quem é?

— O senhor já não se lembra? A Gigi.

— Ah! sim! Como estás mudada!

E estendeu-lhe friamente a mão. Depois voltou a falar á mulher formosa, ao lado:

— A Gigi póde servir-te. É limpa e dará uma boa creadinha.

A rapariga ficou ali tranzida, muda, mais branca que a parede caiada de novo, confundida no torvelinho do povo. O feitor veio passando. Ella puxou-o pelo braço:

— Quem é aquella mulher? interrogou roucamente.

— A «moça» do doutor. Pedação de mulher! não achas?

A Gigi encostou-se á parêde para não cair.

E ali ficou por muito tempo aturdida, abestalhada, vasia como se o mundo tivesse, de subito, acabado para ella.

Soavam vivas na varanda e ronqueiras lá fóra.

De repente sentiu que lhe subia á cabeça um fluxo de sangue; um pensamento passou-lhe como um raio pelo espirito e, rompendo a multidão, saiu a correr, estrada á fóra, a caminho de casa.

E, mal transpoz a porta da palhoça, ouviu lá dentro um rumor de pratos. O João Cotó, sentado á meza, com o prato em frente, ia começando o almoço. Era a primeira colherada a levar

a boca. A Gigi deteve-lhe a mão que segurava a colher.

— Não comas isso, que é dos ratos, disse esfogueada e rapida.

Correu depois a cozinha, trazendo o outro prato de comida.

— Este é que é o teu.

E de costas, sentada no chão, poz-se a comer o almoço que havia tomado ao marido.

— Tu não disseste que essa comida era dos ratos? como a estás comendo? perguntou o João Cotó.

— Brincadeira minha, respondeu ella.

E com as lagrimas a escorrer rosto abaixo, atirou-se a comer nervosamente, as pressas, como se fosse aquella a ultima vez que comia na vida.

O MATADOR DE CRIANÇAS

O MATADOR DE CREANÇAS

TRES dias depois do jury do capitalista Diniz de Padua encontrei-me, no bonde da Gavea, com o engenheiro Gastão do Lago, meu velho amigo de muitos annos.

Gastão do Lago servira no conselho de sentença que condemnára o réo, e eu queria minucias do jury.

O caso havia-me interessado até ao mais fundo da curiosidade.

O capitalista Diniz de Padua, vulto de maior destaque no alto commercio daquelle tempo, modelo de virtudes, de bom gosto e elegancia, fôra surpreendido envenenando a neta, uma creança de tres annos, loira como uma espiga nova, alegre e risonha como um passaro solto.

As circunstancias do crime eram horriveis.

O capitalista matara a pequenita lentamente, dia a dia, dosando maior porção de veneno, até á tarde fatal em que a creança morrera.

Não havia apenas indicios vehementes de que fôra elle o autor da morte, mas a segurança, a certeza, a prova. Num armario de seu gabinete particular encontraram-se varios frascos de veneno, uns cheios, outros vasios, um veneno mysterioso que os medicos nunca puderam determinar, com precisão, o que fôsse. Depois de negativas teimosas o capitalista acabara confessando tudo e de uma maneira cynica, imprevista e revoltante. Matára por *sport*, affirmára, movendo os hombros.

Matára a netinha, tão pequena e tão loira, por *sport!...*

A policia acabou por apurar que duas ou tres creanças da edade da pequenita, netas tambem do argentario, mortas havia alguns annos, tinham sido tambem por elle assassinadas, com o tal veneno desconhecido.

O crime tivera uma enscenação ruidosa, a principio a do mysterio, depois a grande enscenação do nome do criminoso. A cidade ferveu de odio por muitos dias. Ninguem podia imaginar na figura de Diniz de Padua, tão distincto, amavel, correcto e feliz, a veia repugnante de um assassino capaz de matar paciente e

friamente os netinhos. Miseravel! infame! Ah! a pena de morte para um bandido assim!

Eu crivava o Gastão do Lago de perguntas. Como se apresentára o miseravel no jury? Com o mesmo cynismo que na policia? E a cara? Que expressão tivera elle durante a accusação? Como ouvira as palavras do promotor? Como recebera a condemnação? Tranquillo?! Indifferente?! Bandido! bandido!

— Condemnação unanime, não foi assim?! perguntei num tom affirmativo.

— Não. Houve um voto a favor do réo, respondeu o meu amigo.

— Não é possivel!

— É exacto.

— Quem foi esse miseravel?

— Não foi miseravel nenhum.

— Estás a brincar!

— Palavra, houve um voto a favor.

Mordi os beiços.

— Não estaria, esse tipo do voto a favor, convencido de que o Diniz de Padua era um matador de creanças?

— Estava.

— Não teria a segurança de que elle matou miseravelmente a netinha?

— A segurança total. Tinha mais a certeza de que as duas outras creanças que morreram

anteriormente foram assassinadas pelo capitalista.

— Então...

Gastão do Lago chegou-se para mais perto de mim.

— Ouve-me. Ha uma justificação. É necessario primeiro ouvir a historia do Diniz de Padua, historia que ninguem conhece aqui no Rio, mas que é horrenda e estranha.

Conheci o Diniz de Padua em Feira de Sant'Anna, na Bahia. Era já rico, com grandes negocios de gado. Devia ter os seus quarenta annos, quando se apaixonou por d. Angelica, que, naquelle tempo, não tinha mais que dezoito.

D. Angelica foi o typo de mulher mais formosa que eu tenho visto em dias da minha vida. Alta, clara, os cabellos de um ouro illuminado, o olhar de uma humidade languescente, era uma creatura magnifica, dessas bellezas apparatosas que não só nos enchem os olhos, como tambem o coração.

O Diniz de Padua, casou-se completamente perdido de amor. Vim para o Rio e nunca mais nos vimos.

Passaram-se varios annos. Uma noite, num baile em casa da baroneza Lopes da Cunha, vejo entrar d. Angelica ao lado de um rapagão

moreno e, atrás, um homem grisalho, com ar distincto e maneiras gentis.

Conheci immediatamente o Diniz de Padua. Mas havia agora uma comedia que me vinha desnortear. O Diniz não era mais o marido de d. Angelica, era o pae. O marido, ao que me affirmou toda a gente na festa, era o rapagão moreno.

— E como se explicava aquillo? perguntei.

— Um dos taes dramas domesticos, horrendos, nojentos, extravagantes, de que ha tantos debaixo desses telhados e de que aqui fóra não sabemos.

Imagina a minha surpresa, quando o Diniz de Padua me foi apresentado como pae de d. Angelica e esta como mulher do rapagão moreno, o Bernardes Colomba, que ainda hoje a sociedade acceita como o marido. Não me conheceram.

Compreendi que ali estava um drama conjugal que eu nunca devia desvendar aos olhos ignorantes.

A familia tem o seu mecanismo proprio e diabo leve a quem quizer introduzir novidades na machina. Funccionava bem com aquella farça e não seria eu a perturbar-lhe o funccionamento.

Mas a minha curiosidade, a minha horrivel curiosidade! Fiquei com o caso na cabeça, a

verrumar-me todos os dias, todas as horas. Voltando á Feira de Sant'Anna, lá me contaram tudo. É um romance negro.

E Gastão do Lago contou emocionadamente:

Um anno depois de casado, Diniz de Padua adoeceu. Foi á Europa, voltou, doente sempre. Entregou-se afinal a um curandeiro da roça. As tisanas dos curandeiros da roça são medicações terriveis — fazem bem a uma coisa e mal a outras. Quando o Diniz se restabeleceu, estava perdido. Era homem apenas na figura sempre distincta, sempre sympathica; nunca mais o seria nos impulsos que caracterizam o nosso sexo. D. Angelica tinha vinte annos. Era a violenta eloquencia da carne, a pujança mais viva dos desejos.

— Vê tu a situação desse homem. Por bem dizer novo, rico, com a mulher mais linda da terra, amando-a numa cegueira e sem poder amal-a.

Deu-se o que era de esperar. D. Angelica teve um amante, esse Bernardes Colomba que tu conheces. O rapaz appareceu em Feira de Sant'Anna como promotor publico, e o namoro começou.

Numa cidade pequena essas coisas saltam logo aos olhos. O marido foi um dos primeiros a saber. Resolveu a situação discretamente: mu-

dar-se-ia para o Rio, pretextando altos negocios, fugindo assim ao ridiculo da lingua mexeriqueira e impiedosa da gente do interior. Mas a sua força moral, o prestigio domestico estavam completamente arrasados. A mulher bateu o pé. Só viria se o amante a acompanhasse.

— E não teve esse homem coragem de mandar essa mulher para o inferno?! exclamei revoltado.

— Sabes lá o que são esses amores doentios, absorventes, que se infiltram nos espiritos enfermos? O amor, que é mais velho do que tudo, é a eterna surpresa, a inesgotavel novidade.

O Diniz de Padua amava a mulher numa embriaguez total. Sujeitou-se a tudo.

Aqui, para attender ás conveniencias e talvez por lembrança da mulher, apresentou-se como pae de d. Angelica e esta como esposa de Bernardes Colomba. O Rio não os conhecia, a mascara podia ser perfeita. A sociedade acceitou-os de portas abertas. A belleza majestosa de d. Angelica impressionou as altas rodas.

— Considera bem a situação miseravel do Diniz de Padua, continuou o Gastão do Lago, depois de uma pausa. Marido com todos os sacramentos, dono, senhor absoluto daquella mulher, tendo de a entregar a outro, de dizer,

com a sua propria boca, que o outro era marido, isto apenas porque não sentia dentro em si um assomo de energia para separar-se da creatura a quem amava numa obsessão e numa tortura.

Vê, considera a situação desse pobre homem, a fingir de pae, a conservar por tantos annos a mesma mascara na cara, a sorrir, a fingir felicidade, a fazer de comediante numa farça ignobil, em que o unico ridiculo, o unico torturado era elle.

Que odio, que odio horrendo, diabolico, incontido não devia elle ter por aquella mulher e por aquelle homem!

Imagina o que não devia ir na alma do desgraçado no dia em que nasceu o primeiro filho de d. Angelica, filho que elle sabia que era do outro, filho que era a prova da sua miseria, da sua escravidão e da sua infamia. Que angustia estranha não havia de soffrer o pobre homem ao ouvir a creança, na sua inconsciencia, chamar-lhe vovô, beijar-lhe as barbas e afagar-lhe o rosto!

Considera um instante, e vê quanto não soffria o desgraçado tão rico, tão infeliz dentro do seu ouro e tão miseravel dentro de sua casa!

— Não tendo forças para vingar-se da mulher, continuou Gastão do Lago, Diniz de Padua vingou-se nos filhos della.

Ninguem sabe, ao certo, a visão desses espiritos doentios. É possivel que o capitalista visse nas creanças o supplicio vivo que a mulher lhe impunha.

Nunca um filho de d. Angelica passou dos tres annos e tres mezes.

Morreram todos com uma edade exacta.

Os desequilibrados passionaes fazem a cultura do requinte. Diniz de Padua preoccupava-se em matar os filhos de sua mulher ao chegarem sempre a uma determinada edade — tres annos e tres mezes. E matava-os devagarinho, dia a dia, dóse a dóse de veneno, com a voluptuosidade do gato que leva horas inteiras a brincar com o ratinho entre os dentes. E matal-os-ia a todos que viessem nascendo, se não tivesse sido apanhado.

— Pela criada, não é verdade?

— Isso disseram os jornaes. Mas quem o apanhou foi d. Angelica. As mães têm a virtude de adivinhar.

E ella mesma, no fundo, devia esperar alguma vingança do marido legitimo. Ao morrer-lhe o primeiro filho, ficou de sobre-aviso. Ao morrer-lhe o segundo, quasi que teve a certeza.

Ficou de sentinella, mas o disfarce do Diniz de Padua era tal, que ella não conseguiu salvar a vida do terceiro. O caso é horrendo, mas ha-

vemos de concordar que o capitalista não era um matador de creanças. Matava-as apenas para vingar-se da mulher.

O bonde parou. Gastão do Lago apertou-me as mãos apressadamente, ao estribo, dizendo:

— O voto a favor do réu foi meu. Não me arrependo.

E saltou.

INDICE

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL,
(ALMANAK LAEMMERT)
R. D. MANOEL, 62 — RIO DE JANEIRO
AOS 7 DE OUTUBRO DE 1921.